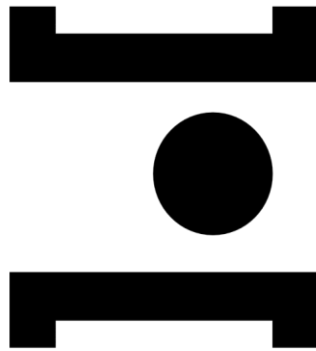


**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM**  
**Escola Superior de Educação de Santarém**



**POLITÉCNICO  
DE SANTARÉM**

**Motivação e envolvimento em contexto educativo**

**Relatório de Estágio**

**Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Gonçalo Nunes Dias Soares**

**Orientação:**

**Professora Sónia Raquel Seixas**

julho, 2023



*“The most difficult thing is the decision to act,  
the rest is merely tenacity”.*

**– Amelia Earhart**

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, muito obrigado à professora Sónia Seixas que orientou este trabalho, por todo o seu interesse, incentivo, dedicação e disponibilidade.

Às educadoras e professoras das várias instituições onde estagiei sou grato por me terem sempre apoiado e contribuído para o sucesso do trabalho que desenvolvi com as crianças.

Aos meus pais e aos meus avós maternos que acompanharam todo o meu percurso, que se orgulham de mim pelas minhas conquistas e sempre me apoiaram.

Aos meus amigos e amigas que me acompanharam no meu percurso académico.

A todos muito obrigado!

## Resumo

O presente relatório final de estágio no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), debruça-se sobre a motivação e envolvimento em contexto educativo, encontrando-se dividido em duas partes: a primeira, apresenta a caracterização e percurso realizado nos diversos contextos de estágios e a segunda, descreve o percurso investigativo, onde se pretendeu compreender o papel da motivação no envolvimento das crianças em atividades em sala de aula; identificar as representações dos professores relativamente a estratégias promotoras da motivação e envolvimento das crianças do 1º ciclo; e por fim, caracterizar as conceções das crianças do 1º ciclo acerca das estratégias promotoras da sua motivação e envolvimento.

Para tal, desenhou-se um estudo de natureza qualitativa, tendo sido entrevistadas 2 professoras e 35 alunos do 1º CEB, e elaborada uma análise de conteúdo. De um modo geral verificou-se no discurso dos profissionais de educação que estes consideram que os alunos necessitam de ser estimulados, para que se sintam motivados para a aprendizagem. Por outro lado, através das respostas obtidas pelos alunos, é visível o seu gosto pela escola assim como a sua motivação para participar nas aulas.

**Palavras-chave:** Motivação; Envolvimento; 1º Ciclo.

## Abstract

This final internship report focuses on the topic of motivation and involvement within an educational context. It is part of my Master's Degree in Pre-School and Primary School Education and has been divided into two parts, as follows: the first part is centred on the aspects and routes taken within the various internship contexts. The second part describes the research undertaken, with a view to better understanding the need for motivation and involvement during classroom activities; it identifies the role of teachers as regards the strategies that promote motivation and involvement in primary school children and, finally, it characterises the conceptions made by primary school children in respect of which strategies promote motivation and involvement.

To this effect, we put together a qualitative study, having interviewed 2 teachers and 35 primary school children, having then prepared an analysis based on those replies. The conclusions reached, from a teacher perspective were that the children need to have some type of stimulation to feel motivated towards learning. On the other hand, from the student replies, it was clear that the children enjoy school and are self-motivated to participate in the classroom activities.

**Keyword:** Motivation; Involvement; 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	iv
<b>Resumo</b> .....	v
<b>Índice de Figuras</b> .....	x
<b>Índice de Tabelas</b> .....	x
<b>Lista de siglas</b> .....	x
<b>Índice de Anexos</b> .....	x
<b>Introdução</b> .....	- 1 -
<b>Parte I – Prática de ensino supervisionada</b> .....	- 2 -
<b>Creche</b> .....	- 2 -
<b>Contextualização</b> .....	- 2 -
Caracterização da instituição. ....	- 2 -
Caracterização da sala.....	- 3 -
Caracterização do grupo de crianças .....	- 4 -
<b>Projeto de intervenção – Explorar para aprender</b> .....	- 5 -
Descrição do projeto.....	- 5 -
<b>Reflexão sobre a prática educativa</b> .....	- 11 -
<b>Jardim de Infância</b> .....	- 16 -
<b>Contextualização</b> .....	- 16 -
Caracterização da Instituição .....	- 16 -
Caracterização da sala.....	- 17 -
Caracterização do grupo de crianças .....	- 19 -
<b>Projeto de Intervenção – Era uma vez o envolvimento nas Artes e no Mundo</b> ..	- 20 -
Estratégias e atividades implementadas .....	- 23 -
<b>Reflexão sobre a prática educativa</b> .....	- 27 -
<b>1º Ciclo do Ensino Básico – 1º Ano</b> .....	- 33 -
<b>Contextualização</b> .....	- 33 -
Caracterização da Instituição .....	- 33 -
Caracterização da sala.....	- 34 -
Caracterização da turma.....	- 34 -
<b>Projeto de intervenção – O (des)envolvimento na leitura e escrita</b> .....	- 35 -
Descrição do Projeto .....	- 35 -
Estratégias e atividades implementadas .....	- 36 -
<b>Reflexão sobre a prática educativa</b> .....	- 37 -
<b>1º Ciclo do ensino Básico – 3º Ano</b> .....	- 43 -

<b>Contextualização</b> .....	- 43 -
Caracterização da instituição .....	- 43 -
Caracterização da sala.....	- 43 -
Caracterização da turma.....	- 44 -
<b>Projeto de intervenção - Motivação e envolvimento em contexto educativo</b> ....	- 46 -
Descrição do Projeto .....	- 46 -
Estratégias e atividades implementadas .....	- 46 -
<b>Reflexão sobre a prática educativa</b> .....	- 47 -
<b>Reflexão Final sobre a prática educativa</b> .....	- 53 -
<b>Parte II – Exercício investigativo</b> .....	- 55 -
<b>Problemática</b> .....	- 55 -
<b>Questão de investigação</b> .....	- 55 -
<b>Questões orientadoras</b> .....	- 55 -
<b>Objetivos</b> .....	- 55 -
<b>Metodologia</b> .....	- 56 -
<b>Tipo de estudo</b> .....	- 56 -
<b>Participantes</b> .....	- 56 -
<b>Instrumentos</b> .....	- 57 -
<b>Procedimentos</b> .....	- 57 -
<b>Enquadramento Teórico</b> .....	- 58 -
<b>Motivação</b> .....	- 59 -
<b>Classificação das Teorias de Motivação</b> .....	- 62 -
Teorias Comportamentais ou Behavioristas .....	- 63 -
Teoria do Reforço.....	- 64 -
Teoria Cognitiva .....	- 65 -
<b>Motivação em contexto de ensino e de aprendizagem</b> .....	- 66 -
<b>Motivação intrínseca e extrínseca</b> .....	- 68 -
<b>Envolvimento</b> .....	- 69 -
<b>Envolvimento em contexto de ensino e de aprendizagem</b> .....	- 70 -
<b>Entrevistas</b> .....	- 72 -
<b>Entrevistas a Professoras de 1º Ciclo</b> .....	- 72 -
Tabela 1: Análise de conteúdo às entrevistas às professoras.....	- 72 -
Apresentação e análise de resultados.....	- 75 -
<b>Entrevistas a alunos</b> .....	- 77 -
Tabela 2: Análise de conteúdo às entrevistas a alunos do 1º e 4º ano do 1º CEB:..	- 77 -

Apresentação e análise de resultados.....	- 80 -
Comparação dos resultados entre professores e alunos .....	- 81 -
<b>Considerações finais</b> .....	- 83 -
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	- 85 -
<b>Anexos:</b> .....	- 89 -

## Índice de Figuras

- Figura 1 – Visão geral da sala com as diferentes áreas
- Figura 2 – Criança a manusear a tesoura para recortar
- Figura 3 – Criança a observar flores com a lupa
- Figura 4 – Crianças a manusear a terra molhada
- Figura 5 – Disposição geral da sala e respetivos equipamentos
- Figura 6 – Outra perspetiva da disposição da sala
- Figura 7 – Imagem da Pirâmide de Maslow

## Índice de Tabelas

- Tabela 1 – Tabela de entrevista a professoras do 1º ciclo
- Tabela 2 - Tabela de entrevistas a alunos do 1º e 4º ano do 1º ciclo

## Lista de siglas

- JI – Jardim de Infância
- CEB – Ciclo de Ensino Básico
- US – Unidades de sentido
- OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

## Índice de Anexos

- Anexo A – Guião de entrevistas às professoras
- Anexo B – Guião de entrevistas aos alunos
- Anexo C – Respostas das professoras
- Anexo D – Respostas dos alunos

## Introdução

Este trabalho foi elaborado com base na seguinte pergunta de partida: “Que estratégias promovem a motivação e envolvimento em contexto de sala de aula?”.

Para tal, foi dividido em duas partes. A primeira parte focando-se no resultado de quatro experiências de prática de ensino supervisionada em contexto de Creche, Jardim de Infância e 1º CEB, de onde se pode fazer a caracterização de cada uma das instituições, acompanhada de apontamentos reflexivos, a caracterização da sala de aula, e a caracterização do grupo de crianças e do projeto de intervenção educativa. Na segunda parte encontra-se exposta a fundamentação teórica e é apresentado o trabalho de investigação desenvolvido sobre a temática da “motivação e envolvimento em contexto educativo”.

Entendeu-se que a melhor forma de conhecer as estratégias que promovem a motivação e o envolvimento em contexto de sala de aula seria através da elaboração de entrevistas diretamente aos que estão envolvidos no meio, nomeadamente às professoras e a duas turmas. Assim, procedeu-se à elaboração de entrevistas a 37 participantes (2 professoras e 35 alunos). Quisemos compreender o papel da motivação no envolvimento das crianças nas atividades de sala de aula (tanto da perspetiva do professor, como do aluno); quisemos identificar as representações dos professores relativamente a estratégias promotoras da motivação e envolvimento das crianças em contexto de 1º ciclo e, procurou-se caracterizar as conceções das crianças do 1º ciclo sobre as estratégias promotoras da sua motivação e envolvimento, com o intuito de melhorar a prática do ensino neste âmbito.

O trabalho termina com a articulação entre os resultados obtidos e a revisão de literatura realizada. Os dados recolhidos na investigação, vêm confirmar a pertinência das estratégias recolhidas na medida em que dão conta dos principais interesses e necessidades de educadores e alunos.

Em anexo apresentam-se alguns documentos representativos deste percurso que poderão contribuir para uma melhor compreensão e comentar as reflexões, evidenciando todo o percurso teórico, prático e investigativo.

## Parte I – Prática de ensino supervisionada

A prática de ensino supervisionada contou com quatro experiências diferentes em contexto educativo (Creche, Jardim de Infância e duas experiências de 1º CEB).

O período de estágio em Creche teve a duração de três semanas e dois dias, com início a 11 de janeiro e término a 2 de fevereiro de 2021. De referir que, dadas as circunstâncias pandémicas vigentes, este período revelou-se inferior ao habitualmente vigente em anos letivos anteriores.

Já o período de estágio em Jardim de Infância teve a duração de sete semanas, com início a 3 de maio de 2021 e término a 18 de junho de 2021.

Quanto ao período de estágio em 1º CEB teve a duração de, aproximadamente, seis semanas, com início a 18 de novembro de 2021 e término a 21 de janeiro de 2022. Importa referir que, face à componente letiva do IPS, às segundas-feiras não havia estágio e durante o período compreendido entre o dia 22 de dezembro de 2021 e 9 de janeiro 2022 decorreu a interrupção letiva (férias de Natal).

Por último, o período de estágio em 1º ciclo, no 3º ano do ensino básico teve a duração de cinco semanas e dois dias, com início a 28 de abril de 2022 e término a 3 de junho de 2022.

### Creche

#### Contextualização

##### Caracterização da instituição.

O estágio em Creche decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social, sediada em Santarém. A instituição foi fundada no ano de 1985 e tem como principal finalidade a transmissão de valores como a solidariedade, o respeito e justiça entre os indivíduos. Sem qualquer tipo de fins lucrativos, esta instituição tem como objetivo desenvolver atividades de ação social e educacional, através de respostas sociais.

A instituição constitui-se vocacionada para o apoio a idosos e crianças, dispondo de 5 unidades onde funcionam Creches e Jardins de Infância. A 1ª Unidade encontra-se afeta ao serviço de centro de dia, apoio domiciliário e lar. Já a 2ª Unidade está afeta ao serviço de centro de dia e apoio domiciliário. De acordo com o site oficial da internet esta instituição

recebe diariamente cerca de 650 utentes, sendo que 440 são crianças e 210 são idosos, apoia 1200 famílias e emprega cerca de 180 funcionários.

A Unidade onde decorreu o presente estágio curricular acolhe crianças dos 3 meses aos 6 anos de idade nas valências de creche e pré-escolar. Preza pela qualidade pedagógica, pela oferta de equipamentos e de um conjunto de espaços e ambientes concebidos de raiz a pensar no crescimento saudável e harmonioso de todas as crianças.

A creche é uma resposta alternativa, de qualidade social e pedagógica, para a área da primeira infância. Constitui uma das primeiras experiências da criança num sistema organizado, exterior ao seu círculo familiar, onde irá ser integrada e no qual se pretende que venha a desenvolver determinadas competências e capacidades.

O pré-escolar tem como objetivo satisfazer as necessidades e interesses das crianças nas diferentes etapas do seu crescimento e desenvolvimento, entre os três anos e a idade de ingresso no 1º ciclo do ensino básico, assegurando: a colaboração com os Encarregados de Educação na educação e manutenção da saúde da criança; o direito ao bem-estar nos termos pedagógicos e de lazer; o convívio entre crianças como forma de integração social e a sua preparação para o acesso ao ensino básico.

#### Caracterização da sala

A sala dos 2 anos, onde se realizou o estágio curricular, é a sala do bibe azul. Esta sala constitui um espaço bastante amplo e com iluminação natural abundante, já que toda a área envolvente é constituída por grandes janelas, com acesso para o pátio exterior.

No que respeita a secções, a sala encontra-se dividida em pequenas áreas: a área do tapete – onde as crianças têm o seu momento de relaxamento e descontração como o ouvir histórias, cantar canções, conversar com a educadora e com os amigos e também onde se distribui o reforço da manhã, o pão –, a área da biblioteca – onde existem alguns livros infantis que as crianças podem ir buscar para ver –, a área da casinha – com uma pequena cama e alguns bonecos (“nenucos”) –, a área da garagem – com um pequeno tapete, onde as crianças costumam brincar com carrinhos – e um espaço onde existe um móvel com diversas prateleiras – onde as crianças têm à sua disposição alguns jogos de mesa, uma caixa com diversos animais, alguns jogos de encaixe para os momentos de brincadeira livre e os carrinhos. Existe também na sala um “cantinho” da música, com um leitor de CDs e músicas infantis.

No que respeita a espaços que conferem a presença assídua do adulto, existe uma zona reservada à higiene, que contém um fraldário, três sanitas e também bacios individuais

para as crianças que estão a realizar a transição da fralda para o bacio. Nesta zona existe um armário, com compartimentos individuais para cada criança, onde constam os pertences de cada uma como as fraldas, as toalhas, os cremes e pomadas, bem como escovas e colónias para a sua higiene pessoal e diária.

Ainda na sala, existe uma arrecadação onde se encontram as camas das crianças para o momento da sesta, bem como os lençóis e cobertores de cada criança ou qualquer objeto que utilizem durante a mesma (ex., peluche, fralda de pano, etc.), que se encontram organizados num armário identificados pelo respetivo nome da criança. Nesta arrecadação encontram-se ainda guardados alguns materiais e equipamentos, como brinquedos e recursos educativos, bem como os instrumentos de avaliação e orientação da educadora, como planos individuais das crianças e projeto pedagógico de sala.

Na entrada da sala, existe uma zona reservada à organização dos pertences das crianças – a zona dos cabides –, nomeadamente, o vestuário que trazem de casa pela manhã, e onde se encontram os bibes para vestirem quando chegam à creche. Aqui, todas as crianças têm também uma mochila com uma muda de roupa, caso seja necessário.

#### Caracterização do grupo de crianças

A sala dos 2 anos, onde decorreu o presente estágio, é a sala do bibe azul. É composta por um total de 18 crianças, oito do sexo masculino e dez do sexo feminino, sendo que, no momento do estágio, duas crianças não se encontravam a frequentar a creche por vicissitudes relacionadas com a pandemia.

No geral, o grupo de crianças era bem-disposto, muito sorridente, interessado e participativo tanto em atividades orientadas como em momentos de brincadeira livre. Como são crianças de tenra idade, predomina ainda algum egocentrismo, nomeadamente, nos momentos de partilha de brinquedos e a necessidade de atenção do adulto somente para si, dando origem a pequenas “birras” ou momentos de teimosia, perfeitamente compreensíveis dada a idade em questão.

Relativamente às várias áreas de desenvolvimento trabalhadas na creche, o grupo de crianças, no geral, revelou conquistas e autonomia em algumas tarefas do quotidiano, nomeadamente nos momentos de refeição – como o segurar a colher, o arrumar os brinquedos quando solicitados pela educadora – e nos momentos de higiene – como utilizar o bacio.

No que respeita à área do desenvolvimento cognitivo e da linguagem, todas as crianças apresentavam desenvolvimento linguístico aparentemente adequado à idade, sabendo dizer

o seu nome e responder quando eram solicitadas pela educadora, cumprindo pequenas ordens e regras de sala, revelando conhecimento da rotina da sala e, em momentos de brincadeira, têm preferência por escolher as suas brincadeiras, que se centram, essencialmente, em jogos de encaixe, histórias e canções.

Na área do desenvolvimento motor, todas as crianças da sala já haviam adquirido a marcha. No que respeita à alimentação, todas as crianças comiam autonomamente, mas ainda só com a colher – visto que ainda não tinha sido feita a introdução do garfo na alimentação. Em momentos de rotina diária que incentivam à autonomia da criança, como tentarem calçar-se sozinhas, sendo que algumas crianças já conseguiam fazê-lo. Em momentos de atividades e de lazer, todas as crianças esvaziavam cestos de brinquedos e brincavam com eles, apanhando a bola e/ou outros objetos ainda que com alguma dificuldade.

Do ponto de vista da área do desenvolvimento pessoal e social, como referido anteriormente, a maior parte das crianças revelou dificuldade em partilhar os brinquedos, brincando muitas vezes sozinhas e solicitando a constante atenção do adulto.

### **Projeto de intervenção – Explorar para aprender**

#### Descrição do projeto

No decorrer da primeira semana de estágio, foi possível observar o grupo de crianças e cada criança individualmente, onde houve a oportunidade de contactar com as crianças e criar ocasiões de aproximação e afetividade, que envolveram momentos do seu dia-a-dia como a rotina da creche, momentos de brincadeira livre e atividades dirigidas pela educadora, bem como momentos de refeições e higiene das crianças.

Através desta semana de observação – e em conversa com a educadora e a ajudante de sala – constatou-se que os interesses das crianças eram, sobretudo, os animais, ouvir histórias e cantar canções. Assim, partindo dos interesses das crianças, foi desenvolvido o projeto de intervenção, explorando a temática dos animais, de modo a trabalhar as diferentes áreas da creche, nomeadamente a Área do Desenvolvimento Motor, a Área do Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem e a Área do Desenvolvimento do Pensamento Criativo (Expressão Musical).

O projeto de intervenção intitulado “Explorar para Aprender”, foi idealizado de acordo com os interesses das crianças, mas também procurando satisfazer algumas necessidades observadas e identificadas ao nível das diferentes áreas trabalhadas na creche e em conversa com a educadora, nomeadamente ao nível da motricidade global (área de

desenvolvimento motor) e da linguagem (área de desenvolvimento cognitivo e da linguagem), tendo em conta o projeto de sala da educadora e o projeto educativo da instituição.

O projeto da sala dos 2 anos, intitulado “Aprender a Sorrir” foi elaborado de acordo com o projeto educativo da instituição, onde a educadora atribui um papel fundamental à família como pertencente ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na creche, fazendo parte íntegra da mesma. Deste modo, e ao longo do ano letivo, o projeto apresenta, como sua principal finalidade, dar a conhecer aos encarregados de educação, as propostas educativas existentes para que possam acompanhar a evolução dos seus educandos, para que saibam o que se faz na creche e reconheçam a importância que esta tem no desenvolvimento das crianças. Torna-se importante aqui refletir que, em contexto de creche, tudo assenta em rotinas, sendo o dia-a-dia composto, em grande parte, por estes momentos e cuidados que, apesar de repetitivos, transmitem conforto e segurança à criança, inteirando-a das rotinas e dos vários momentos da creche, permitindo-lhe a aquisição da noção de tempo e espaço. Deste modo, estes momentos tornam-se únicos e essenciais, pois constituem oportunidades fundamentais que visam interações didáticas e múltiplas aprendizagens sensoriais e comunicacionais entre os profissionais educativos e as crianças, favorecendo a autoestima e o desenvolvimento do autoconceito da criança.

O Projeto Educativo da Instituição, por sinal com o mesmo título “Aprender a Sorrir” assume como princípios orientadores, os seguintes: ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, as implicações práticas e a expressá-los em relação a si próprios, aos outros, à comunidade e ao mundo em geral e fomentar nas crianças, atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, assim como interiorizar normas e leis que regem os elementos que o configuram.

Tendo o projeto educativo da instituição como objetivo o de ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, a fomentar nas crianças atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, e assentando o projeto de sala neste mesmo projeto, atribuindo ainda uma grande importância à família, enquanto parte integrante da aprendizagem da criança, na medida em que deve promover o ensino de valores, e dado que o projeto de sala promove múltiplas aprendizagens sensoriais e comunicacionais, considero que o meu projeto de intervenção se enquadra dentro destes objetivos e valores, na medida em que explora o meio ambiente, através da temática dos animais, contempla aprendizagens sensoriais, através do tato direto com o meio ambiente, ao mesmo tempo que trabalha a Área do Desenvolvimento Motor, a Área do Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem, indo de encontro ao título do projeto “Explorar para Aprender”.

Para tal, foram propostas diversas atividades dinâmicas onde o principal objetivo se centrou no desenvolvimento da motricidade global das crianças, através da exploração de novas sensações e novos materiais que os estagiários proporcionam e levam até às crianças, do desenvolvimento dos sentidos e de movimentos corporais, estimulando assim a criança para novas aprendizagens. Algumas das atividades propostas foram de carácter individual e outras foram realizadas em grande grupo.

Relativamente ao primeiro dia de estágio fui muito bem recebido por parte de toda a equipa pedagógica, que apesar das circunstâncias em que nos encontramos, apresentaram-me as instalações da instituição e demonstraram interesse em apoiar-me, pelo que desde cedo senti-me totalmente integrado na instituição. No que respeita ao contexto de estágio, a educadora cooperante disponibilizou-se para me explicar todas as rotinas e momentos vividos em creche e deixando-me à vontade para colocar qualquer questão que surgisse. Apresentou-me ao grupo de crianças, de modo a fomentar alguma proximidade com o mesmo e tendo também como objetivo, informar as crianças de que a minha presença iria ser constante durante algum tempo.

Desde o primeiro momento na sala dos 2 anos, tive oportunidade de observar e participar nas rotinas das crianças. Inicialmente é feito o acolhimento, que consiste em acolher as crianças quando chegam à creche, ajudando a vestir o bibe e deixá-las brincar livremente ainda durante algum tempo, esperando que chegue a maioria do grupo. Assim que se encontra reunido na sala a grande maioria do grupo, procede-se ao momento de sentar no tapete. Neste momento a educadora distribui pão pelas crianças e posteriormente procede à atividade orientada que consiste em contar uma história, promovendo sempre a interação com as crianças. Durante o decorrer destes momentos educativos, a educadora promoveu sempre a minha interação com as crianças, permitindo que fosse eu a distribuir o pão pelo grupo. Após este momento, as crianças puderam ir brincar livremente até chegar o momento da higiene que antecede o almoço. Com estes primeiros momentos em que estabeleci contacto com o dia-a-dia vivido em creche, tive possibilidade de observar as estratégias e os métodos utilizados pela educadora. Foi possível observar o modo como a educadora interagia com as crianças, como demonstrava afeto pelas mesmas. As aprendizagens que fui adquirindo com esta observação centram-se no modo de gerir o grupo, no procedimento nos momentos de higiene, nos momentos de refeição, no auxílio prestado às crianças, nomeadamente na introdução da colher e como segurá-la corretamente.

Chegado o momento de higiene, o meu par pedagógico procedeu à mesma com a colaboração da ajudante de sala, sendo que eu fiquei destacado para a tarefa de organização das camas das crianças para o momento da sesta em colaboração com a educadora. Durante

a primeira semana de estágio seria o meu par pedagógico que ficaria responsável pela higiene das crianças e eu pela organização das camas. Deste modo, na semana seguinte sucederia a situação inversa. No decorrer da organização das camas para a sesta, a educadora explicou-me o processo a adotar, ou seja, o lugar definido para a cama de cada uma das crianças, bem como o modo de fazer as camas. Assim sendo, durante a presente semana a minha tarefa seria a de ir buscar as camas à arrecadação, distribuí-las pelos respetivos lugares e colocar os lençóis e cobertores para cada criança.

Posteriormente surge o momento de refeição, o almoço. As crianças dirigiam-se aos seus lugares no refeitório. No geral, todas as crianças se alimentavam de forma autónoma, segurando a colher corretamente e levando a comida à boca. As que ainda apresentavam alguma dificuldade nesse processo, procurava ajudá-las a segurar corretamente na colher e incentivá-las a comer autonomamente.

Logo surge o momento da sesta, pelo que as minhas funções passaram por incentivar as crianças a procurar descalçarem-se sozinhas, sendo que auxiliei sempre as que ainda não conseguiam desempenhar este processo. Em seguida as crianças deitavam-se nas respetivas camas e tapava-as com o lençol e o cobertor.

No período da tarde as crianças acordavam da sesta e era feita a higiene e o levantar das camas. Em seguida as crianças sentavam-se no tapete, sendo que em conjunto com o meu par pedagógico e em colaboração com a educadora e a ajudante de sala, chamávamos uma criança de cada vez para vestir o bibe. Eram também colocados os babetes às crianças, como preparação para mais um momento de refeição, o lanche.

Após o lanche, as crianças podiam brincar livremente na sala, pois habitualmente a educadora cooperante procedia à realização de atividades orientadas durante o período da manhã, deixando a tarde para a livre exploração do espaço por parte das crianças. O essencial era garantir o bem-estar das crianças e deixá-las explorar o espaço de forma livre, promovendo assim a sua autonomia, motricidade e criatividade de modo a garantir o seu bom desenvolvimento. Durante estes momentos de brincadeira livre, procurei interagir com as crianças, quer em grupo, quer individualmente, procurando sempre ir ao encontro dos seus gostos e interesses, com o intuito de criar afetividade com as mesmas e assim contribuir para o seu desenvolvimento.

No decorrer da segunda semana de estágio os procedimentos de trabalho foram muito semelhantes aos realizados na semana anterior, sendo que troquei de funções com o meu par pedagógico, pelo que fiquei responsável pela higiene das crianças, feita antes das

refeições, em cooperação com a educadora e a minha colega ficou responsável pela organização das camas para a sesta, com o apoio da ajudante de sala.

Durante a realização desta tarefa, a educadora explicou-me como se procedia à mesma, assim como os cuidados que devem ser prestados a cada criança. Tive também oportunidade de colocar questões de modo a conseguir executar o trabalho de forma correta. Assim consegui realizar a higiene das crianças de forma eficaz, ajudando-as a ir ao bacio ou à sanita, mudando as fraldas, e auxiliando-as durante a lavagem das mãos.

No geral considero que fui capaz de me apropriar das rotinas das crianças e procurei sempre adaptar-me a todas as crianças independentemente das suas diferenças. Demonstrei sempre respeito pelo grupo de crianças e por cada criança em particular, procurando ir ao encontro das mesmas. Todos os momentos e rotinas das crianças têm uma grande importância no que respeita ao desenvolvimento infantil.

No decorrer desta semana, o meu par pedagógico teve a função de planificar e dinamizar algumas atividades com as crianças, no âmbito do nosso projeto de intervenção “Explorar para aprender”, elaborado por nós com o auxílio e supervisão da nossa orientadora de estágio que nos apoiou na sua construção. A minha colega atuou como educadora, sendo que atuei como ajudante de sala, procurando sempre auxiliar a minha colega tanto na planificação das atividades, como na dinamização das mesmas, com vista a que o trabalho fosse bem-sucedido.

No primeiro dia de intervenção, com a realização da atividade que consistiu no contar de uma história “O Urso Ulisses e o Elefante”, enquanto a minha colega de estágio procedia à mesma, procurei sempre incentivar as crianças a estar atentas à história. No geral o grupo era bastante atento a todas as atividades orientadas que eram dinamizadas em sala, porém, algumas vezes, algumas crianças dispersavam, o que é compreensível dada a idade das mesmas, e assim sendo, o meu objetivo era encontrar estratégias para que estivessem atentas ao contar da história. Em seguida seguiu-se a atividade denominada “Descobrir os animais”. Colaborei com o meu par pedagógico na distribuição dos recipientes com gelatina pelas mesas, onde as crianças iriam proceder à exploração da atividade. Posteriormente, enquanto o grupo de crianças explorava livremente a gelatina com vista a descobrir os animais que lá se encontravam, as minhas funções centraram-se em incentivar as crianças a explorar autonomamente a gelatina e em questionar as mesmas relativamente aos nomes dos animais que iam descobrindo. As crianças colocavam as mãos dentro de um recipiente com gelatina e iam explorando, até conseguirem encontrar os animais e retirá-los de dentro dos recipientes. Inicialmente as crianças demonstraram algum desconforto ao tocarem na

gelatina, uma vez que tem uma textura mole e estava fria, no entanto, com a continuação da exploração foram demonstrando sentir-se mais à vontade.

No segundo dia de intervenção, durante a realização de outra atividade orientada intitulada “Falar Animalesco”, colaborei com o meu par pedagógico, ao questionar as crianças sobre qual o animal que escolheriam decorrente do lançamento do dado. Em seguida procurei incentivar o grupo a reproduzir os sons dos animais utilizando diferentes intensidades e diversos modos de expressividade. As crianças demonstraram interesse na atividade que estavam a desempenhar, procuraram elas próprias reproduzir o som dos animais e interagiram muito bem com os adultos e com o grupo. No terceiro dia de intervenção, a atividade realizada, denominada “Pequenas Baratitas”, enquanto a minha colega de estágio tocava a canção “A Barata diz que tem” no instrumento musical denominado “Jogo de Sinos” a minha função foi cantar a mesma canção para o grupo de crianças. Com o desenrolar da atividade, as crianças tiveram oportunidade de, individualmente, experimentar tocar no jogo de sinos. Enquanto o meu par pedagógico se encontrava a auxiliar a criança que na sua vez iria tocar no jogo de sinos, procurei que o grupo estivesse atento à criança que estava a tocar.

Na semana seguinte seria a minha oportunidade de intervir como educador e o meu par pedagógico interviria como ajudante de sala, de acordo com as atividades planificadas. No entanto, devido às circunstâncias de interrupção do estágio, não foi possível realizar a minha intervenção.

Destaco assim a minha colaboração em todas as tarefas de sala. Não apenas o colaborar nas atividades orientadas, mas também nas tarefas de rotina, tais como o acolhimento das crianças de manhã, os momentos de higiene, a sesta, entre outros.

Cada momento da rotina do dia-a-dia das crianças é de grande importância para o seu desenvolvimento, pelo que o adulto deve estar à altura de responder às necessidades das mesmas. Em todos estes momentos, procurei ir ao encontro das necessidades das crianças. Ajudá-las a vestir o bibe assim que chegam à sala, a descalçar os sapatos para a sesta e após a mesma, ajudá-las a calçar. Nestes pequenos gestos ficou visível que algumas crianças apresentavam alguma facilidade relativamente aos exemplos atrás referidos e outras nem tanto. As atividades planificadas foram desenvolvidas tendo em conta os gostos das crianças, de modo que estas se sentissem felizes e desenvolvessem aprendizagens. Essas aprendizagens foram visíveis no modo como as crianças se apropriaram dos sons reproduzidos pelos animais, o escutar as notas musicais reproduzidas pelo jogo de sinos e esperar pela sua vez para a exploração do mesmo, o ouvir uma história, o experienciar uma nova textura ao manusear a gelatina para descobrir os animais.

Ao longo de todo o percurso de estágio foram sendo por mim adquiridas aprendizagens em todos os momentos do dia-a-dia tais como o mudar uma fralda, o cantar uma canção, o brincar com as crianças, o dar um afeto, entre outros.

A escolha das atividades foi pensada de modo a fazer face aos interesses e às necessidades das crianças. O objetivo de cada uma delas foi a aquisição de competências e aprendizagens por parte das crianças.

As dificuldades sentidas centram-se mais na gestão do grupo, no entanto as mesmas surgiram apenas no início da intervenção, sendo atenuadas com o decorrer das atividades.

Toda esta experiência de estágio revelou ser repleta de aprendizagens, tal como referido anteriormente, cada momento do dia-a-dia proporcionou muitas aprendizagens como o acolher as crianças quando chegam à creche, o organizar e gerir o grupo no momento do tapete e nas atividades orientadas, auxiliar nos momentos de higiene e nas refeições, ajudar a descalçar os sapatos e aconchegar as crianças no momento da sesta. Com as aprendizagens adquiridas foi sendo possível adequar a prática aos interesses e necessidades das crianças. Sendo que os interesses eram animais, ouvir histórias e cantar canções.

### **Reflexão sobre a prática educativa**

Esta experiência de estágio em contexto de creche foi bastante positiva e gratificante. Considero que foi muito enriquecedora a nível pessoal e profissional. Este estágio proporcionou-me a vivência de experiências muito importantes para as minhas aspirações como futuro profissional de educação.

Durante o decorrer deste estágio aprendi a importância de estimular as crianças a realizar e participar nas atividades, de modo a trabalharem a sua autonomia, a sua motricidade e criatividade, contribuindo para o seu bom desenvolvimento. A importância de ensinar às crianças o conceito de “partilhar”, de modo a dar início ao espírito de partilha, de amizade e respeito pelo outro. Aprendi também algumas estratégias de como ensinar as crianças a agarrar nos talheres para comer, ação esta que promove a sua motricidade fina. Aprendi ainda que é muito importante sempre que a criança realize com sucesso alguma tarefa que lhe seja pedida ou por vontade própria, deve-se felicitar a criança, de modo que esta se sinta bem e apoiar e reforçar a sua conquista.

Considero que é de extrema importância estabelecer uma boa relação com o grupo de crianças e a nível individual, de modo que as mesmas se sintam seguras e possam desenvolver as suas atividades de uma forma harmoniosa. Para o bom desenvolvimento da criança é necessário que esta seja estimulada, existindo áreas que devem ser trabalhadas

na creche como a motricidade fina, através de atividades que envolvam o “agarrar” e “manusear”; o desenvolvimento motor através de atividades que impliquem mover o corpo (correr, saltar, dançar).

No que respeita ao primeiro dia de estágio, que relata a minha integração na instituição, o mesmo decorreu com a normalidade e positivismo esperados. Toda a equipa pedagógica se mostrou recetiva e disponível para me auxiliar e inteirar sobre o funcionamento e regras de segurança a tomar dentro da instituição. O facto de já ter realizado estágios anteriores nesta instituição, facilitou a minha receção por parte da equipa pedagógica, pois muitas educadoras e funcionárias se recordaram de mim e demonstraram agrado pela minha presença, o que me fez sentir totalmente integrado e feliz por estar de volta.

Refletindo sobre a caracterização do grupo de crianças, no geral, o grupo é bem-disposto, muito sorridente, interessado e participativo em todas as atividades, tanto em atividades orientadas pela educadora como em momentos de brincadeira livre. Como são crianças de tenra idade, predomina ainda a fase do egocentrismo, nomeadamente, nos momentos de partilha de brinquedos e o requerer a atenção do adulto centrada em si, dando origem a pequenas “birras” ou momentos de teimosia, perfeitamente compreensíveis dada a idade em questão.

No que respeita às várias áreas de desenvolvimento trabalhadas na creche, decorrente da minha observação e intervenção pedagógica, o grupo, no geral, revela conquistas e autonomia em diferentes tarefas do quotidiano, bem como em atividades orientadas e em momentos de brincadeira e interação.

Relativamente à área do desenvolvimento cognitivo e da linguagem, todas as crianças da sala sabem falar, dizem o seu nome e respondem quando são solicitadas pela educadora ou auxiliar, cumprem pequenas ordens e regras de sala, revelam conhecimento da rotina da sala e, em momentos de brincadeira, têm preferência pela escolha das suas brincadeiras, que se centram, essencialmente, em jogos de encaixe, histórias e canções.

Na área de desenvolvimento motor, todas as crianças da sala andam; no que respeita à alimentação, todas as crianças comem autonomamente, mas ainda só com a colher visto que ainda não foi feita a introdução do garfo na alimentação; em momentos de rotina diária que incentivam à autonomia da criança, como o tentar calçar-se sozinha, apenas algumas crianças conseguem fazê-lo sozinhas; em momentos de atividades e de lazer, todas as crianças esvaziam cestos de brinquedos e brincam com eles, tendo preferência por brincar sozinhas.

Do ponto de vista da área do desenvolvimento pessoal e social, como referido anteriormente, a maior parte das crianças tem dificuldade em partilhar os brinquedos com o outro, muitas vezes não brincam com outros pares e solicitam a constante atenção do adulto aquando destes momentos.

No decorrer da primeira semana, pude observar o grupo de crianças e participar em todos os momentos da sua rotina. Durante o período da manhã, do qual faz parte o acolhimento das crianças, o mesmo consiste em receber as crianças quando chegam à creche, encaminhando-as até à respetiva sala e vestindo-lhes o bibe, deixando que brinquem livremente até que chegue a maior parte das crianças e o grupo fique composto. Posteriormente, decorre o momento do tapete onde é feito o reforço da manhã, ou seja, a educadora distribui o pão pelas crianças e, de seguida, surge a atividade orientada, o momento da história. Em seguida, as crianças brincam livremente até à hora da higiene, que antecede o momento de refeição (almoço). Em todos estes momentos, observei as estratégias utilizadas pela educadora e pela auxiliar, e procurei sempre auxiliar as mesmas em algumas tarefas, nomeadamente, no acolhimento das crianças, auxiliando a vestir o bibe quando chegam à creche e na distribuição do reforço da manhã. Saliento aqui também o momento do tapete, com ênfase na atividade orientada da educadora, o momento da história, que observava com imensa atenção o corpo (gestos), a voz e a expressividade da educadora e os comportamentos reflexos das crianças, que me permitiu aprender e assimilar algumas estratégias que visam cativar a atenção e concentração das crianças. Este trabalho de observação permitiu-me, posteriormente, transportar e aplicar estes conhecimentos na minha semana de intervenção pedagógica.

No que respeita ao momento de higiene, a ajudante de sala procurou inteirar-me de todos os procedimentos a ter naquele espaço, bem como os cuidados a prestar a cada criança, sendo que umas ainda utilizavam fralda, outras o bacio e algumas já iam à sanita. Deste modo, procurei ter uma intervenção ativa e ajudar a auxiliar nestes procedimentos, rentabilizando o tempo, trabalhando em equipa e, assim, adquirindo prática nos cuidados básicos com as crianças. Explicando sucintamente algumas ações que fiz, as mesmas centraram-se em mudar fraldas, ajudar as crianças a despir-se e sentar-se no bacio e na sanita, bem como ajudá-las a lavar corretamente as mãos. No final, eram colocados os babetes para o momento do almoço.

Durante o momento de refeição, o almoço, as crianças dirigiam-se para o refeitório e sentavam-se nos respetivos lugares, mostrando sentido de orientação e reconhecimento do seu próprio lugar à mesa. No geral, todas as crianças se alimentavam de forma autónoma, segurando a colher e levando-a até à boca sem grande dificuldade. No entanto, algumas

crianças, apesar de já saberem comer sozinhas, revelaram ter algumas dificuldades neste processo, solicitando a atenção e presença do adulto. Deste modo, procurei sempre acompanhá-las e incentivá-las a comer de forma autónoma, colocando a sua mão corretamente na colher. No entanto, algumas vezes, para gestão do tempo, acabava por ser eu a ajudá-las a comer.

Após o almoço, as crianças eram encaminhadas para a sala, de modo a proceder ao momento da sesta. Durante esta transição, auxiliava a educadora e o meu par pedagógico a deitar as crianças, ou seja, ajudá-las a lavar as mãos após a refeição, incentivá-las a descalçar-se sozinhas e a ir ao bacio e à sanita, bem como, estando responsável esta semana pela higiene das mesmas, colocar a fralda às que necessitam da mesma para este momento. Após a sesta, as crianças eram preparadas novamente para um momento de refeição, o lanche, seguindo-se novamente o momento de higiene e levantar das camas.

No período da tarde, após o lanche, a educadora cooperante não procedia à realização de atividades orientadas, pelo que as crianças brincavam livremente, estando guardados os momentos de atividades orientadas para o período da manhã. O objetivo deste momento é garantir bem-estar às crianças, promover a sua autonomia, deixar que explorem livremente o espaço e interajam entre si. Durante este momento, procurei interagir ativamente com as crianças, quer em grupo quer individualmente, e brincar com elas, mantendo a minha postura à altura das mesmas, conversando com elas, de modo a criar laços de afetividade e transmitir-lhes conforto e segurança, proporcionando através das brincadeiras, momentos de aprendizagem estimulantes ao seu desenvolvimento e bem-estar.

Do ponto de vista reflexivo, o estágio em contexto de creche revelou-se uma mais-valia no meu percurso pessoal, académico e, futuramente, profissional. Foi um período muito rico ao nível de aprendizagens e experiências partilhadas com a educadora cooperante, com a ajudante de sala e, acima de tudo, com o grupo de crianças. Enquanto observador, foi muito importante observar o trabalho da educadora e o papel da auxiliar, que me permitiu identificar as minhas lacunas e melhorar o meu desempenho na prática, tentando sempre fazer o meu melhor em todas as situações.

Enquanto interveniente, foi muito importante poder participar em todos os momentos da rotina das crianças, pois penso que é através da prática que vamos adquirindo competências e destreza nos cuidados com as crianças. Foi igualmente importante e muito gratificante poder planear e dinamizar atividades com o grupo de crianças, pois fez-me transportar para o que realmente é o papel de um educador de infância, bem como reconhecer a importância e diferença que fazemos na vida das crianças e a forma como podemos contribuir para o seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem.

Considero que o meu percurso de estágio foi bastante positivo e a oportunidade de estagiar nesta instituição foi bastante gratificante. Tive oportunidade de contactar com pessoas fantásticas, tanto com educadoras como ajudantes de sala, bem como outros funcionários da instituição. Gostaria de dar ênfase, especialmente, ao grupo magnífico de crianças que tive oportunidade de conhecer e partilhar momentos de alegria e aprendizagens, acompanhados por uma excelente profissional, que conta com o apoio de uma ajudante de sala igualmente espetacular.

Durante este período de prática profissional aprendi que, na creche, especialmente com crianças de tenra idade, o importante é, realmente, estabelecer uma forte e sólida relação do ponto de vista afetivo, transmitindo às crianças carinho, conforto e segurança, de modo que se sintam seguras e confiem em nós. Esta relação deve ser “trabalhada” e promovida individualmente e entre o grupo de crianças. Tudo isto, é a base para que as crianças estejam propícias à aprendizagem e a todas as outras competências importantes para o seu bom desenvolvimento para a vida futura.

Ainda no decorrer deste período adquiri outras aprendizagens e estratégias fundamentais, como a importância de estimular e incentivar as crianças a realizar e participar nas atividades, de modo a trabalharem a sua autonomia, desenvolverem a sua motricidade e estimularem a sua criatividade e pensamento, contribuindo para o seu bom desenvolvimento. Dado a sua tenra idade, esta foi uma tarefa difícil, mas que consegui superar.

Aprendi com a educadora a importância de ensinar às crianças o conceito de “partilha”, de modo a dar início ao espírito de partilha, de amizade e respeito pelo outro. Embora seja difícil nestas idades, devido à predominância do egocentrismo das crianças, devemos sempre incentivá-las e fazê-las ver, conversando com elas e explicando-lhes, que o outro também tem o direito de brincar e que na sala existem brinquedos para todos, incentivando a partilhar o brinquedo com o amigo.

As crianças pequenas gostam de ser incentivadas e encorajadas, sentindo-se bem e apoiadas quando o adulto demonstra que está atento ao que a mesma está a realizar. Deste modo, aprendi que é muito importante sempre que a criança realiza com sucesso alguma tarefa ou atividade que lhe seja solicitada ou por vontade própria, ou até mesmo quando se encontra em momentos de brincadeira e se dirige ao adulto, deve dar-se atenção à criança, elogiá-la e incentivá-la, de modo que esta se sinta apoiada e feliz pelas suas conquistas.

Como parte final desta reflexão, reforço que a minha presença neste estágio foi uma experiência única e bastante gratificante, onde adquiri novos conhecimentos e competências, que irão certamente contribuir para o meu desempenho a nível pessoal e profissional.

Gostaria também de salientar a boa relação que tive com todos os profissionais da instituição e consequente integração e, em especial, com a educadora cooperante, e respetiva ajudante de sala, responsáveis pelo grupo magnífico de crianças da sala dos 2 anos, com as quais, desde o início, mantive sempre uma estreita relação de afetividade e admiração.

Ao longo deste percurso e com todos os momentos de observação e intervenção que tive oportunidade de experienciar, pude colmatar e resolver algumas lacunas interiores e também decorrentes do contexto, contando sempre com o apoio da educadora e da auxiliar. Deste modo, todo este período de prática profissional contribuiu de forma bastante significativa para o meu percurso pessoal e profissional, deixando-me mais apto para o futuro exercício da minha função como educador de infância. Em suma, este estágio revelou-se uma experiência bastante gratificante para mim. Considero que tive uma muito boa integração na instituição e relacionei-me muito bem com o grupo de crianças, com a educadora e a ajudante de sala. Contribuiu para a minha formação a nível pessoal e profissional. Considero que a realização deste estágio permitiu a aquisição de novos conhecimentos e competências a adotar na minha futura prática profissional. Competências essas – tais como a postura a adotar em sala, ser o adulto de referência para as crianças, utilizar práticas de ensino – que vão ao encontro das crianças, que lhes proporcionem interesse e bem-estar. Contribuiu também para colmatar algumas dificuldades que sentia relativamente a este contexto, sendo que me sinto mais apto para o desempenho da profissão.

Não posso deixar de salientar que me sinto privilegiado por ter tido esta fantástica oportunidade de estagiar em contexto de creche, com um grupo de crianças magnífico e também por me ter sido dada a possibilidade de trabalhar com a educadora cooperante e a ajudante de sala, que sempre me apoiaram em todas as tarefas e procedimentos deste contexto tornando esta experiência ainda mais gratificante e numa clara mais-valia para o meu futuro.

## **Jardim de Infância**

### **Contextualização**

#### Caracterização da Instituição

O estágio foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social também sediada em Santarém. De acordo com as informações recolhidas no site oficial da Internet esta instituição tem como principal finalidade a “transmissão de valores como a solidariedade, o respeito e justiça entre os indivíduos”. Sem qualquer tipo de fins lucrativos, esta instituição

é da responsabilidade da Diocese de Santarém, que tem como principal objetivo “desenvolver atividades de ação social e educacional, através de várias respostas sociais”.

A instituição constitui-se vocacionada para o apoio a idosos nas valências de centro de dia, apoio domiciliário e lar, distribuídas em duas unidades e crianças nas valências de creche e jardim de infância, distribuídas em três unidades.

De acordo com os dados recolhidos no site institucional, diariamente, esta instituição “acolhe cerca de 650 utentes, sendo que 440 são crianças e 210 são idosos, apoia 1200 famílias e emprega cerca de 180 funcionários”.

Segundo o estatuto da instituição (2017) fazem parte dos órgãos da instituição a Direção, o Conselho Fiscal, o Diretor Executivo e o Conselho Pastoral.

### Caracterização da sala

A sala dos 3 anos, onde se realizou o estágio curricular, é a sala do Bibe Vermelho. Apesar de ser denominada “sala dos 3 anos”, importa referir que tem a denominação também de sala de 3-4 anos, dada a faixa etária do grupo.



*Figura 1 Visão geral da sala com as diferentes áreas*

No que respeita à caracterização do espaço, a sala (Figura 1) constitui um espaço não

muito amplo, dado o número de crianças que acolhe, mas com muita luz natural, pois grande parte da área envolvente da mesma possui grandes janelas para os pátios exteriores.

No que respeita à organização da sala, esta é dividida em pequenas áreas tais como a área do tapete, onde as crianças podem ter um momento de relaxamento e descontração como o ouvir histórias, cantar canções, conversar com a educadora e com os amigos e também onde se distribui o reforço da manhã, o pão; área da biblioteca, onde existem alguns livros infantis que as crianças podem ir buscar para ver; área da casinha; área das construções, onde as crianças costumam brincar com legos e madeiras; um espaço onde existe um móvel com diversas prateleiras, onde as crianças têm à sua disposição alguns jogos de mesa e de encaixe para os momentos de brincadeira livre; área da pintura, composta por mesas e cadeiras com um armário de suporte para guardar os materiais de pintura, reservada para momentos de atividades orientadas.

Na sala, a educadora possui um grande armário e prateleiras de parede onde se encontram ainda guardados alguns materiais e equipamentos didáticos, bem como os instrumentos de avaliação e orientação da sua prática educativa, como os planos individuais das crianças e o projeto pedagógico de sala.

Existe ainda um cantinho na sala, na parede, com compartimentos individuais para cada criança, onde constam os pertences de cada uma como escovas, colónias e chapéus de sol, para a sua higiene pessoal e diária.

No que respeita a espaços que conferem a presença assídua do adulto, existe uma zona reservada à higiene, uma casa de banho partilhada com a outra sala dos 3 anos, que contém seis sanitas, seis lavatórios e dois chuveiros.

Ainda na casa de banho, existe uma arrecadação onde se encontram as camas das crianças, para o momento da sesta, bem como os lençóis de cada criança ou qualquer objeto que utilizem durante a mesma (por exemplo, peluche, fralda de pano, etc.), que se encontram organizados num armário identificados pelo respetivo nome da criança.

Na entrada da sala, existe uma zona reservada à organização dos pertences das crianças, a zona dos cabides, nomeadamente, o vestuário que trazem de casa pela manhã, e onde se encontram os bibes para vestirem quando chegam à instituição. Aqui, todas as crianças têm também uma mochila com uma muda de roupa, caso seja necessária.

### Caracterização do grupo de crianças

A sala onde se realizou o estágio foi a sala dos 3 anos, Bibe Vermelho, composta por um total de 18 crianças, 11 rapazes e 7 raparigas, sendo que, atualmente, uma criança não se encontrava a frequentar a instituição por receio da pandemia.

Seguidamente, são apresentadas as observações quanto à posição do grupo em relação aos diversos aspetos das aprendizagens e competências sociais esperadas para a sua faixa etária.

Assim, para a **Área da Expressão e Comunicação:**

**No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**, todas as crianças sabem falar, dizer o seu nome e responder quando são solicitadas pela educadora, auxiliar ou estagiários, cumprem pequenas ordens e regras de sala, revelam conhecimento da rotina da sala e, em momentos de brincadeira, têm preferência por escolher e comunicar as suas brincadeiras, que se centram em jogos de encaixe, brincar com legos e madeiras (construções), ver histórias e cantar canções.

**No Domínio da Matemática**, a maioria das crianças do grupo tem ainda uma aprendizagem a realizar que consiste em compreender noções matemáticas básicas como mais que/menos que, contar até 10, seriar objetos, seguir sequências simples, fazer conjuntos e ler pictogramas simples. Ao longo de todo o ano letivo, como resultados desejáveis, pretende-se que todo o grupo de crianças consiga superar as suas dificuldades nestes conteúdos e adquirir novos conhecimentos.

**No Domínio da Educação Física**, a maioria das crianças do grupo consegue identificar as diversas partes do corpo, têm uma boa coordenação motora, gostam de atividades físicas e lúdicas. Como resultados desejáveis, pretende-se que as crianças consigam aprender e cumprir regras de jogo, mobilizar o corpo com mais precisão e sejam lúdicas nas suas ações físicas utilizando as várias partes do corpo.

**Na Área do Conhecimento do Mundo**, todo o grupo de crianças revela uma enorme vontade de aprender, gostam de contactos diários com o meio ambiente (ir ao exterior - recreio), têm curiosidade em descobrir novas aprendizagens, identificam alguns membros da sua família, os amigos e características próprias. Como resultados desejáveis, pretende-se aumentar a curiosidade de saber mais das crianças, levá-las a colocar questões, sensibilizá-las para o meio ambiente, proporcionar aprendizagens no exterior, aumentar a curiosidade

na realização de atividades práticas e investigativas, bem como aumentar os seus saberes relacionados com a família, os colegas e consigo próprio.

**Do ponto de vista da Área da Formação Pessoal e Social**, o grupo de crianças, no geral, é autónomo nas suas ações, arrumam os seus materiais e brinquedos utilizados e alimentam-se de forma autónoma. Revelam ainda alguma dificuldade em cumprir algumas regras morais que são regras de convivência social, tais como a convivência das crianças umas com as outras e regras sociais que são regras que impõem uma determinada postura ou comportamento, tais como o saber estar em grupo. Revelam também dificuldade em partilhar os materiais e brinquedos.

Globalmente, o grupo de crianças é bem-disposto, sorridente, interessado e muito participativo tanto em atividades orientadas como em momentos de brincadeira livre. Como são crianças de tenra idade, predomina ainda o egocentrismo, nomeadamente, nos momentos de partilha de brinquedos e o requerer a atenção do adulto somente para si, dando origem a pequenas “birras” ou momentos de teimosia, perfeitamente compreensíveis dada a idade em questão.

No que diz respeito ao dia-a-dia no jardim de infância, trata-se de um grupo de crianças que revela bastante autonomia nas suas atividades de rotina, nomeadamente: na arrumação dos seus brinquedos e da sala quando a educadora solicita que o façam; permanecer no tapete no momento indicado para tal ; estar atento à sua vez e marcar a presença corretamente no quadro das presenças; saber quem é o responsável do dia; conseguir marcar o tempo no quadro de marcação do tempo; fazer a contagem das presenças e das faltas.

Em suma, relativamente às várias áreas de desenvolvimento trabalhadas no jardim de infância, o grupo, no geral, revela conquistas e autonomia nas tarefas do quotidiano.

## **Projeto de Intervenção – Era uma vez o envolvimento nas Artes e no Mundo**

### Descrição do Projeto

Durante o decorrer da primeira semana de estágio, foi possível observar o grupo de crianças e cada criança individualmente, tendo-se proporcionado criar oportunidades de aproximação e afetividade, que envolveram situações do seu dia-a-dia como a rotina do jardim de infância, momentos de brincadeira livre, atividades orientadas pela educadora, bem como os momentos de refeição e higiene das crianças.

Através desta semana de observação e em conversas com a educadora, foi possível constatar que os interesses das crianças são, sobretudo, ouvir histórias e a partir destas envolverem-se em diversas atividades.

Deste modo, partindo dos gostos e interesses das crianças (não esquecendo as suas necessidades, evidentemente), foi desenvolvido o projeto de intervenção cruzando-os quer com o Projeto de Sala, que explora a importância das histórias na exploração e aprendizagem das crianças pelo mundo que as rodeia, quer com o Projeto Educativo da instituição, que evidencia a transversalidade das várias áreas de conteúdo, como referido nas OCEPE (2016), em Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita: “o desenvolvimento da linguagem oral é fundamental na educação pré escolar como instrumento de expressão e comunicação que a criança vai progressivamente ampliando e dominando nesta etapa do seu processo educativo. Importa ainda facilitar a emergência da linguagem escrita, através do contacto e uso da leitura e da escrita em situações reais e funcionais associadas ao quotidiano da criança.”

Deste modo, o ponto de partida centrou-se nas histórias infantis (de acordo com o Projeto de Sala). O projeto incidiu, essencialmente, na forma como podemos envolver as crianças em atividades das Áreas Artísticas. Como estas atividades acompanham as restantes áreas curriculares, podemos afirmar que o projeto favorece a transversalidade porque engloba todas as áreas de conteúdo do pré-escolar; assim, cumprimos igualmente o macro objetivo do Projeto Educativo da instituição.

Posto isto, o projeto intitulou-se de “O envolvimento nas Artes e no Mundo”, tendo como subtítulo “As histórias infantis como forma de desenvolver a participação e o envolvimento das crianças nas atividades de Expressão Artística”. Procurou-se estabelecer objetivos gerais e específicos (o que pretendemos que as crianças aprendam em determinada área de conteúdo) e a partir destes idealizar e planificar as nossas atividades, procurando ter as histórias como ponto de partida e um fio condutor entre as várias atividades a desenvolver com as crianças, trabalhando deste modo em sequências pedagógicas.

Partilhando destas ideias, e de acordo com o título do projeto “Era uma vez o envolvimento nas Artes e no Mundo - As histórias infantis como forma de desenvolver a participação e o envolvimento das crianças nas atividades de Expressão Artística” procurou-se informação centrada na forma como as histórias infantis potenciam múltiplas aprendizagens para as crianças nas Expressões Artísticas e no Conhecimento do Mundo, e, adicionalmente, noutras áreas.

O pressuposto inicial foi que as histórias infantis permitissem que do imaginário, da fantasia e dos sonhos se passasse à realidade; sendo possível a partir delas criar e explorar várias noções e ideias de forma a conduzir e promover nas crianças o conhecimento do mundo.

Postulou-se igualmente, por outro lado, que na maioria das vezes as histórias infantis proporcionam às crianças a capacidade de imaginar para além do real. Assim, não só “logo desde o pré-escolar, a Literatura Infantil instaura-se como um excelente motivo e rampa de lançamento para explorações múltiplas de hipóteses sobre essa incógnita que é o mundo dos “grandes”, (Veloso & Riscado *apud* Pimentel, 2017, p. 10), como as histórias infantis permitem desenvolver a criatividade das crianças e educá-las para a apreciação artística.

As histórias infantis são um elemento central na rotina da prática da educação de infância. Estão presentes em mais que um momento ao longo do dia: em primeiro lugar, estão presentes nos momentos de brincadeira, isto é, existem livros de histórias sempre ao alcance das crianças para elas os poderem explorar sempre que quiserem; em segundo lugar, nos “momentos do tapete”; em terceiro lugar, podem estar presentes em momentos de atividade orientada, porque muitas(os) educadoras(es) usam as histórias como indutor das atividades, dado as histórias comportarem um elemento muito importante para a educação infantil da transversalidade.

Como escreve Fanny Abramovich, *cit in Lambertucci* (2015, p. 25), “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o pensar, o teatrar, o imaginar o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. Ou seja: a partir de uma história pode-se trabalhar as várias áreas de conteúdo definidas para a educação infantil. O aspeto lúdico e apelativo que as histórias nos transmitem, ajudam a estimular nas crianças o gosto pela leitura, a criatividade, a imaginação, a sensibilidade estética, entre outras capacidades. Por intermédio das histórias, as crianças visitam o mundo da fantasia, ativando assim, a sua imaginação, a sua criatividade e os seus sonhos. Para proporcionar aprendizagens significativas através das histórias infantis é fundamental no momento da seleção da história ter presente a faixa etária a que se destina, o tamanho e expressividade das ilustrações, a quantidade e qualidade textual e se a mensagem é adequada ao tema que pretendemos trabalhar.

O contar ou leitura de histórias em contexto de sala de atividades pode tornar-se um excelente recurso para estimular a curiosidade das crianças relativamente a certos temas/questões e eventualmente ser o ponto de partida para desenvolver outro tipo de atividades.

### Estratégias e atividades implementadas

Na escolha das atividades, procurou-se dar ênfase à transversalidade entre as várias áreas de conteúdo, tal como referido nas OCEPE (2016). Procurou-se encontrar atividades que fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças bem como do tema de dissertação, uma vez que crianças interessadas, são crianças motivadas. Deste modo, como as crianças demonstraram interesse pela área de conteúdo do Conhecimento do Mundo, procurou-se dinamizar a maioria das atividades dentro desta área. No final de cada atividade as crianças foram questionadas acerca do conteúdo de cada tarefa desenvolvida, pelo que as crianças demonstraram envolvimento, empenho e interesse pelas atividades em questão, conforme se descreve:

No âmbito do Projeto de Sala elaborado pela educadora cooperante que aborda a importância das histórias nas aprendizagens das crianças, houve cuidado na escolha das atividades a desenvolver, de forma que o início de cada atividade integrasse o Projeto de Sala, ou seja, que começasse com o contar de uma história. Deste modo, foi possível fazer-se a ligação com a temática da dissertação de mestrado a apresentar, cujo tema é “Motivação e envolvimento em contexto educativo”, na medida em que a escolha dos livros a ler é fulcral para que a motivação aconteça. Se a criança puder participar na escolha do livro que se vai ler, à partida terá mais interesse na leitura que se segue, em virtude de ter tido um papel ativo na sua escolha.

No que respeita ao desenvolvimento do trabalho a desempenhar com as crianças procurou-se trabalhar em sequências pedagógicas, sendo que as atividades dinamizadas teriam sempre uma continuidade. Salienta-se que o sucesso do desenvolvimento deste trabalho com as crianças, foi sempre possível com o apoio da educadora cooperante e da supervisora de estágio, sendo que no decurso das várias conversas as mesmas foram dando conselhos e orientações para o bom desempenho da minha função educativa.

Desta forma, apresenta-se aqui uma atividade que se iniciou com o contar da história “O Coelho Branco” (Figura 2). Após a leitura da história, foi feito um pequeno diálogo com as crianças acerca do conteúdo da história; qual o fundamento principal da história, ou seja, qual a moral da história, tendo este diálogo conduzido à exploração da temática da alimentação saudável, fazendo assim referência, ao alimento mais nomeado na história (as couves). Em seguida, sugeri às crianças que identificassem alimentos saudáveis que se encontravam entre um conjunto de alimentos representados em múltiplas imagens provenientes de folhetos de supermercado. Posteriormente, cada criança recortou as imagens que consideravam ser alimentos saudáveis e não saudáveis, para serem

posteriormente colados numa folha. A folha estava dividida ao meio e cada criança colava num dos lados da folha os alimentos saudáveis e do outro lado os alimentos não saudáveis. As crianças aprenderam sobre quais os alimentos saudáveis e não saudáveis e o objetivo da atividade foi conseguido.



Figura 2 - Criança a manusear a tesoura para recortar

A opção por esta atividade visa ensinar às crianças os diferentes tipos de alimentos, nomeadamente os saudáveis e não saudáveis, aliando a leitura da história, que é sempre um momento de sossego e reflexão à prática, depois na procura das imagens dos alimentos. Através da moral da história as crianças puderam aprender, e o objetivo foi bem-sucedido.

Considerei abordar esta atividade, uma vez que foi bastante importante para o desenvolvimento das crianças, em várias vertentes, tanto na parte da aprendizagem, como no desenvolvimento da motricidade fina, dado que, em conversa com a educadora cooperante, foi-me transmitido que o grupo de crianças no geral, sentia algumas dificuldades no manuseamento da tesoura, pelo que com a dinamização da presente atividade pretendi promover o desenvolvimento da coordenação óculo manual. Esta tarefa suscitou também diversas questões por parte das crianças, nomeadamente na escolha e distinção dos alimentos saudáveis e não saudáveis.

Outra atividade começou com a leitura da história “O Nabo Gigante” para posteriormente proceder à exploração da mesma com as crianças (Figura 3). A história selecionada foi o fator introdutório da atividade que se seguiria.

A atividade consistiu numa experiência *outdoor* no pátio da escola, onde, com recurso a lupas, as crianças tiveram a oportunidade de observar elementos naturais, como por exemplo: flores, folhas, terra, bichos, canteiros, pedras, etc... Uma vez mais optou-se por dividir as crianças em grupos de quatro. Cada grupo foi acompanhado na saída ao espaço

exterior. Cada criança levava uma lupa e assim puderam observar os pormenores de cada elemento natural encontrado, com o intuito de ficar a conhecer a constituição dos elementos naturais, tais como a forma e a sua textura.

Os objetivos desta atividade foram proporcionar às crianças aprendizagens adquiridas no exterior. Partindo da história “O Nabo Gigante” onde surgem alguns elementos naturais, foi possível dinamizar esta experiência outdoor. Pretendeu-se que as crianças ficassem a conhecer melhor os diversos elementos naturais que se encontravam no exterior da sala, as suas características, as suas diferenças e semelhanças.



Figura 3 Criança a observar flores com a lupa

Quero salientar que me senti realizado com a dinamização desta atividade, na medida em que as crianças demonstraram sentir uma grande liberdade e autonomia na exploração de tudo o que as rodeavam e estavam entusiasmadas durante toda esta exploração dos elementos naturais. Sou de opinião que as crianças cada vez mais precisam de brincar ao ar livre para poderem explorar a natureza, pois esta é também uma boa forma de aquisição de aprendizagens, tais como a exploração do meio ambiente, neste caso no exterior, e o brincar livremente. *“O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior (...) permitem um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas.”*; *“O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças, que ao brincar, têm possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.)”* - OCEPE (2016 p.29). Uma vez que nestes últimos tempos nos vimos forçados a estar em confinamento devido à pandemia que ainda agora se faz sentir, considero cada vez mais essencial o contacto das crianças com o meio ambiente e a natureza.

Num outro dia introduzi uma atividade que envolvia o manuseamento de terra, de modo a dar continuidade ao trabalho desenvolvido no dia anterior (Figura 4). Levei para a sala

embalagens de alumínio e um saco de terra. Distribui por cada criança uma embalagem onde havia previamente colocado um pouco de terra. As crianças tiveram oportunidade de manusear a terra. Posteriormente, foi adicionado à mesma um pouco de água e as crianças voltaram a manusear a mesma. Com esta experiência, as crianças tiveram oportunidade de sentir as diferenças entre a terra seca e a terra molhada; puderam perceber que as respetivas texturas eram diferentes. As aprendizagens pretendidas com esta atividade eram a exploração da terra, através do manuseamento de diferentes texturas e dos seus resultados. Acredito que a atividade levada a cabo foi positiva em conseguir obter os resultados pretendidos, através da observação da terra seca e molhada, o que levou à apreciação das suas diferentes características, neste caso concreto da textura e do cheiro, para não falar da alegria das crianças ao realizar a atividade.



*Figura 4 - Crianças a manusear a terra molhada*

No dia anterior à realização da atividade anteriormente descrita, havia sido dada a instrução para que cada criança recolhesse pelo menos um objeto do exterior. No dia seguinte à atividade realizada com a terra, fomos ver que objetos haviam sido recolhidos pelas crianças, para se poder dar continuidade à atividade de experiência outdoor, e fazer a ligação com esta atividade. A avaliação do trabalho desenvolvido consistiu na ilustração dos objetos que foram recolhidos no pátio exterior, proveniente da observação com recurso às lupas, e da terra com água que as crianças tiveram oportunidade de explorar. Num momento posterior, cada criança teve oportunidade de mostrar ao grupo o elemento que recolheu no exterior e falar um pouco sobre o mesmo.

Entre os objetos recolhidos pelas crianças houve pedras, flores, folhas e paus das árvores, sendo flores e folhas os objetos mais recolhidos. Questionadas sobre as suas escolhas, a maioria das crianças disse ter escolhido estes objetos porque eram do seu agrado. Em grande grupo falámos sobre a constituição das flores e folhas, o que constituiu um momento de aprendizagem geral.

## **Reflexão sobre a prática educativa**

No decorrer da primeira semana, pude observar o grupo de crianças e participar em todos os momentos da sua rotina. Em todos estes momentos da rotina, observei as estratégias utilizadas pela educadora e pela ajudante de sala, e procurei sempre auxiliar as mesmas em algumas tarefas, nomeadamente, no acolhimento das crianças, auxiliando a vestir o bibe quando as crianças chegam e na preparação das atividades orientadas, organizando o ambiente educativo (preparação da sala e dos materiais necessários). Saliento aqui também o momento do tapete, com ênfase na atividade orientada da educadora, o momento da história, que observava com imensa atenção o corpo (gestos), a voz e a expressividade da educadora e os comportamentos reflexos das crianças, que me permitiu aprender e assimilar algumas estratégias que visam cativar a atenção e concentração das crianças. Este trabalho de observação permitiu-me, posteriormente, transportar e aplicar estes conhecimentos na minha semana de intervenção pedagógica.

No que respeita aos momentos de higiene, a educadora procurou inteirar-me de todos os procedimentos e cuidados de segurança a ter naquele espaço, bem como os cuidados a prestar a cada criança. Deste modo, procurei ter uma intervenção ativa e ajudar a auxiliar nestes procedimentos, rentabilizando o tempo, trabalhando em equipa e, assim, adquirindo uma maior prática nos cuidados básicos com as crianças. Explicando sucintamente: as minhas ações centraram-se em ajudar as crianças com mais dificuldades a despir-se para irem à sanita, bem como a lavar corretamente as mãos.

Durante o momento de refeição, acompanhei e incentivei as crianças a comer de forma autónoma, colocando a sua mão corretamente na colher. No entanto, algumas vezes, para gestão do tempo, acabava por ser eu a ajudá-las a comer.

Após o almoço, quando as crianças eram encaminhadas para a sala, para o momento da sesta, auxiliava a educadora e o meu par pedagógico a deitar as crianças, isto é: ajudava as crianças a lavar as mãos após a refeição e incentivava-as a descalçarem-se e a irem à casa de banho sozinhas. Após a sesta ajudava a educadora e o meu par a levantar as camas e os lençóis enquanto as crianças iam à casa de banho ordeiramente, vestiam os seus bibes, bebiam um pouco de água e sentavam-se no tapete a ver as ilustrações dos livros, pois já conheciam a sua rotina. Quando a sala já estava arrumada, sentava-me no chão com as crianças a ver as histórias e todos os dias me solicitavam-me que eu lhas contasse, o que eu sempre fazia.

Posteriormente surgia o momento de arrumar os livros e da educadora colocar questões às crianças sobre as atividades orientadas realizadas durante a manhã, de modo a fazer a avaliação do dia e relembrar o aprendido. Nas minhas semanas de intervenção também realizei sempre este momento, pois considero bastante importante que as crianças consigam refletir e comunicar, diariamente, sobre o que fizeram e o que aprenderam.

Em seguida surgia outro momento de refeição, o lanche.

No período da tarde, após o lanche, a educadora não realizava atividades orientadas, pelo que as crianças brincavam livremente. O objetivo deste momento livre era garantir bem-estar às crianças, promover a sua autonomia, deixar que explorassem livremente o espaço e interagissem entre si.

Interagia ativamente com as crianças durante este momento livre, quer em grupo quer individualmente. Conversava e brincava com elas, sentado ou colocado sempre de forma a estar à sua altura, de modo a criar laços de afetividade e transmitir-lhes conforto e segurança, enquanto lhes proporcionava, através das brincadeiras, aprendizagens estimulantes do seu desenvolvimento e bem-estar.

Durante este estágio realizei também a minha intervenção pedagógica e fui responsável pela sala como educador, num total de três semanas intercaladas com as semanas de intervenção do meu par pedagógico.

Antes de abordar a parte prática, gostaria de falar um pouco do processo de planeamento do projeto de intervenção. O mesmo foi pensado de acordo com os interesses e necessidades das crianças observados por mim e pelo meu par pedagógico na primeira semana de observação e em reuniões com a docente orientadora, conversas com a educadora cooperante, tentámos fazer convergir o Projeto Educativo da instituição com o Projeto de Sala da educadora, com os temas de pesquisa do par pedagógico, o que nos permitiu definir o tema do nosso projeto e planear atividades para dinamizar com as crianças.

Deste modo, o projeto apresenta como título “Era uma vez o envolvimento nas Artes e no Mundo”, que partiu do subtítulo “As histórias infantis como forma de desenvolver a participação e o envolvimento das crianças nas atividades de Expressão Artística e do Conhecimento do Mundo”, sendo as nossas atividades centradas nestes domínios e convergindo com as componentes mencionadas anteriormente. A partir daqui, pensámos conjuntamente nos conteúdos que queríamos trabalhar com as crianças, englobando não só as Expressões Artísticas e o Conhecimento do Mundo, mas as restantes áreas trabalhadas no jardim de infância, promovendo a transversalidade. Todo este processo de planeamento

e construção do projeto foi um processo constante de aprendizagem e aplicação de conteúdos adquiridos em diferentes unidades curriculares, contando com o apoio fulcral da nossa supervisora de estágio, da educadora cooperante e do trabalho em equipa do par pedagógico.

Refletindo um pouco sobre a minha intervenção, gostaria de salientar que todas as atividades que implementei com as crianças tiveram um impacto positivo nas crianças, quer individualmente quer em grupo. Globalmente, considero que consegui desenvolver um bom trabalho de intervenção com o grupo de crianças, pois as atividades realizadas foram ao encontro dos seus interesses e necessidades; todas as crianças, de um modo geral, sentiram agrado na concretização das mesmas indo sempre ao encontro do que era solicitado e, acima de tudo, demonstraram conhecimentos relativos às atividades realizadas, conseguindo comunicar e expressar-se sobre as atividades e sobre o que estavam a fazer e a aprender.

Quero ainda salientar que procurei durante a minha intervenção utilizar uma linguagem de acordo com a faixa etária (3/4 anos) das crianças em questão, uma linguagem clara e perceptível que respeitasse sempre o seu ritmo de trabalho e desenvolvimento.

Procurei sempre envolver o grupo de crianças nas atividades por mim planeadas e acompanhar, de uma forma mais individual, o trabalho de cada criança. Ao longo da realização das atividades, procurei tentar chegar sempre a todas as crianças e ouvi-las acerca do que estavam a realizar nas atividades e interagir com elas, auxiliando quando necessário.

Quis favorecer a curiosidade das crianças pelo mundo que as rodeia, pelo que procurei sempre estar próximo e acompanhá-las em diferentes momentos do dia-a-dia, respondendo às suas questões e curiosidades, conversando com elas, ouvindo-as e valorizando aquilo que expressavam, colocando sempre as questões que achava pertinentes relativamente àquilo que as crianças me estavam a transmitir, para que o seu interesse e curiosidade de aprender pudesse ir mais além. Ou seja, tentava estimulá-las, questioná-las, fazê-las continuar a conversar, fazê-las questionarem-se a si próprias, aumentando a sua disposição para aprender.

Em síntese, o estágio em contexto de jardim de infância revelou-se uma mais-valia no meu percurso pessoal, académico e futuramente, profissional. Foi um período muito rico ao nível de aprendizagens e experiências partilhadas com a educadora cooperante, com a ajudante de sala e, acima de tudo, com o grupo de crianças.

Enquanto observador, foi muito importante observar o trabalho da educadora e o papel da ajudante de sala, que me permitiu identificar as minhas lacunas e melhorar o meu desempenho na prática, tentando sempre fazer o meu melhor em todas as situações.

No que respeita às minhas maiores dificuldades gostaria de evidenciar a organização do ambiente de aprendizagem, visto que nas minhas semanas de intervenção, enquanto responsável pelo grupo, não consegui selecionar muito bem as minhas prioridades. A título de exemplo, a minha maior dificuldade foi definir o momento mais apropriado para organizar/preparar os materiais para as minhas atividades, sem deixar para trás o grupo. Por este motivo, neste aspeto solicitava o auxílio do meu par pedagógico. Deste modo, estas situações alertaram-me para o facto de que devo possuir uma maior capacidade de gestão e organização de trabalho e procurar ser um pouco mais autónomo neste aspeto, nomeadamente, preparar e organizar os materiais para as atividades no tempo mais conveniente, podendo até envolver também as crianças neste processo, solicitando o seu auxílio na organização e preparação dos materiais e atividades.

Relativamente à gestão e organização da comunicação entre as crianças, este foi o aspeto onde senti a maior dificuldade durante todo o período de estágio. A minha maior dificuldade foi em conseguir controlar e manter o grupo estável nos momentos do tapete e da explicação das atividades. Senti que, por vezes, não me conseguia fazer ouvir na sala, ou seja, não conseguia ter o controlo e atenção do grupo. Embora fosse um grupo numeroso, talvez também o facto de ser afetuoso com as crianças as tivesse levado a testar-me um pouco e experimentar até onde poderiam ir, pois não era a pessoa de referência com quem estavam familiarizadas. Também o meu pouco-à-vontade e receio de elevar a voz ou “ralhar” com as crianças fez com que a educadora cooperante tivesse de me auxiliar quando o grupo estava mais descontrolado. No entanto, senti que foi um aspeto no qual fui melhorando bastante com o decorrer do estágio.

Enquanto interveniente, foi muito importante participar em todos os momentos da rotina das crianças, pois penso que é através da prática que vamos adquirindo competências e destreza nos cuidados com as crianças. Foi igualmente importante e muito gratificante planear e dinamizar atividades com o grupo de crianças, pois fez-me transportar para o que realmente é o papel de um educador de infância, bem como reconhecer a importância e diferença que fazemos na vida das crianças e a forma como podemos contribuir para o seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem.

Considero que o meu percurso de estágio foi bastante positivo e a oportunidade de estagiar nesta instituição gratificante. Tive oportunidade de contactar com pessoas

fantásticas, tanto com educadoras como ajudantes de sala, bem como outros funcionários da instituição. Gostaria de dar ênfase, especialmente, ao grupo magnífico de crianças que tive oportunidade de conhecer e de partilhar momentos de alegria e aprendizagens, acompanhados por uma excelente profissional, que conta com o apoio de uma ajudante de sala igualmente espetacular.

Durante este período de prática profissional aprendi que, especialmente com crianças de tenra idade, o importante é, realmente, estabelecer uma forte e sólida relação do ponto de vista afetivo, transmitindo às crianças carinho, conforto e segurança, de modo que se sintam seguras e confiem em nós. Esta relação deve ser “trabalhada” e promovida individualmente e entre o grupo de crianças. Tudo isto, é a base para que as crianças estejam propícias à aprendizagem e a todas as outras competências importantes para o seu bom desenvolvimento para a vida futura.

No decorrer deste período, adquiri outras aprendizagens e estratégias importantes para o meu futuro enquanto profissional de educação, nomeadamente a importância de incentivar as crianças a realizar e participar nas atividades, de estimular os seus sentidos, de forma que trabalhem a sua autonomia, desenvolvam a motricidade e estimulem a sua criatividade e pensamento, contribuindo assim para o seu normal e bom desenvolvimento.

Com a educadora, aprendi a importância de ensinar às crianças o significado do verbo “partilhar”, de modo a dar continuidade ao espírito de partilha, de amizade e respeito pelos seus pares. Embora difícil, devemos sempre salientar a importância de partilhar os brinquedos, incentivando as crianças a fazê-lo instintivamente. Isto é conseguido através de conversas que temos com elas, em que lhes explicamos que o colega também tem o direito de brincar e que na sala existem brinquedos para todos, e que têm de ser partilhados por todos.

É importante que as crianças pequenas se sintam incentivadas, encorajadas e apoiadas. Que sintam que os adultos demonstram que estão atentos ao que a mesma está a fazer. Deste modo, aprendi que é muito importante congratular a criança sempre que esta realiza com sucesso as tarefas ou atividades que lhe são propostas, ou que tenha feito por vontade própria, ou até mesmo quando se encontra em momentos de brincadeira e se dirige ao adulto.

Analisando a minha presença neste estágio, entendo que foi uma experiência única e bastante gratificante. Sinto que adquiri muitos conhecimentos e competências novas, que irão certamente contribuir para o meu desempenho a nível pessoal e profissional. Gostaria ainda

de salientar que me senti completamente integrado durante este contacto que tive com todos os profissionais da instituição, e em particular, com a educadora cooperante e respetiva ajudante de sala, responsáveis pelo grupo magnífico de crianças da sala dos 3 anos, com as quais, desde o início, mantive sempre uma estreita relação de afetividade e admiração.

Quero também salientar todo o apoio da docente supervisora Teresa Cláudia Tavares que foi, sem dúvida, o meu grande pilar para que o meu desempenho fosse sempre o melhor e o mais longe possível. Desde o primeiro dia, mostrou uma inigualável disponibilidade para o acompanhamento de todo o trabalho, tanto de carácter teórico como prático, e com quem mantive sempre estreito contacto. Foi uma excelente orientadora, sempre à disposição para o esclarecimento de dúvidas e, acima de tudo, amiga. Senti que me transmitiu todos os seus conhecimentos e ensinamentos e contribuiu de uma forma bastante significativa para a minha postura a nível pessoal e profissional, acrescentando o seu forte contributo à minha bagagem de conhecimentos e aprendizagens. Desta forma, afirmo, com toda a certeza, que foi um excelente trabalho de equipa e que, sem dúvida alguma, não teria sido o mesmo sem o seu apoio crucial nesta etapa tão importante do meu percurso académico.

Durante este meu percurso e salientando todos os momentos de observação e intervenção nos quais participei, tive oportunidade de melhorar alguns aspetos da minha aprendizagem menos bem conseguidos, assim como outros que me foram surgindo no dia-a-dia. Durante este período, pude sempre contar com o apoio da educadora, da supervisora e do meu par. Deste modo, todo este período de prática profissional contribuiu de forma bastante significativa para o meu percurso pessoal e profissional, deixando-me mais apto para o futuro exercício da minha função como educador de infância.

No geral considero que as atividades desenvolvidas tiveram o sucesso esperado. Procurei essencialmente ir ao encontro dos interesses e necessidades das crianças e baseei-me no meu ponto de vista relativamente ao que considere que as crianças poderiam tirar melhor partido e adquirir diversas aprendizagens.

Numa visão global sobre as atividades que considere essenciais e que resolvi descrever nesta reflexão, todas envolvem a área do Conhecimento do Mundo. É de salientar que para além de trabalharem esta área também desenvolvem outras áreas nomeadamente a área das Artes Visuais. Optei por descrever as atividades atrás mencionadas uma vez que possuo uma paixão pela natureza e sou de opinião de que as crianças devem poder brincar ao ar livre e explorar a natureza. Ao idealizar o trabalho a desenvolver com as crianças centrei-me nos objetivos do trabalho, no que pretendia que as crianças adquirissem com a realização destas atividades. Assim sendo, optei por estas atividades (e não por outras) uma

vez que apresentam transversalidade entre algumas áreas de conteúdo, centrando-se essencialmente na área do Conhecimento do Mundo, porém permitem o cruzamento com as áreas da Linguagem Oral, das Artes Visuais e da Formação Pessoal e Social.

Em suma, gostaria de salientar que o desempenho de todo o meu trabalho desenvolvido com as crianças durante o período de estágio teve também a contribuição da professora supervisora, da educadora cooperante e do meu par pedagógico. Antes da dinamização de cada atividade, recorri a cada um dos intervenientes referidos, apresentando as minhas ideias e solicitando orientações para a melhoria da minha prática.

## **1º Ciclo do Ensino Básico – 1º Ano**

### **Contextualização**

#### Caracterização da Instituição

O terceiro estágio foi realizado numa escola básica, pública, sediada em Santarém.

**Dos espaços interiores** - de acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, a Escola sediada em Santarém, onde o estágio foi realizado assume uma tipologia P3, e foi construída no ano de 1984. Atualmente, é constituída por dois blocos pelos quais se encontram distribuídas e em funcionamento onze salas de aula. Em cada bloco existem dois pisos com três salas e uma zona comum (polivalente interior). No que respeita ao funcionamento das turmas, atualmente, toda a escola funciona em regime normal (diurno) e existe um Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA). Aqui, existe também uma zona polivalente comum, onde os alunos passam os intervalos em dias chuvosos. Existem, ainda, outros espaços como a biblioteca (integrada na rede de bibliotecas escolares), onde os alunos se dirigem para realizar atividades práticas e requisitar livros, a sala de professores, o gabinete da Coordenação, a reprografia, a cozinha, casas de banho e também algumas arrecadações. Relativamente ao espaço apto para as refeições, o refeitório, de acordo com o Projeto Educativo, funciona num anexo “inaugurado em outubro de 2007”.

**Espacos exteriores** - a escola possui, em todo o seu redor, um espaço comum, denominado pátio exterior. Este espaço encontra-se “dividido” e organizado de acordo com a frequência das turmas nos períodos de intervalo sendo que, para uma boa gestão e rentabilização do espaço, as turmas são distribuídas por ambos os espaços do pátio. Deste modo, o pátio conta com três grandes espaços: um pátio “central”, à entrada da escola, que tem baloiços, algumas mesas e bancos, um pátio “lateral” chamado “zona dos pneus”, que

contém diversos pneus para brincar, e o pátio “traseiro” denominado “zona do futebol”, que tem um pequeno campo de futebol com duas balizas. Ao longo da semana, todas as turmas vão fazendo a rotação pelos diversos espaços.

### Caracterização da sala

A sala onde foi realizado o estágio curricular é denominada “Sala dos Marinheiros”. Conta com a presença de uma turma de 1º Ano, o 1º AL, ou seja, o 1º Ano da Escola em questão. No que respeita à caracterização do espaço, a sala constitui um espaço não muito amplo, mas com bastante luz natural, pois grande parte da área envolvente da mesma possui grandes janelas com vista para o exterior. Relativamente à organização da sala, as mesas encontram-se dispostas em três filas e intercaladas umas entre as outras para que exista uma distância de segurança entre os alunos. Existe, ao fundo da sala, um armário onde os alunos guardam os seus manuais escolares e um outro armário em que se encontram também os seus dossiês e alguns materiais. À entrada da sala encontra-se a mesa de trabalho da professora. A sala dispõe de alguns equipamentos tecnológicos, nomeadamente, um computador, um projetor e um quadro interativo, que são utilizados regularmente pelos docentes para a dinamização das aulas. Na periferia da sala, ao centro, existe ainda um quadro grande de giz que é bastante utilizado pelos docentes para a realização de exercícios e dinamização de aulas.

### Caracterização da turma

A “Sala dos Marinheiros” tem esta denominação devido a ser uma turma de 1º ano que está a “embarcar” (navegar) numa aventura pela descoberta das aprendizagens. É uma turma composta por um total de 20 crianças, 13 rapazes e 7 raparigas, sendo todos os alunos da turma de nacionalidade portuguesa, à exceção de um aluno, que tem nacionalidade brasileira. Existem dois alunos com necessidades educativas diagnosticadas – um, que apresenta barreiras à aprendizagem devido a Perturbação do Espectro do Autismo e outro, neste caso uma aluna, que apresenta, igualmente, barreiras à aprendizagem devido a Atraso Global de Desenvolvimento Grave. Ambos os alunos permanecem maioritariamente no CAA (Centro de Apoio à Aprendizagem), estando em sala de aula com a turma somente no período da tarde e sempre acompanhados pela docente de Educação Especial. Existe ainda um aluno com uma necessidade educativa ainda não diagnosticada, identificada como possível Síndrome de Asperger – Perturbação do Espectro do Autismo, nos termos atualmente definidos pelo DSM-5 (APA, 2013), que é, curiosamente, um dos alunos que tem uma maior facilidade de aprendizagem dos conteúdos.

Decorrente da observação e intervenção com a turma ao longo do estágio, as maiores dificuldades dos alunos centram-se na área do Português, nomeadamente, em atividades de iniciação à leitura e escrita. No entanto, a grande maioria dos alunos consegue acompanhar e aprender os principais conteúdos lecionados durante as aulas. Por sua vez, na área da Matemática, os alunos, na sua maioria, não demonstram grandes fragilidades, conseguindo transmitir e justificar o seu raciocínio em diversas situações. Relativamente à área do Estudo do Meio os alunos evidenciam dificuldades. No que respeita às áreas artísticas (Artes Visuais, Música, Dança, Dramática/Teatro) é possível afirmar que a turma participa ativa e colaborativamente em todas as atividades realizadas, demonstrando empenho e satisfação. As aulas de Educação Física revelam também bastante interesse por parte dos alunos, nomeadamente, em jogos e atividades de grande grupo.

Em relação às competências sociais da turma, no geral, todos os alunos são bastante afetuosos entre si, com os professores e auxiliares, dinâmicos e participativos em todas as tarefas e atividades que lhes sejam solicitadas. No entanto, por vezes, alguns alunos são também um pouco conversadores e distraídos. Consideramos importante salientar que é bastante visível que os alunos com maior facilidade na realização dos exercícios ou tarefas gostam de ajudar aqueles que revelam mais dificuldades. Pudemos ainda acrescentar que o grupo é bastante curioso e, de forma geral, muito empenhado na realização das atividades e na descoberta de novos conhecimentos.

### **Projeto de intervenção – O (des)envolvimento na leitura e escrita**

#### Descrição do Projeto

Durante o decorrer das duas primeiras semanas de estágio, foi possível observar a turma, no geral, e cada aluno individualmente, onde surgiu a oportunidade de contactar com todos os alunos e criar momentos de aproximação e afetividade. Estes momentos envolveram o dia-a-dia da turma, toda a componente letiva, as metodologias e estratégias utilizadas pela docente titular, bem como os momentos de brincadeira livre (intervalos) dos alunos. Através destas semanas de observação e em conversas com a docente titular, constatámos que as principais dificuldades dos alunos são, sobretudo, ao nível do português, nomeadamente, em atividades de iniciação à leitura e escrita, e os seus interesses encontram-se voltados para atividades de carácter mais lúdico e prático. Deste modo, decidiu-se partir das necessidades dos alunos (não esquecendo os seus gostos, evidentemente), e desenvolver o projeto de intervenção cruzando-os quer com o Projeto Educativo da instituição, que evidencia o desenvolvimento de capacidades, atitudes e valores, quer com a tentativa de promover uma integração curricular de diferentes áreas de conteúdo. Como estudantes do 2º ano de mestrado, ainda em desenvolvimento da realização da nossa dissertação, decidimos

englobar os temas da mesma neste projeto. Deste modo, o nosso ponto de partida foram as necessidades dos alunos e, enquanto par pedagógico, cada um de nós propôs-se planificar um projeto que englobasse diversas atividades que explorassem diferentes áreas de conteúdo com a turma.

O nosso projeto incidiu, essencialmente, na forma sobre como podemos envolver as crianças em atividades de iniciação à leitura e escrita, com recurso às Áreas Artísticas. Como as atividades artísticas acompanham outras áreas curriculares, podemos afirmar que o projeto favorece a integração curricular (transversalidade) porque engloba diferentes áreas do currículo que convergem numa finalidade - o projeto a desenvolver. Posto isto, decidimos intitular o nosso projeto “O (des)envolvimento na Leitura e Escrita”, que partiu do subtítulo “Oralidade, associação de palavras-imagens e as expressões artísticas como forma de desenvolver a leitura e a escrita”. Foram estabelecidos objetivos gerais e específicos (o que queremos que os alunos aprendam em determinada área de conteúdo, em consonância com as OCEPE, 2016), e a partir destes idealizámos as nossas atividades.

#### Estratégias e atividades implementadas

Na escolha das minhas intervenções, procurei sempre promover a integração curricular entre as várias áreas curriculares. Considerei também como ponto fulcral para as escolhas relativas à prática pedagógica, a temática da minha dissertação de mestrado cujo título é o seguinte: “Motivação e envolvimento em contexto educativo”. A minha intenção foi também dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora titular da turma e que fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças. No final de cada atividade questionei as crianças acerca do conteúdo de cada tarefa desenvolvida, pelo que as crianças demonstraram envolvimento, empenho e interesse pelas atividades em questão.

Para além dos aspetos mencionados para reflexão e avaliação das atividades, procurei intercalar com o meu par pedagógico a escolha das atividades a destacar de acordo com estas componentes para uma maior abrangência do trabalho desenvolvido por ambos e enriquecimento do presente portefólio.

No que respeita à minha primeira semana de intervenção gostaria de destacar atividades que para mim tiveram maior relevância, sendo que a primeira teve início na terça-feira. Neste dia dei início ao estudo da consoante “t” minúsculo. Comecei por explicar aos alunos que iriam aprender uma nova letra – a consoante “t” –, escrevendo-a no quadro. Em seguida, questionei os alunos sobre o que julgavam que ia acontecer à consoante “t” ao juntar as vogais. Deste modo, escrevi no quadro as sílabas *ta, te, ti, to, tu*, evidenciando que a

junção da consoante “t” com as vogais origina diferentes sílabas. Solicitei, de seguida, que a turma lesse em conjunto as sílabas formadas. Posteriormente, projetei no quadro interativo um trava-língua, presente no manual, que evidenciava a consoante “t”, proporcionando a sua audição aos alunos.

Neste seguimento, os alunos realizaram os exercícios propostos no manual. No decorrer desta atividade, fui acompanhando os alunos na resolução dos exercícios, circulando pela sala, de modo a esclarecer eventuais dúvidas.

Quando todos os alunos terminaram, procedi à correção dos exercícios no quadro, selecionando alguns alunos, ordeiramente, para ir ao quadro colocar as suas respostas e debatê-las em grande grupo. Para finalizar, os alunos treinaram a grafia da consoante “t” no seu caderno de treino. Selecionei este momento de trabalho, dando assim continuidade aos conteúdos programados pela professora cooperante em seguimento da aprendizagem dos alunos. No decorrer deste momento, foi evidente o interesse e empenho dos alunos nas aprendizagens, colocando questões e procurando realizar corretamente todos os exercícios propostos, bem como aprender a desenvolver corretamente a grafia no que concerne à consoante aprendida. Com esta atividade, os alunos adquiriram aprendizagens nomeadamente na apropriação da consoante “t”, na sua leitura enquanto integrada nas vogais e a sua grafia.

Outra atividade que considero relevante encontra-se enquadrada no domínio das Expressões, mais precisamente nas Artes Visuais. Esta consistiu na decoração de bolas de Natal. Procedi à distribuição de um círculo em cartão por cada aluno. Este círculo representava uma bola de Natal, pelo que cada aluno teve a oportunidade de escolher o modo como pretendia decorar o seu trabalho utilizando os diferentes enfeites disponíveis. Solicitei que os alunos utilizassem materiais como cola, papel crepe e outros à disposição. Cada aluno desempenhava a sua tarefa no respetivo lugar, enquanto fui circulando pela sala de modo a esclarecer eventuais dúvidas. Este trabalho era feito individualmente, contudo os alunos podiam trocar algumas ideias entre os pares. Com a realização desta atividade, os alunos adquiriram aprendizagens tais como a decoração do enfeite de Natal.

### **Reflexão sobre a prática educativa**

A realização do trabalho atrás mencionado foi bastante rica em aprendizagens, nomeadamente de um ponto de vista pessoal, e também das crianças, pois permitiu que os alunos desenvolvessem a sua criatividade e deste modo, dar asas à imaginação no que

respeita à decoração do trabalho. Pretendi também mobilizar técnicas de expressão plástica como o recorte, o uso correto da tesoura, estimular a motricidade.

Com o decorrer das atividades fui sentindo algumas dificuldades, nomeadamente nos métodos a utilizar para trabalhar com os alunos, na gestão do grupo e na organização do trabalho a realizar com os alunos. No entanto, essas dificuldades foram sendo atenuadas com o auxílio da professora cooperante. Todos os alunos demonstraram empenho e interesse pelas atividades por mim dinamizadas e no geral, toda a turma revelou alguma facilidade no desempenho das tarefas.

No decorrer das primeiras duas semanas, destinadas a contexto de observação, pude observar a turma e também participar e ajudar os alunos em quase todos os momentos de componente letiva. Em todos estes momentos, observei as estratégias utilizadas pela professora titular e pela professora de apoio da sala e procurei, sempre que possível, auxiliar as mesmas em algumas tarefas, nomeadamente, no acompanhamento dos alunos na realização de tarefas, distribuição de materiais, organização do ambiente educativo (preparação da sala e dos materiais necessários). Saliento aqui, as estratégias utilizadas pela professora, com ênfase na minha observação face à sua colocação (projeção) de voz na explicação das matérias, exercícios, a expressividade e entoação utilizadas, os gestos, a tranquilidade e pacificidade, e também os recursos materiais selecionados, que me permitiu aprender e assimilar algumas estratégias que visam cativar a atenção e concentração das crianças. Este trabalho de observação permitiu-me, posteriormente, transportar e aplicar estes conhecimentos nas minhas semanas de intervenção pedagógica.

Outra das estratégias que aprendi, com ambas as professoras e que considero bastante pertinente e aqui saliento, é que seja antes, durante ou após a realização de qualquer atividade, devem ser colocadas questões aos alunos sobre as atividades a realizar, e posteriormente as realizadas, de modo a fazer a avaliação do dia e relembrar o aprendido. Nas minhas semanas de intervenção procurei realizar sempre este momento, pois considero bastante importante que os alunos consigam refletir e comunicar, diariamente, sobre o que fizeram e aprenderam.

Outro dos momentos que tive oportunidade de interagir com os alunos, fora do contexto de sala de aula, foi no período de refeição, em concreto o almoço, nos quais participei, algumas vezes, juntamente com a professora cooperante, observar este momento dos alunos e evidenciar e complementar a importância do mesmo, e de se realizar uma alimentação equilibrada. Um outro momento em que acompanhei algumas vezes a professora foi também nos intervalos da manhã, em que a turma se deslocava pelos diferentes espaços do pátio

exterior. Aqui, observava algumas das brincadeiras e relações entre os pares e, juntamente com a professora, aproveitávamos para reforçar e promover atitudes de respeito entre os alunos nestes momentos.

No período da tarde, após o almoço, a componente letiva, de acordo com o horário da turma, era mais direcionada para atividades de caráter prático, centradas nas áreas das expressões. Aqui, tive também oportunidade de observar a dinamização de uma aula de educação física, lecionada pela docente titular e coadjuvada por uma outra docente desta área específica. Este momento revelou-se de extrema importância visto que nunca tinha tido oportunidade de observar a dinamização de uma aula de educação física e pude auxiliar ambas as professoras a preparar os materiais, compreender a dinâmica e planeamento de uma aula prática. Estes aspetos permitiram-me, mais tarde, planejar e dinamizar, tranquilamente, as minhas aulas de educação física nas semanas que me estavam destinadas.

Antes de abordar a parte prática, gostaria de falar um pouco do processo de planeamento do projeto de intervenção. O mesmo foi pensado de acordo com as necessidades das crianças observadas por mim e pelo meu par pedagógico na primeira semana de observação e em diálogos com a docente supervisora e com a professora cooperante. Para tal, tentámos fazer convergir o Projeto Educativo do agrupamento com os temas de pesquisa (dissertação) do par pedagógico, o que nos permitiu definir o tema do nosso projeto e planejar atividades para dinamizar com os alunos.

Refletindo um pouco sobre a minha intervenção, gostaria de salientar que todas as atividades que implementei com os alunos tiveram um impacto positivo nos mesmos, quer individualmente quer em grupo. Globalmente, considero que consegui desenvolver um bom trabalho de intervenção com a turma, pois as atividades realizadas foram ao encontro, principalmente, das suas necessidades e também interesses; todos os alunos, de um modo geral, sentiram agrado na concretização das mesmas indo sempre ao encontro do que era solicitado e, acima de tudo, demonstraram conhecimentos relativos às atividades realizadas, conseguindo comunicar e expressar-se sobre as atividades e sobre o que estavam a fazer e a aprender.

Procurei sempre envolver o grupo de alunos nas atividades por mim planeadas e acompanhar, de uma forma mais individual, o trabalho de cada aluno. Ao longo da realização das atividades, procurei tentar chegar sempre a todos os alunos e ouvi-los acerca do que estavam a realizar nas atividades e interagir com eles, auxiliando quando necessário.

Quis também favorecer a curiosidade dos alunos pelo mundo que os rodeia, pelo que procurei sempre estar próximo e acompanhá-los em diferentes momentos do dia-a-dia (idas ao refeitório, ao intervalo), respondendo às suas questões e curiosidades, conversando com eles, ouvindo-os e valorizando aquilo que expressavam, colocando sempre as questões que achava pertinentes relativamente àquilo que os alunos me estavam a transmitir, mesmo que não fosse sobre a matéria, para que o seu interesse e curiosidade de aprender pudesse ir mais além. Ou seja, tentava estimulá-los, questioná-los, fazê-los continuar a conversar, fazê-los questionarem-se a si próprios, aumentando a sua disposição para aprender.

Em síntese, o estágio em contexto de 1º ciclo, mais especificamente 1º ano, revelou-se uma mais-valia no meu percurso pessoal, académico e, futuramente, profissional. Foi um período muito rico ao nível de aprendizagens e experiências partilhadas com a professora cooperante, com a professora supervisora e, acima de tudo, com a turma e, especialmente, com cada aluno.

Enquanto observador, foi muito importante observar o trabalho da professora cooperante e o papel da professora de apoio (supervisora), que me permitiu identificar as minhas lacunas e melhorar o meu desempenho na prática, tentando sempre fazer o meu melhor em todas as situações e aceitando, positivamente, todas as críticas construtivas.

No que respeita às minhas maiores dificuldades gostaria de evidenciar, nas primeiras semanas, a organização e preparação do ambiente de aprendizagem, visto que nas minhas semanas de intervenção, enquanto responsável pela turma, não consegui selecionar muito bem as minhas prioridades. A título de exemplo, a minha maior dificuldade foi definir o momento mais apropriado para organizar/preparar os materiais para as minhas atividades, sem deixar para trás o grupo. Por este motivo, neste aspeto solicitava, ao início, bastante o auxílio do meu par pedagógico. Deste modo, estas situações alertaram-me para o facto de que devo possuir uma maior capacidade de gestão e organização de trabalho e procurar ser um pouco mais autónomo neste aspeto, nomeadamente, preparar e organizar os materiais para as atividades no tempo mais conveniente, podendo até envolver também os alunos neste processo, solicitando o seu auxílio na organização e preparação dos materiais e atividades.

Relativamente à gestão e organização da comunicação entre os alunos, este foi um aspeto onde me senti, desde o início, bastante tranquilo durante todo o período de estágio. Senti que os alunos me aceitaram totalmente como professor responsável de sala, ou seja, que nos dias destinados à minha intervenção era a mim que se dirigiam para todo e qualquer esclarecimento. Este aspeto foi muito importante para mim, pois fez-me sentir bastante confiante em mim mesmo e perante a turma, sendo que este contributo se deve bastante à

professora cooperante que, desde o início, fez questão de alertar os alunos que quem estaria à frente da sala seria eu, neste caso, ou o meu par pedagógico, a partir de um dado momento.

No que respeita a conseguir “controlar” e manter o grupo estável nos momentos de explicação das atividades e resolução das tarefas propostas, senti que, por vezes, era um pouco difícil, sobretudo no período da tarde. Embora fosse um grupo numeroso, talvez também o facto de ser afetuoso com os alunos tivesse levado a testar-me um pouco e experimentar até onde poderiam ir, pois não era a pessoa de referência com quem estavam familiarizados. Também o meu pouco-à-vontade e receio de elevar a voz ou “ralhar” com os alunos fez com que a professora cooperante tivesse, algumas vezes, de me auxiliar quando a turma estava mais barulhenta. No entanto, senti que foi um aspeto no qual fui melhorando bastante com o decorrer do estágio.

Enquanto interveniente, foi muito importante participar em todos os momentos da componente letiva e assumir o controlo da turma na totalidade, pois penso que é através da prática que vamos adquirindo competências e destreza para lecionar e interpretar o nosso papel. Foi igualmente importante e muito gratificante planear e dinamizar atividades com o grupo, pois fez-me transportar para o que realmente é o papel de um professor, bem como reconhecer a importância e diferença que fazemos na vida dos alunos e a forma como podemos contribuir para o seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem.

Considero que o meu percurso de estágio foi bastante positivo e a oportunidade de estagiar nesta instituição muito gratificante. Tive oportunidade de contactar com pessoas fantásticas, tanto com professoras, bem como outros funcionários da instituição. Gostaria de dar ênfase, especialmente, ao grupo magnífico de alunos que tive oportunidade de conhecer e de partilhar momentos de alegria e muitas aprendizagens, acompanhados por uma excelente profissional, que conta com o apoio de uma professora de apoio igualmente espetacular.

Durante este período de prática profissional aprendi que, especialmente com alunos em início de escolaridade, o importante é, realmente, estabelecer uma forte e sólida relação do ponto de vista afetivo, transmitindo às crianças carinho, conforto e segurança, de modo que se sintam seguras e confiem em nós. Esta relação deve ser “trabalhada” e promovida individualmente e entre o grupo/turma. Tudo isto, é a base para que os alunos estejam propícios à aprendizagem e a todas as outras competências importantes para o seu bom desenvolvimento para a vida futura. Durante este período adquiri novas aprendizagens e estratégias tais como a importância de estimular e incentivar as crianças a realizar e participar nas atividades, de modo a trabalharem a sua autonomia, desenvolverem a sua motricidade e estimularem a sua criatividade e pensamento, contribuindo para o seu bom desenvolvimento.

Aprendi ainda com a professora a importância de ensinar aos alunos o conceito de “partilhar”, de modo a dar início ao espírito de partilha, de amizade e respeito pelo outro. Embora seja difícil nestas idades, devido à predominância do egocentrismo das crianças, devemos sempre incentivá-las e fazê-las ver, conversando com elas e explicando-lhes que o outro também tem o direito de brincar. Neste ponto, refiro-me a pequenas confusões que os alunos traziam do recreio para a sala de aula e que a professora fazia questão de trabalhar em torno destas problemáticas.

Todos os alunos gostam de ser incentivados e encorajados, sentindo-se bem e apoiados quando o adulto (neste caso, o professor) demonstra que está atento ao que está a realizar. Deste modo, aprendi que é muito importante sempre que o aluno realiza com sucesso alguma tarefa ou atividade que lhe seja solicitada ou por vontade própria, ou até mesmo quando se encontra em momentos de brincadeira e se dirige ao adulto, deve dar-se atenção ao aluno, elogiá-lo, dar-lhe os parabéns, de modo que se sinta apoiado e felicitado pelas suas conquistas.

Como parte final desta reflexão, reforço que este estágio foi uma experiência única e bastante gratificante, onde adquiri novos conhecimentos e competências, que irão certamente contribuir para o meu desempenho enquanto futuro profissional de educação. Gostaria também de salientar a boa relação que tive com todos os profissionais da instituição e conseqüente integração e, em especial, com a professora cooperante e respetiva professora de apoio, (supervisora de estágio) Filomena Reis, responsáveis pelo grupo magnífico de alunos da sala do 1º ano, com as quais, desde o início, mantive sempre uma estreita relação de afetividade e admiração.

Quero também salientar todo o apoio da docente supervisora Filomena Reis que foi, sem dúvida, um grande pilar para que o meu desempenho fosse sempre o melhor e o mais longe possível dentro da sala de aula e na concretização do projeto. Desde o primeiro dia, mostrou uma inigualável disponibilidade para o acompanhamento de todo o trabalho, tanto de caráter teórico como prático, e com quem mantive sempre estreito contacto. Foi uma excelente orientadora, sempre à disposição para o esclarecimento de dúvidas. Senti que me transmitiu todos os seus conhecimentos e ensinamentos e contribuiu de uma forma bastante significativa para a minha postura a nível pessoal e profissional, acrescentando o seu forte contributo à minha bagagem de conhecimentos e aprendizagens. Desta forma, afirmo, com toda a certeza, que foi um excelente trabalho de equipa e que, sem dúvida alguma, não teria sido o mesmo sem o seu apoio crucial nesta etapa tão importante do meu percurso académico.

Durante este percurso e olhando para todos os momentos de observação e intervenção que tive oportunidade de experienciar, pude resolver e aperfeiçoar algumas lacunas interiores e também decorrentes do contexto, contando sempre com o apoio da professora cooperante, da docente supervisora e do meu par. Deste modo, todo este período de prática profissional contribuiu de forma bastante significativa para o meu percurso pessoal e profissional, deixando-me mais apto para o futuro exercício da minha função como professor de 1º ciclo.

## **1º Ciclo do ensino Básico – 3º Ano**

### **Contextualização**

#### Caracterização da instituição

O período de estágio foi realizado numa escola pública sediada em Santarém que integra as valências de pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico.

A escola funciona num edifício, relativamente moderno, com instalações adequadas e boas condições para os alunos. É dividida em dois andares, o rés-do-chão e o 1º andar. No 1º andar, podemos encontrar a receção, cinco salas de aula, relativamente espaçosas e bem iluminadas, uma biblioteca escolar, um ginásio, uma sala de professores e duas casas de banho, uma para os alunos e outra para os docentes e auxiliares.

No rés-do-chão, ao descermos as escadas, deparamo-nos com um grande espaço onde as crianças podem brincar, principalmente em dias de chuva, ler alguns livros e fazer pequenos jogos de mesa. Esta grande divisão dá acesso a salas de aula e também às salas em que se encontravam as crianças do jardim-de-infância.

Este espaço dá, igualmente, acesso ao espaço exterior, a outra casa de banho para os alunos, ao refeitório, a uma sala onde as auxiliares e as estagiárias podem almoçar e guardar os seus pertences nos cacifos.

O espaço exterior possui alguns bancos de jardim, um campo desportivo e várias diversões para os alunos brincarem nos intervalos, nomeadamente, um escorrega, dois baloiços e uma rede para escalar. Toda a escola está rodeada por gradeamento para assegurar a segurança dos alunos.

#### Caracterização da sala

A sala onde foi realizado o período de estágio curricular foi a sala do 3.º Ano - Turma 4, a cargo da professora titular.

No que respeita à caracterização do espaço, a sala constitui um espaço bastante amplo, dado o número de alunos que acolhe, com muita luz natural, pois grande parte da área envolvente da mesma possui grandes janelas para a entrada exterior da escola.

Relativamente à organização da sala, as mesas encontram-se dispostas em filas, organizadas maioritariamente em duas mesas juntas (Figura 5; Figura 6). Deste modo, os alunos mantinham uma maior proximidade entre os seus pares, permitindo uma maior dinâmica entre o professor e os alunos, no que respeita ao decorrer das aulas.

A sala conta com a presença de equipamentos tecnológicos – nomeadamente computador, projetor e quadro interativo –, que são utilizados para lecionar as respetivas aulas, mas também com um quadro de giz, utilizado com menos regularidade.

Num dos lados da sala, encontra-se um grande armário que acompanha toda a parede. Neste armário estão guardados todos os componentes pedagógicos dos alunos, bem como materiais didáticos e pertences pessoais dos mesmos.



*Figura 5 - Disposição geral da sala e respetivos equipamentos*



*Figura 6 - Outra perspetiva da disposição da sala*

### Caracterização da turma

A turma onde se realizou o estágio era uma turma de 3.º ano de escolaridade. Esta turma era constituída por 20 alunos, mais especificamente 10 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos.

De um modo geral, os alunos são bastante unidos entre si, o que converge numa boa turma em termos de comportamento. Na sua maioria, são alunos atentos, esforçados e trabalhadores, muito participativos e procuram envolver-se em todas as atividades e desafios que lhes são impostos.

No que respeita às várias áreas curriculares, os alunos demonstram um bom desempenho ao nível do Português e do Estudo do Meio, representando a Matemática a área em que existe uma maior fragilidade. Os alunos, claramente, têm preferência pelas

Expressões Artísticas, nomeadamente, a expressão plástica e pela área do desporto, a Educação Física. Assim, a docente titular procurou sempre estabelecer interdisciplinaridade entre as várias áreas curriculares, trabalho que procurámos dar continuidade.

Um aspeto que gostaria de salientar nesta turma refere-se à presença de um aluno com algumas dificuldades a nível comportamental, não existindo àquela data um diagnóstico que permitisse afirmar ou adotar medidas face a estas necessidades e situação. Este era um aluno que, em termos cognitivos, estava ao nível do 1.º/2.º ano, de acordo com a docente titular, e que beneficiava de diversos acompanhamentos e terapias diárias, determinadas por consenso entre familiares, docente titular e instituição.

Deste modo, o aluno apesar de estar numa turma de 3.º ano, encontra-se a realizar aprendizagens dos anos anteriores, sendo desconhecida a razão pela qual o aluno se encontra nesta situação. Do que se pôde observar em sala de aula, o aluno apresenta comportamentos adequados. É um aluno afetuoso e respeitador, que procura o auxílio dos adultos no acompanhamento da sua aprendizagem, embora revele pouca capacidade de concentração e atenção nas tarefas a desenvolver. No entanto, demonstra grande satisfação em partilhar os seus momentos de terapias (natação, hipoterapia, horta pedagógica...) com os docentes, sendo capaz de comunicar sobre as aprendizagens realizadas nestes contextos de aprendizagem.

Foram relatadas situações em que o aluno teve comportamentos desviantes e foi chamado à atenção por agir de forma imprudente e, em algumas destas situações, o aluno agiu de forma violenta para com os adultos ou os seus pares, havendo necessidade de, em algumas instâncias, chamar as autoridades, nomeadamente a PSP, que se terá deslocado à escola para avaliar os danos e procurar “atenuar” tais comportamentos. Importa referir que estes momentos aconteciam, maioritariamente, em horário pós-letivo, ou seja, quando a docente titular já não estava presente na escola.

É de extrema importância relatar que, durante o período de estágio, compreende-se que a situação acima relatada, não é alheia aos vários intervenientes no processo educativo: alunos, docentes, auxiliares e até mesmo encarregados de educação. Isto foi visível nos dias seguintes à ocorrência, na medida em que houve ausência de muitos alunos dentro da sala de aula, chegando a haver apenas a presença de apenas três alunos. Esta situação apresentou-se como “novidade” para mim e para a professora titular que afirmou, emocionada *“em tantos anos de serviço, nunca me tinha acontecido tal situação”*.

Por último, gostaria de evidenciar que não foi, efetivamente, possível realizar a inclusão deste aluno, como eu e o meu par pedagógico visionámos conseguir, aquando da planificação do nosso projeto, devido às condições que nos foram impostas e à escassa permanência do aluno em sala de aula, o que limitou a nossa missão e ambições.

## **Projeto de intervenção - Motivação e envolvimento em contexto educativo**

### Descrição do Projeto

Durante o decorrer dos dois primeiros dias e da semana seguinte de estágio, foi possível observar a turma e cada aluno individualmente, onde surgiu a oportunidade de contactar com os alunos e criar momentos de aproximação e afetividade, que envolveram a observação atenta do desenrolar dos vários momentos letivos, dinamizados pela docente titular.

Através destas semanas de observação e em conversas com a docente titular, constatou-se que os interesses dos alunos são bastante diversificados, mas adoram envolver-se em todas as atividades e desafios, adotando uma postura muito participativa, comunicativa e, sobretudo, gostam de partilhar as suas ideias.

No entanto, dada a existência na turma de um aluno com alterações do comportamento houve a ambição de desenvolver então um projeto que incorporasse atividades mais lúdicas e dinâmicas, em que o aluno em questão pudesse efetivamente, e sempre que possível, participar. Este foi o ponto de partida do nosso projeto de intervenção.

Além de partir dos gostos e interesses da turma, em geral, o foco foi, efetivamente, a integração deste aluno em vários momentos e áreas curriculares da componente letiva, procurando responder às suas necessidades. Assim, procurou-se desenvolver o projeto de intervenção de acordo com as condições que foram impostas, no que respeita à promoção das mesmas aprendizagens e oportunidades, sempre que possível e de acordo com o nível cognitivo do aluno.

### Estratégias e atividades implementadas

Uma atividade que destaco, foi desenvolvida no âmbito da área das expressões artísticas. A atividade consistia na construção de uma rosa dos ventos através da dobragem em origami.

Comecei por explicar aos alunos que iriam ver um vídeo com as instruções relativas às dobragens. Pedi-lhes que prestassem muita atenção e fui parando o vídeo à medida que era necessário para que os alunos pudessem desenvolver corretamente o trabalho.

Levei para a aula um molde de uma rosa dos ventos, de modo a conseguir dar instruções para a elaboração do origami. Assim que algum aluno revelava ter dificuldade na execução da tarefa, procurei logo exemplificar com o molde, de modo que os alunos ficassem desde logo esclarecidos.

Quando todos os alunos terminaram a construção da sua rosa dos ventos puderam decorá-la ao seu gosto. Posteriormente, os trabalhos foram expostos na sala de aula.

Em análise, os alunos realizaram a atividade com relativa facilidade. Aprenderam uma técnica nova, embora alguns já conhecessem a arte do *origami*. O impacto foi positivo. Foi uma atividade dentro do lúdico, que proporcionou momentos agradáveis e de calma e serenidade.

Outra atividade realizada no âmbito da área do estudo do meio, consistiu numa experiência com ímanes e diferentes materiais. O objetivo deste trabalho consistia em observar a atração ou repulsão de alguns materiais em relação aos ímanes.

Organizei a sala de modo que a turma ficasse dividida em três grupos. Distribuí um guião por cada aluno. Disponibilizei por cada um dos grupos, alguns materiais como, por exemplo, um pedaço de cartolina, uma moeda, entre outros. Os alunos começaram por preencher o guião, por mim disponibilizado, com os seus conhecimentos prévios, ou seja, o que consideravam que iria acontecer aos materiais.

Todos os alunos tiveram oportunidade de realizar a experiência e de observar se os materiais eram atraídos pelo íman. Foi também verificado se os materiais, estando dentro de um recipiente com água, seriam atraídos pelo íman, ou não. Com a realização da experiência, os alunos voltaram a preencher o guião, desta vez numa nova tabela, identificando o que observaram/verificaram ter acontecido aos materiais.

Em análise, as respostas foram diversas, tendo alguns alunos identificado corretamente o que iria acontecer entre os materiais e os ímanes, e outros não. Alguns alunos ficaram bastante surpreendidos pelas ocorrências, sendo que era visível as aprendizagens adquiridas naquele momento. A experiência foi bastante positiva, tendo os alunos gostado mais desta última do que a anterior.

### **Reflexão sobre a prática educativa**

Na escolha das minhas intervenções, procurei promover a integração curricular entre as várias áreas curriculares, nomeadamente a expressão plástica e o estudo do meio. Considerei também como ponto fulcral para as escolhas relativas à prática pedagógica, a temática da minha dissertação de mestrado cujo título é o seguinte: “Motivação e

envolvimento em contexto educativo”. A minha intenção foi também dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora titular da turma, e que as atividades fossem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças. No final de cada atividade questionei os alunos acerca do conteúdo de cada tarefa desenvolvida. As respostas obtidas foram diversas. Todos gostaram das atividades executadas. Não houve nenhum aluno que não gostasse, embora as opiniões fossem diferentes face a quais das atividades gostaram mais. Todos os alunos demonstraram envolvimento, empenho e interesse pelas atividades em questão.

Quero salientar, desde já, que este período de prática profissional se revelou bastante gratificante e propício à aquisição de novas aprendizagens e partilha de experiências muito importantes para o meu percurso e futuro desempenho profissional enquanto professor de 1.º Ciclo.

O primeiro dia de estágio, que retrata a minha integração na instituição, decorreu de forma tão “normal” e positiva como esperava. Embora as circunstâncias fossem diferentes tendo em conta o contexto, toda a equipa pedagógica se mostrou recetiva e disponível para me auxiliar e inteirar sobre o funcionamento e regras de segurança a tomar dentro da instituição e na interação com os alunos.

Desde logo, a docente deixou-me à vontade para colocar dúvidas ou questões que surgissem e inteirou-me relativamente a todas as rotinas (horários) e momentos vividos na sala de aula. Estabeleceu o primeiro contacto com os alunos, apresentando-me ao grupo, dizendo que iria ficar na sala para trabalhar e lecionar a componente letiva, por forma a familiarizá-los com a minha presença constante.

Desde o início tive uma relação “chegada” com os alunos, tendo estabelecido uma boa relação com o grupo e com cada um. Procurei ser sempre assertivo, afetuoso, proporcionar bem-estar e auxiliar os alunos no que fosse necessário.

No decorrer da primeira semana, pude observar o grupo de alunos e participar em momentos da sua componente letiva. Em todos estes momentos, observei as estratégias utilizadas pela docente e procurei sempre auxiliá-la em algumas tarefas, nomeadamente, no acompanhamento dos alunos durante a realização das tarefas e esclarecimento de dúvidas existentes. Realizei também a correção de exercícios dos alunos e dos seus trabalhos de casa. Deste modo, procurei ter uma intervenção ativa e ajudar a docente nestes procedimentos, rentabilizando o tempo, trabalhando em equipa e, assim, adquirindo uma

maior prática e integração no contexto. Este trabalho permitiu-me, posteriormente, transportar e aplicar estes conhecimentos nas minhas semanas de intervenção pedagógica.

Durante este estágio realizei também a minha intervenção pedagógica e fui responsável pela sala enquanto professor, num total de quatro semanas intercaladas, diariamente, com o meu par pedagógico.

Antes de abordar a parte prática, gostaria de falar um pouco do processo de planeamento do projeto de intervenção. O mesmo foi pensado de acordo com os interesses e necessidades das crianças observados por mim e pelo meu par pedagógico na primeira semana de observação e em “reuniões” com a docente orientadora, conversas com a docente cooperante. Procurámos convergir estes aspetos com os temas de pesquisa do par pedagógico, o que nos permitiu definir o tema do nosso projeto e planear atividades para dinamizar com os alunos.

Deste modo, o projeto apresenta como título “Diálogo e prática como formas de integração”, sendo as nossas atividades centradas, maioritariamente, nas áreas curriculares do Estudo do Meio e das Expressões Artísticas e convergindo com as componentes mencionadas anteriormente. A partir daqui, pensámos conjuntamente nos conteúdos que queríamos trabalhar com as crianças, englobando não só as Expressões Artísticas e o Estudo do Meio, mas também as restantes áreas curriculares que respeitam o currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico, procurando promover a transversalidade. Todo este processo de planeamento e construção do projeto foi um processo constante de aprendizagem e aplicação de conteúdos adquiridos em diferentes unidades curriculares, contando com o apoio fulcral da nossa supervisora de estágio, da docente cooperante e do trabalho em equipa do par pedagógico.

Refletindo um pouco sobre a minha intervenção, gostaria de salientar que todas as atividades que implementei tiveram um impacto positivo nos alunos, quer individualmente quer em grupo. Globalmente, considero que consegui desenvolver um bom trabalho de intervenção com o grupo de crianças, pois as atividades realizadas foram ao encontro dos seus interesses e, sobretudo, das necessidades identificadas; todos os alunos, de um modo geral, sentiram agrado na concretização das mesmas indo sempre ao encontro do que era solicitado e, acima de tudo, demonstraram conhecimentos relativos às atividades realizadas, conseguindo comunicar e expressar-se sobre as atividades e sobre o que estavam a fazer e a aprender.

Quero ainda salientar que procurei durante a minha intervenção utilizar uma linguagem clara e perceptível, que respeitasse sempre o ritmo de trabalho e desenvolvimento dos alunos.

Procurei sempre envolver o grupo de alunos nas atividades por mim planeadas e acompanhar, de uma forma mais individual, o trabalho de cada aluno. Ao longo da realização das atividades, procurei tentar chegar sempre a todos os alunos e ouvi-los acerca do que estavam a realizar nas atividades e interagir com eles, auxiliando quando necessário. O diálogo e a partilha de ideias foi sempre um ponto estratégico e bastante abonatório.

Quis favorecer a curiosidade dos alunos pelo mundo que os rodeia, pelo que procurei sempre estar o mais próximo dos seus interesses e necessidades, respondendo às suas questões e curiosidades, promovendo momentos de diálogo e partilha entre os próprios alunos, ouvindo-os e valorizando aquilo que expressavam, colocando sempre as questões que achava pertinentes relativamente àquilo que me estavam a transmitir, para que o seu interesse e curiosidade de aprender pudesse ir mais além. Esta metodologia revelou-se bastante significativa pois, todos os dias, os alunos traziam pesquisas e temas de casa para partilhar e discutir com a restante turma, o que fez, na minha opinião, aumentar a sua disposição para aprender.

Um dos pontos fulcrais desta reflexão, como não poderia deixar de ser, relata a situação vivida durante o período de estágio com o aluno com necessidades educativas. Uma vez que o projeto de intervenção que ambicionei com o meu par se centrou na integração deste aluno na turma e nas atividades, gostaria de referir que não consegui realizá-lo na íntegra, devido à falta de comparência do aluno nas aulas, pois passava quase todo o seu tempo letivo em terapias, o que conduzia a uma presença muito escassa no contexto, logo, condicionava as oportunidades do aluno.

Além desta condicionante, gostaria de falar também sobre o impacto que a presença deste aluno causou nos restantes alunos, mas, sobretudo, nos encarregados de educação destes, pois existiram dias de estágio muito tristes para mim. Como referido neste relatório, saiu uma notícia no jornal, em nome da associação de pais desta turma a mostrar o descontentamento da presença do aluno em questão na turma, devido aos seus educandos irem “maltratados” para casa. Como apoio a esta notícia, os encarregados de educação dos alunos da turma recusaram levar os seus filhos à escola, sendo que estive alguns dias somente com a presença de três alunos na sala de aula, inclusive o aluno em questão.

Com isto, quero salientar que foi um percurso difícil no que respeita à implementação do projeto ambicionado, mas ao mesmo tempo não posso deixar de constatar que a relação estabelecida com o aluno foi muito positiva. Partilhámos sempre que possível, aprendizagens, momentos de brincadeira, sorrisos e, sobretudo, afirmo que consegui uma relação afetuosa com o aluno, pois através da sua expressão corporal e facial era possível verificar a sua tranquilidade com a minha presença.

No decorrer das atividades em que foi possível integrar o aluno, gostaria de salientar que o comportamento do aluno foi bastante positivo. Demonstrou-se recetivo à integração e participação nas atividades, relacionou-se bem com os seus pares e com todos os adultos, solicitando auxílio sempre que necessário.

Em síntese, o estágio em contexto de 1.º ciclo revelou-se uma mais-valia no meu percurso pessoal, académico e, futuramente, profissional. Foi um período muito rico ao nível de aprendizagens e experiências partilhadas com a docente cooperante, e, acima de tudo, com o grupo de alunos.

Enquanto observador, foi muito importante observar o trabalho da docente titular, que me permitiu identificar as minhas lacunas e melhorar o meu desempenho na prática, tentando sempre fazer o meu melhor em todas as situações.

No que respeita às minhas maiores dificuldades gostaria de evidenciar que, desde o primeiro momento, senti-me totalmente tranquilo, sem nervosismos. Deste modo, afirmo firmemente que não senti dificuldades de carácter prático. Quero com isto dizer que, enquanto professor, diante de uma turma estive sempre à vontade e inteirado dos conteúdos a transmitir aos alunos.

O único aspeto que consigo destacar foi o não cumprimento de algumas atividades no tempo planeado, o que fazia com que estas passassem para o dia seguinte. Esta situação alertou-me para o facto de que devo possuir uma maior capacidade de gestão e organização de tempo. No entanto, penso que esta “falha” pode dever-se ao facto de me sentir um pouco inseguro e preocupado na medida em que os alunos, efetivamente, aprendam os conteúdos que pretendo transmitir. O facto de serem alunos muito curiosos e empenhados também levou a cabo a abertura a outros temas diversos dos que eram para ser tratados, o que levava à dispersão do foco essencial de trabalho. Dada a minha inexperiência, procurava não só lecionar as aulas planificadas como integrar estas propostas, que considerei muito ricas, por parte dos alunos.

Com o decorrer do estágio procurei colmatar esta “falha” e ser mais sintético ao preocupar-me e focar-me nos conteúdos fundamentais, mas nunca deixando para trás a voz dos alunos.

Relativamente à gestão e organização da comunicação entre as crianças, este foi um aspeto onde senti que os objetivos para os quais trabalhei com a turma foram superados. Foi com enorme satisfação que vi os alunos crescerem enquanto turma, demonstrando uma evolução muito positiva ao nível do relacionamento entre alunos, bem como a predisposição para novas aprendizagens e envolvimento nas várias atividades.

Enquanto interveniente, foi importante e muito gratificante planear e dinamizar atividades com a turma, pois fez-me transportar para o que realmente é o papel de um professor de 1.º ciclo, bem como reconhecer a importância e diferença que fazemos na vida dos alunos e a forma como podemos contribuir para o seu percurso de desenvolvimento e aprendizagem.

Considero que o meu percurso de estágio foi bastante positivo e a oportunidade de estagiar nesta escola muito gratificante. Tive oportunidade de contactar com pessoas fantásticas, tanto com docentes, bem como outros funcionários da instituição. Gostaria de dar ênfase, especialmente, à turma magnífica de alunos que tive oportunidade de conhecer e de partilhar momentos de alegria e aprendizagens, acompanhados por uma excelente profissional, incansável mesmo.

Como conclusão desta reflexão, afirmo que a minha presença neste estágio foi uma experiência única e bastante gratificante, onde adquiri novas competências, que irão certamente contribuir para o meu desempenho enquanto cidadão e enquanto futuro profissional de educação. Gostaria ainda de salientar a boa relação que tive com todos os profissionais da instituição e consequente integração e, em especial, com a docente cooperante, responsável pelo grupo magnífico de alunos do 3.º ano – turma 4, com as quais, desde o início, mantive sempre uma estreita relação de afetividade e admiração.

Quero também salientar todo o apoio da docente supervisora Teresa Cláudia Tavares que foi, sem dúvida, o meu grande pilar para que o meu desempenho fosse sempre o melhor e o mais longe possível. Desde o primeiro dia, mostrou uma inigualável disponibilidade para o acompanhamento de todo o trabalho, tanto de carácter teórico como prático, e com quem mantive sempre estreito contacto. Foi uma excelente orientadora, sempre à disposição para o esclarecimento de dúvidas e, acima de tudo, amiga. Senti que me transmitiu todos os seus conhecimentos e ensinamentos e contribuiu de uma forma bastante significativa para a minha

postura a nível pessoal e profissional, acrescentando o seu forte contributo à minha bagagem de conhecimentos e aprendizagens. Desta forma, afirmo, com toda a certeza, que foi um excelente trabalho de equipa e que, sem dúvida alguma, não teria sido o mesmo sem o seu apoio crucial nesta etapa tão importante do meu percurso académico.

Deixo ainda um último comentário na medida em que este estágio foi o culminar de um percurso académico e com um “cheirinho” profissional, que me permitiu olhar para as experiências anteriores e atribuir um significado bastante positivo e de evolução pessoal e profissional. Em conjunto com os estágios anteriores afirmo que me sinto mais apto para o futuro profissional e, sobretudo, destaco a experiência que este período me ofereceu a seguinte premissa “quando vamos para um determinado contexto, não sabemos o que podemos encontrar...”. Assim, cabe-nos a nós, juntamente com os outros profissionais que nos apoiam e acompanham unirmo-nos em prol de uma educação rica e significativa, tendo em conta possíveis “problemas” que nos surgem pelo caminho.

Com este percurso e com todos os momentos de observação e intervenção que tive oportunidade de experienciar, pude colmatar e resolver algumas lacunas e também decorrentes do contexto, contando sempre com o apoio da docente titular da turma, da supervisora e do meu par. Deste modo, todo este período de prática profissional contribuiu de forma bastante significativa para o meu percurso pessoal e profissional, deixando-me mais apto para o futuro exercício da minha função como professor.

### **Reflexão Final sobre a prática educativa**

Em introspectiva, sinto que aprendi bastante, que foi um percurso importante para a minha futura carreira como profissional de educação. Adquiri novos conhecimentos e melhorei outros; no que diz respeito a diferentes formas de gerir o ambiente educativo, aprendi a interagir melhor com as crianças. Aprendi que acima de tudo devemos sempre valorizar a criança. Ou seja, chamar a atenção quando agem menos bem, e congratular quando agem corretamente, isto incentiva as crianças a quererem fazer bem, motiva-as e melhora a sua aprendizagem.

Das dificuldades sentidas, estas assentam principalmente na gestão do grupo, e no tempo que tinha para despender com cada atividade. De início, senti alguma dificuldade em gerir o grupo, porque sendo estagiário, e havendo uma educadora/professora cooperante, não me sentia à vontade para exercer autoridade para com as crianças, nomeadamente fazer chamadas de atenção quando necessárias. Com o decorrer do tempo, fui adquirindo as capacidades necessárias para ultrapassar estas dificuldades. Outra dificuldade que senti foi a de gestão de tempo, ou seja, nem sempre conseguia terminar todas as atividades dentro

dos tempos limites para cada uma, ficando algumas coisas por fazer. Com o decorrer do estágio, melhorei este aspeto, e para o fim já conseguia terminar todas as tarefas das atividades dentro dos tempos estabelecidos.

## **Parte II – Exercício investigativo**

### **Problemática**

Admite-se como consensual que na atualidade se assistem a fortes dificuldades na motivação e envolvimento das crianças em contexto educativo. É de conhecimento geral que cada vez mais encontramos crianças menos envolvidas com a escola – sem motivação – o que, por conseguinte, as leva a ser cada vez menos participativas.

A motivação pode ser entendida como uma força com origem no interior do indivíduo e que o impulsiona para uma ação (Garrido, 1990). Segundo Carreteiro (2005), o estudo da motivação é central em psicologia, pois é um dos fatores mais influentes nas atitudes e no comportamento, estando subjacente a vários processos psicológicos como sejam: a aprendizagem, o pensamento, a memória, a perceção, as emoções, a personalidade, entre outros.

### **Questão de investigação**

O presente estudo exploratório partiu da presente questão geral de investigação: Que estratégias poderão ser potenciadoras da motivação e envolvimento das crianças no JI e 1º Ciclo, em contexto de sala de aula?

Procurou-se sobretudo implementar estratégias que dessem a conhecer as particularidades de cada criança, no sentido de o que as leva a participar nas atividades.

### **Questões orientadoras**

Para o efeito, foram definidas algumas questões orientadoras:

(i) Que estratégias são identificadas pelos professores como promotoras da motivação e envolvimento das crianças em sala de aula, em contexto de 1º ciclo?

(ii) Que estratégias são identificadas pelos alunos no 1º ciclo como promotoras da motivação e envolvimento em sala de aula?

### **Objetivos**

Assim, este trabalho tem como objetivos:

- (a) Compreender o papel da motivação no envolvimento das crianças em atividades em sala de aula (quer na perspetiva dos professores quer na dos alunos);
- (b) Identificar as representações dos professores relativamente a estratégias promotoras da motivação e envolvimento das crianças em contexto de 1º ciclo e
- (c) Caracterizar as conceções das crianças do 1º ciclo acerca das estratégias promotoras da sua motivação e envolvimento.

## **Metodologia**

### **Tipo de estudo**

De acordo com Quivy, R. (1998), existem três paradigmas na investigação: o paradigma quantitativo, o paradigma qualitativo ou interpretativo e o paradigma social e crítico.

As investigações qualitativas privilegiam a compreensão dos problemas, a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação. Tendo em conta que na investigação qualitativa a teoria surge a partir da recolha, análise, descrição e interpretação dos dados, e face aos objetivos deste estudo, optou-se por um tipo de estudo desta natureza.

De forma a melhor compreender as realidades estudadas, neste trabalho optou-se por fazer um estudo descritivo, que tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto. Neste sentido, fez-se um estudo de caso, de carácter exploratório, utilizando como instrumento de recolha de dados a técnica da entrevista.

### **Participantes**

Não seria possível procurar estratégias potenciadoras de motivação e envolvimento em sala de aula sem a presença dos principais interlocutores no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, o presente estudo contou com 37 participantes: 2 professoras e 35 alunos do 1º CEB. As professoras de 47 e 41 anos de idade, lecionavam uma turma de 1º ano e 4º ano de escolaridade, respetivamente.

Foram entrevistadas presencialmente 35 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, das quais 23 eram do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Das crianças entrevistadas, 17 frequentavam o 1º ano de escolaridade e 18 frequentavam o 4º ano de escolaridade de uma escola do ensino público situada no distrito de Santarém. As respostas

obtidas equivalem a 100% de todos os indivíduos que integraram a amostra e as crianças entrevistadas correspondem à totalidade de alunos das professoras inquiridas.

## **Instrumentos**

Com vista à prossecução do objetivo do presente estudo foram realizadas entrevistas presenciais às duas professoras do 1º CEB. Como forma de orientação destas entrevistas desenvolveu-se um guião de entrevistas, semi-diretivo, constituído por onze questões (Anexo A).

Procurou-se através da entrevista conhecer as conceções das professoras em relação à motivação em geral, conhecer as suas opiniões face à crescente falta de interesse e motivação pela escola, por parte das crianças, assim como identificar as características, comportamentos e atitudes protagonizados pelos alunos em contexto sala de aula, que as professoras possam considerar como típicos de alunos motivados e envolvidos no contexto educativo.

Procurou-se igualmente conhecer as diferentes estratégias utilizadas pelas professoras dentro da sala de aula, com vista a promover a motivação e o envolvimento dos alunos, assim como captar a atenção dos alunos.

Houve ainda a preocupação de perceber se as professoras sentem dificuldade em promover a motivação e envolvimento dos alunos dentro da sala de aula, se isso tem influência no desempenho e sucesso escolar dos alunos.

No seguimento das entrevistas realizadas às professoras, foram realizadas entrevistas aos alunos, com o mesmo objetivo de obter respostas face à relação dos alunos com a escola, à sua participação e envolvimento na sala de aula, e a relação afetiva perante a escola. Com vista à orientação destas entrevistas desenvolveu-se igualmente um guião de entrevista semi-diretivo, assente em dez questões (Anexo B).

O objetivo destas entrevistas foi o de ouvir os testemunhos das crianças sobre a sua vida escolar, e como se sentem em relação à escola, em particular se gostam de frequentar a escola.

## **Procedimentos**

De início, procedeu-se ao planeamento das entrevistas que se iriam realizar a professoras e alunos. Estas entrevistas foram conduzidas dentro de um estabelecimento de ensino, e foram gravadas. Recolhidas as respostas às questões colocadas durante as entrevistas, estas foram posteriormente transcritas. Com base nessas respostas, elaboraram-

se tabelas com identificação das unidades de sentido, e o seu agrupamento em categorias, seguindo os procedimentos de Bardin (1977).

De seguida procedeu-se a uma revisão de literatura com base em livros e artigos científicos publicados, assim como algumas teses ou dissertações de mestrado dedicados ao tema investigação em educação.

Estas fontes revelaram-se essenciais para estruturar um conjunto de estratégias, conselhos e recomendações, suportadas pelas respostas dos docentes e crianças que constituíram a amostra. Para que não existisse nenhuma colocação excessiva de informação na amostra, optou-se pela organização de todos os dados recolhidos em anexos onde, de forma detalhada, se apresentam as respostas pelos sujeitos da amostra, aos vários inquéritos.

## **Enquadramento Teórico**

De modo geral, o objetivo de cada educador de infância e professor de 1º ciclo é o de assegurar a aprendizagem dos alunos neste primeiro ciclo das suas vidas educativas, de desenvolver aptidões e interesses, gerar capacidade de raciocínio, fomentar a boa moral e sensibilidade para com os outros. É ainda função do professor assegurar que as crianças se sintam envolvidas e motivadas dentro da sua sala de aula, trabalho esse que nem sempre é facilitado, por diversos motivos associados desde a diferenças entre os diversos alunos, como também a fatores externos, como por exemplo, ter acesso a mais ou menos informação. Pode assim constatar-se que o envolvimento está diretamente ligado à motivação, uma vez que a criança estará tanto mais envolvida, quanto mais motivada estiver a participar nas atividades dentro da sala de aula.

Mas de que forma é que essa motivação é conseguida, ou levada a cabo?

Esta questão tem sido abordada por diversos autores, que têm estudado a motivação, a sua ligação à psicologia, e, por conseguinte, a comportamentos e atitudes, conforme se descreve a seguir:

## Motivação

Para Carreiro (2005), o estudo da motivação é central em psicologia, pois é um dos fatores mais influentes nas atitudes e no comportamento, estando subjacente a vários processos psicológicos como sejam: a aprendizagem, o pensamento, a memória, a percepção, as emoções, a personalidade, entre outros. Todavia, o conceito de motivação, tal como o de aprendizagem, tem sido usado de diversas maneiras e nem sempre de forma adequada ou precisa, nomeadamente porque o interlocutor nem sempre se preocupa com o seu sentido exato e contexto específico (Logan & Wagner, 1965).

A palavra motivação, surge do latim “*motivus*”, o que move, constituindo um conjunto de fatores dinâmicos que determinam a conduta de um indivíduo ou de um animal (Carreiro, 2005; & Lemos, 1993).

*“A motivação pode ser entendida como uma força com origem no interior do indivíduo e que o impulsiona para uma ação”* (Garrido, 1990). Nas palavras de Murray, a motivação representaria *“um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa”* (Murray, 1986, p. 20).

Pintrich e Schunk (2002) defendem que a definição de motivação deve englobar vários aspetos, nomeadamente a noção de processo (ex., a motivação deve ser entendida como um processo e como um produto) que não pode ser observado diretamente, mas antes inferido a partir de alguns comportamentos. Na mesma linha encontramos Balancho e Coelho (1996) que encaram a motivação como um processo que suscita ou incita um comportamento, sustenta uma atividade progressiva e canaliza essa atividade para um dado sentido.

Isto leva-nos a Maslow (1970), considerado o pai do movimento humanista, que defende que o ser humano é um ser com uma tendência pessoal para se tornar realizado.

É com base nisto que Maslow (1970) cria uma pirâmide, onde desenvolve uma escala de necessidades a serem satisfeitas por cada indivíduo; cada ser, estando a autorrealização figurada no topo da pirâmide, como o nível mais alto da existência humana. Assim nasce a Teoria das Necessidades.

Para o ser humano, cada necessidade acaba por desencadear outra, e sucessivamente, sendo que somente após todas as necessidades estarem realizadas, é que o ser humano se vai sentir totalmente realizado.

Maslow (1970) terá criado a sua pirâmide baseando-se nos comportamentos humanos, orientados pelas suas necessidades, e que ele organizou segundo uma hierarquia. No seu modelo das motivações, Maslow (1970) explica que os indivíduos só atingem o seu mais elevado nível de motivação ao satisfazerem as suas necessidades de níveis anteriores, ou seja, a necessidade de hierarquia superior apenas surge ao satisfazer a necessidade imediatamente anterior, e sucessivamente, estando cada uma dependente da outra.

Segundo o mesmo autor, o que é específico ao ser humano cresce à medida que se sobe na pirâmide, ou seja, na escala hierárquica. Conforme se pode observar na figura abaixo, a hierarquia encontra-se representada através de uma pirâmide, e, nessa hierarquia, as três primeiras necessidades representadas nos níveis inferiores da pirâmide são sentidas por todos os seres humanos, sem exceções, Maslow (1970).

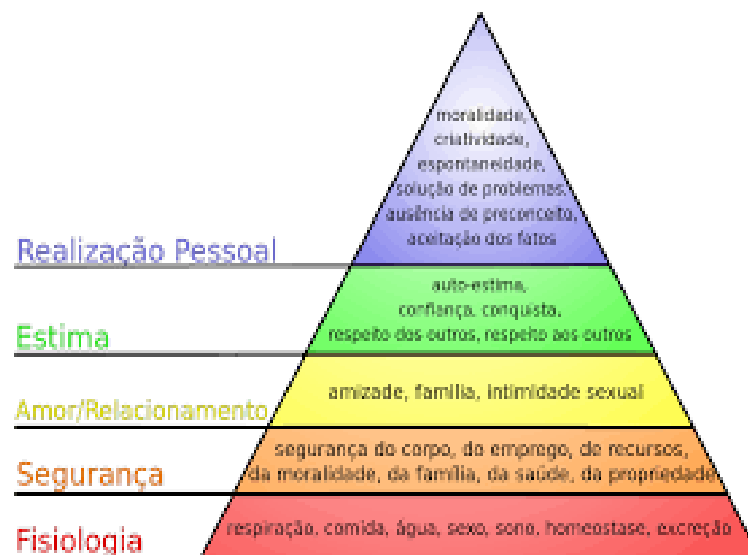


Figura 7 – Imagem da Pirâmide de Maslow

As últimas duas necessidades, neste caso consideradas necessidades de nível superior, apenas são sentidas por um número mais reduzido de indivíduos.

A pirâmide, conforme se pode observar, é composta por cinco níveis, cada um correspondendo a um dos cinco níveis de necessidades. A pirâmide pode ser lida de baixo para cima, ou seja, da base para o topo. No primeiro nível, ou seja, na base da pirâmide, encontram-se as necessidades básicas do ser humano, ou seja, as suas necessidades fisiológicas, ou vitais para o organismo, encontradas não só no ser humano, como em qualquer animal. São necessidades necessárias à sobrevivência da espécie, ou seja, a respiração, a alimentação, a água, o descanso, entre outras necessidades fisiológicas, para que o indivíduo se sinta em segurança, no que diz respeito ao seu corpo, ao seu emprego,

aos recursos dos quais dispõe, à sua saúde e à sua família, constituindo-se assim, a base de toda a motivação.

No segundo nível, dá-se primazia à segurança, ao estar fora de perigo. Há a procura pela tranquilidade, e conseqüentemente, a paz interior que se encontra ao sentir-se realizado a este nível.

No nível seguinte, e depois de satisfeitos os níveis anteriores, surge a necessidade de sentir conforto, quer nas suas amizades, quer no seio familiar, e até mesmo no que concerne à sua vida sexual. Neste nível intermédio, o indivíduo precisa de sentir aceitação pessoal. Isto é, precisa de interação na vida social, procurar afeto e amor e acima de tudo, precisa de sentir que é aceite pelos outros elementos da sociedade. Podemos assim dizer que o indivíduo procura aqui satisfazer as suas necessidades de pertença, conforme se apresentam.

É a autoestima, ou apenas estima, que figura em quarto lugar da pirâmide. Este nível está relacionado com a forma como o indivíduo se vê a si próprio: como se avalia, se reconhece o seu valor, se sente prestígio por si próprio, pela sua reputação e/ou pelo seu estatuto social. Podemos assim dizer que esta necessidade surge no indivíduo como controladora da sua autoestima. Quando esta necessidade estiver satisfeita, o indivíduo torna-se mais confiante, e isto tem impacto noutros aspetos da sua vida, nomeadamente o indivíduo torna-se mais curioso. A curiosidade tem a particularidade de motivar o ser humano, na medida em que quanto mais sabemos, mais queremos saber.

E por fim, o topo da pirâmide. Encontramos aqui a realização pessoal, ou seja, o concretizar de todas as necessidades anteriores. Esta concretização provoca a satisfação do indivíduo, na medida em que está diretamente ligada ao sucesso, à satisfação e realização dos objetivos a alcançar. Por este nível se encontrar no topo da pirâmide, e pelo motivo de cada nível implicar o realizar o anterior, nem sempre é alcançável. Por outras palavras, nem sempre se consegue atingir, pelo simples motivo de o indivíduo nem sempre conseguir satisfazer as suas necessidades de um nível anterior.

Um conceito idêntico ao de Maslow, foi o trabalhado por Rogers (1940, p.69), que terá utilizado o conceito para o tratamento de pessoas com perturbações emocionais. Identificou o conceito como sendo a tendência inata que cada indivíduo tem para atualizar as suas capacidades, dando a ideia de que o autoconceito é algo que cada indivíduo possui através da organização que lhe dá, e da consciência que tem das suas características, enquanto ser humano. Os conceitos anteriores são substituídos ou são reforçados à medida que surgem outras experiências.

A capacidade que cada indivíduo tem para modificar, os seus comportamentos e pensamentos, o seu consciente e o seu racional, molda a sua personalidade. *“Um indivíduo que apresente uma personalidade ajustada psicologicamente, tem consciência do que realmente é. Ele acredita que a angústia psicológica surge através da carência de harmonia entre o eu do indivíduo e o que ele deseja ser”*, (Rogers, 1940, p. 32)

Várias são as teorias desenvolvidas acerca da motivação, entre as quais uma das mais conhecidas, que terá sido desenvolvida por Maslow, cuja conceção se integra na corrente humanista que pretendia ser alternativa ao behaviorismo e à psicanálise (Carreteiro, 2005). Para Maslow, o comportamento é ditado por motivos diversos, resultantes de necessidades de carácter biológico, psicológico e social, hierarquizados por uma pirâmide (Carreteiro, 2005) Na base da pirâmide, encontram-se as necessidades fisiológicas básicas (como por exemplo, o sono e a alimentação). Satisfeitas as necessidades fisiológicas básicas e de segurança, considerando que o Homem é um ser social, surge a necessidade social ou de participação. A satisfação desta necessidade permite sentimentos de confiança em si mesmo, prestígio, poder e controlo. Pelo contrário, quando não satisfeita, podem surgir comportamentos destrutivos e imaturos: o indivíduo pode tornar-se rebelde, negligenciar o seu trabalho ou discutir com os colegas (Moraes & Varela, 2007). Finalmente, vem a necessidade de autorrealização que consiste na maximização do próprio potencial. Nos exemplos de Moraes, C. e Varela, S. (2007), um músico necessita de tocar música, um poeta necessita de escrever, um jogador de futebol necessita de jogar.

No contexto educacional a motivação dos alunos é vista como um importante desafio que apresenta implicações diretas na qualidade do envolvimento e participação do aluno em todo o processo de ensino e aprendizagem. Um aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de aprendizagem, participando nas tarefas de sala de aula com entusiasmo e revelando disposição para novos desafios (Alcará & Guimarães, 2007). A motivação do aluno é uma variável relevante – fundamental – do processo ensino/aprendizagem, na medida em que o rendimento escolar não pode ser avaliado unicamente por conceitos como inteligência, conhecimentos adquiridos, contexto familiar e condição socioeconómica.

### **Classificação das Teorias de Motivação**

Das várias teorias associadas à Motivação, dá-se aqui maior relevância às Teorias Comportamentais (ou Behaviorista) e a Cognitiva.

## Teorias Comportamentais ou Behavioristas

John B. Watson, considerado o pioneiro do behaviorismo clássico, terá lançado em 1913, uma espécie de manifesto intitulado “A Psicologia tal Como a Vê um Behaviorista.” Conforme se denota pelo título, Watson não estava aqui a sugerir uma nova ciência, mas antes a afirmar que a Psicologia deveria ser redefinida como o estudo do comportamento, devido à importância de se estudar o comportamento humano e não apenas os processos internos da mente. Ao invés, Watson acreditava que se deviam estudar as coisas que são visíveis, onde se podem tecer análises sobre o que é observável, e não apenas procurar através de um processo cujo estudo passa pelo interior da mente humana. Grande parte dos psicólogos existentes na sua época acreditavam que os estudos de Watson eram direcionados para os processos mentais, num mundo consciente e mental. Naturalmente, estes psicólogos não se sentiam propensos a concordar com Watson. Aliás, ele próprio impressionou o mundo com as suas novas provas, acerca daquilo que um organismo podia aprender a fazer, ao dizer de forma exagerada: *“Dêem-me uma dúzia de crianças saudáveis, bem formadas, e meu próprio mundo especificado para trazê-las, e eu garanto tomar qualquer uma aleatoriamente e treiná-la para se transformar em qualquer tipo de especialista que eu escolher - médico, advogado, artista, comerciante e até mesmo mendigo e ladrão, a despeito de seus talentos, inclinações, tendências, habilidades, vocações e raça de seus antepassados”*. Watson (1930:82).

A escassez de factos é sempre um problema para qualquer nova ciência, mas para Watson, que explorava o comportamento humano, foi particularmente prejudicial. As suas teorias tiveram por base outros estudos da mesma época, nomeadamente a teoria de um filósofo russo – Pavlov, que havia sido publicada mais ou menos na mesma altura. Nessa época, Pavlov apresentou uma experiência com um cão que salivava sempre que via comida, fazendo a relação com sinais ou sons, por minimalistas que fossem, que automaticamente faziam lembrar a chegada de uma refeição. Os resultados de Watson também foram obtidos com animais — neste caso, com ratos brancos. Watson acreditava que era possível controlar e até prever os comportamentos humanos, observando as reações tidas após um estímulo. Parecia assim estar implícito que o comportamento humano não tinha características distintivas. Watson afirmava que o pensamento era apenas uma fala sub-vocal, ao passo que Pavlov afirmava que a linguagem não passava de “um segundo sistema de sinais”.

Decorridos mais de sessenta anos desde a publicação do manifesto de Watson, pode dizer-se que houve grandes progressos na análise científica do comportamento, e, por

consequente, são notórias as deficiências nas apresentações de Watson, podendo as mesmas, agora, serem consideradas de interesse histórico, acima de tudo.

Surge assim Skinner (1974, p.115), que aparece no Behaviorismo radical, contradizendo de alguma forma o que foi dito por Watson. Para Skinner, o indivíduo é considerado um ser único, um ser homogêneo e não um todo constituído apenas por um corpo e uma mente.

Cada ser humano é diferente do outro, e embora alguns dos seus comportamentos possam até ser previsíveis, não o são de forma alguma, pois a reação de cada ser, de cada indivíduo, a um qualquer estímulo não tem de ser igual – podendo sim ser diferente.

Já Tolmon, (1966, p. 98), na sua teoria, refere que qualquer indivíduo tem uma razão para agir como age, ou seja, existe uma motivação para cada ação. Para cada motivo, ao qual podemos atribuir o nome de estímulo, existe uma resposta, à qual podemos atribuir o nome de ação.

De volta a Watson, este concluiu, através de uma experiência conduzida, que um professor ao dizer algo a um aluno pode influenciar a motivação desse mesmo aluno. Ou seja, se o professor estimula o seu aluno de forma positiva, através de um feedback de encorajamento, o aluno sente-se seguro e confiante para aprender. Desta forma, as teorias comportamentais podem ser consideradas uma fonte segura no campo da educação, na descoberta de processos de aprendizagem que poderiam influenciar a motivação de uma criança. Isto porque, caso o professor manifeste palavras de desagrado para com o aluno, e, por conseguinte, transmitir-lhe emoções negativas, o aluno sentir-se-ia desmotivado para a aprendizagem, pelo menos daquela disciplina, pois não se iria sentir confortável na sala de aula com aquele professor em particular.

Daí surge a teoria behaviorista ou do comportamento, que se baseia primordialmente no comportamento que o indivíduo tem perante um determinado estímulo. Neste caso concreto, o papel do professor, seja este positivo ou negativo, desencadeará sempre algum tipo de emoção no aluno.

### Teoria do Reforço

Outra teoria relacionada com a motivação é a teoria do reforço. Esta teoria pressupõe que o comportamento de um indivíduo pode ser influenciado por uma suposta recompensa que este vai ter. Caso a recompensa seja satisfatória, o indivíduo tem um comportamento positivo perante o estímulo na expectativa de obter a tal recompensa. Assim, na teoria de

Skinner (1974, p.121), a aprendizagem ocorre porque existe um reforço que desencadeia um determinado comportamento. Partindo deste pressuposto, poderíamos então afirmar que, dentro de uma sala de aula, um reforço positivo do professor para com o aluno, poderia estimular a sua aprendizagem. Se o aluno receber um elogio em relação ao seu trabalho, este poderá ser entendido como um reforço positivo, com capacidade para ajudar o aluno a ficar motivado para a aprendizagem, ou a participar numa atividade.

Assim, o comportamento desse aluno seria passível de ser controlado, na medida em que se após um elogio, o aluno sente-se mais motivado a aprender, tornando-se, em consequência disso, mais participativo, e, por conseguinte, obtendo melhores resultados, o professor poderia continuar a ajudar o aluno, utilizando esses elogios como forma de incentivo (motivação). Igualmente, a punição de comportamentos menos desejáveis deve ser evitada, pois havendo uma reação ao estímulo, tal punição poderia contribuir para o desencadear de sentimentos negativos e/ou de revolta.

### Teoria Cognitiva

A base da teoria cognitiva assenta fundamentalmente nos princípios teóricos de Piaget (1936 – 1950) e Vygotsky (1934), tendo recebido particular ênfase entre as décadas de 1950 e 1960. Surgiu essencialmente como forma de compreender de que modo a aprendizagem acontece enquanto estrutura mental de um sujeito e a necessidade de construir um conhecimento – ou seja, o que é necessário para que se aprenda.

Segundo a teoria cognitiva, a motivação não depende apenas das necessidades do indivíduo, mas também das expectativas que este cria perante determinadas situações. Estas expectativas poderão conduzir o indivíduo à satisfação das suas necessidades. Exemplo disto seria um aluno que pretende melhorar a sua avaliação a uma determinada disciplina – assim, este aluno vai estipular dentro da sua agenda um tempo destinado ao estudo nesta disciplina em particular, tendo em conta o seu desejo de melhorar os seus resultados.

Para Piaget o desenvolvimento cognitivo prende-se com as fases de desenvolvimento da criança, tendo este lhes atribuído diversos estágios (fases): sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-7 anos), operatório concreto (7-11 anos) e o operatório formal (11-15+ anos). A inteligência é vista como sendo o resultado de uma adaptação biológica havendo necessidade de se encontrar um equilíbrio para que o pensamento se estabeleça, ou seja, o que determina a capacidade de cada indivíduo está diretamente ligado ao nível mental adquirido para cada fase de desenvolvimento.

Para Vygotsky, o que determina o desenvolvimento cognitivo, neste caso concreto da criança, prende-se com as suas experiências de vida, mais concretamente o seio familiar, ou seja o aluno adquire conhecimentos ao longo de um processo social, histórico e cultural.

Desta forma, postula que estas aprendizagens adquiridas através de todo o tipo de experiências, como o desenho, os símbolos, a interação social, promovem processos internos de desenvolvimento, que de outra forma não ocorreriam se o indivíduo não fosse sujeito a tais experiências de vida. Havendo essa troca de interações, o cérebro tem capacidade para criar novos conhecimentos, com base nas experiências anteriormente adquiridas. *"learning is a necessary and universal aspect of the process of developing culturally organized, specifically human psychological function"* (Vyogtsky, 1978:90).

Em ambos os exemplos o indivíduo é visto como um ser social. Ambos acreditavam que o conhecimento é um processo de construção gradual, e assenta numa base biológica de funcionamento psicológico.

As principais diferenças entre as suas teorias eram que Piaget entendia o conhecimento como sendo construído do indivíduo para o social, ao passo que Vygostky entendia que o conhecimento partia do social para o indivíduo.

Do ponto de vista da aprendizagem, Piaget entendia que o processo de aprendizagem é conduzido pelo aluno, ou seja, quanto mais a criança se desenvolve, mais ela aprende; em contrapartida, Vygotsky entendia que o processo de aprendizagem é conduzido pelo professor, defendendo que quanto mais a criança aprende, mais ela se desenvolve. (Carmo, E. S. & Boer, N. 2012). Embora ambos entendessem o ser humano como um ser social, apenas Piaget privilegiava a maturação biológica como condição para o desenvolvimento cognitivo, ou seja, para a aprendizagem.

### **Motivação em contexto de ensino e de aprendizagem**

A motivação das crianças tem sido, ao longo dos anos, tema de debate e estudo com vista, nomeadamente, a descobrir como motivar uma criança que não tem interesse pela escola, nem pelos conteúdos que está a abordar em sala de aula (Huertas J. A., 2001; Moraes, C. & Varela, S., 2007; Santrock, J., 2009; Siqueira, L. & Wechsler, S., 2006; Tapia & Fita, 2015).

De acordo com Brophy (2000), *cit in Bzuneck*, a motivação do aluno está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula, pelo que o estudo não deve restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto, ou seja, o estudo não deve

basear-se apenas naquilo que faz o ser humano, neste caso o aluno, estar motivado, na medida em que a motivação não é inerente a todos os seres humanos, uns têm mais capacidade mental para se motivarem e outros menos; assim devemos também olhar para, e incluir, tudo o que se encontra ao seu redor dentro da sala de aula, que pode ser utilizado como elemento motivador, dessa forma contribuindo para que todos alcancem o sucesso escolar.

Para Tapia e Fita (2015) a motivação revela grande importância na aprendizagem das crianças, tratando-se de um processo duradouro, complexo e que tem de ser contextualizado de forma que as crianças mantenham a vontade e o gosto em aprender. Os mesmos autores acreditam que existe sempre uma forma de motivar as crianças, podendo esta ser despoletada pela própria criança ou por meio de fatores externos. Referimo-nos aqui à motivação intrínseca e extrínseca, a abordar mais adiante.

É um facto que a motivação está diretamente ligada à aprendizagem, sendo que existem alunos auto-motivados (motivação intrínseca), e alunos não motivados, ou desmotivados (motivação extrínseca). As atividades proporcionadas pelo professor também têm uma grande influência na motivação do aluno, pois levam a que os alunos estejam atentos e queiram participar de uma atividade, ou não. Num conjunto de alunos, deparamo-nos com as diferenças de cada um e são necessárias adaptações capazes de ir ao encontro de cada criança. Como tal, para ir ao encontro das capacidades de cada aluno devemos primeiramente compreendê-lo e identificar as suas dificuldades. Ao fazê-lo, o professor procura estratégias que se direcionem a cada aluno.

Não raras vezes, os professores deparam-se com turmas cujos alunos demonstram falta de interesse por determinadas disciplinas, cabendo ao professor descobrir a razão que leva o aluno a não demonstrar interesse pela escola, numa relação que se procura saudável, de tal forma que o aluno confie no professor e o encare como um adulto de referência, num processo que exige naturalmente tempo e dedicação.

Nas palavras de Drew, Olds e Olds (1997), “não há nenhuma criança, por mais diferente ou difícil que pareça, da qual não seja possível obter uma resposta” (p. 29). Acrescentam os mesmos autores que “costuma ser bastante fácil descobrir se uma determinada criança está motivada ou não; basta reparar se está muito ocupada com qualquer coisa” (p. 61). Caso o aluno evidencie pouca atividade no decurso da aula, então, provavelmente, não estará tão interessado quanto deveria estar em relação ao que se está a fazer na aula. É fulcral que o professor aprofunde as razões de tal postura, de modo a motivar o aluno. Segundo Drew,

Olds e Olds (1989), o professor, enquanto foco da ação, deve, com base no programa de estudos e nos interesses dos alunos, transformar a aula num lugar estimulante.

### **Motivação intrínseca e extrínseca**

Como já foi referido, a motivação tanto pode ser intrínseca como extrínseca, variando de indivíduo para indivíduo, conforme o seu interesse próprio ou interesse gerado. Enquanto a motivação intrínseca pode ser entendida como uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar as suas capacidades, ou seja, o indivíduo faz algo para se sentir recompensado; a motivação extrínseca surge como uma resposta a algo externo à tarefa ou atividade, ou seja, o indivíduo necessita de recompensas materiais, sociais ou de reconhecimento. (Boruchovitch & Bzuneck, 2004).

A motivação está intrinsecamente ligada à aprendizagem, porque advém da necessidade de um indivíduo ser motivado a querer aprender algo de novo. De toda a forma essa motivação pode já ser inata num aluno, porque este já possui motivação própria. No que respeita a aprendizagem; um mesmo aluno pode sentir-se tanto motivado como desmotivado, após um período de motivação, havendo necessidade de se criarem as condições favoráveis para que essa motivação ocorra (motivação extrínseca). Essa função cabe ao professor, que é quem deve proporcionar atividades que fomentem, que despertem o interesse dos alunos pouco ou nada motivados.

Peguemos neste exemplo de comparação:

Um indivíduo que queira ter uma boa nota numa ficha de avaliação vai estudar, porque quer tirar boa nota, então está presente a motivação intrínseca, sendo o seu comportamento positivo, no sentido que este indivíduo irá estudar para obter o resultado desejado. Caso a boa nota seja conseguida, então o aluno sentirá que a sua necessidade foi realizada, mas na eventualidade da boa nota não ser conseguida, o aluno poderá sentir-se frustrado.

Já a motivação extrínseca surge da necessidade que o indivíduo tem em fazer algo para obter alguma recompensa. Por exemplo, um aluno que não gosta de matemática, mas estuda apenas porque tem de passar à disciplina. Se obter um resultado positivo é aprovado, sendo motivado apenas porque sabe que não pode reprovar à disciplina. Partindo desta ideia, nas teorias cognitivas podemos encontrar um indivíduo motivado intrinsecamente pois é neste ponto que elas se baseiam, sendo o comportamento do ser humano influenciado pelas suas ambições.

Os pais e os professores devem ter como função a de fazer despertar nas crianças o seu sentido de curiosidade e interesse pelos diversos assuntos que fazem parte do dia-a-dia da criança. A motivação é, portanto, entendida como um processo, sendo como tal aquilo que

“suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido” (Balancho & Coelho, 1996, p. 72).

## Envolvimento

A relação entre o envolvimento e a motivação constitui um tema de grande debate e investigação, em que o envolvimento tem sido considerado como energia em ação, uma ligação ou interação entre a pessoa e a atividade (Russell et al., 2005) e a motivação encarada em termos de direção, intensidade e qualidade da energia manifestada (Maehr & Meyer, 1997), considerando-se que é necessária, mas não suficiente para existir envolvimento.

Laevers (2008) concebe o envolvimento como o desejo de descobrir, explorar e de experimentar o mundo, usando os sentidos para obtenção de uma noção de realidade. Para este autor, o envolvimento “pressupõe uma motivação forte, um fascínio, uma implicação total” (Laevers, 2008, p.19) sendo de extrema importância nomeadamente para cativar a atenção da criança que fica fascinada e totalmente absorvida pela atividade que está a realizar, permanece atenta e sensível aos estímulos mais relevantes e revela prazer pela ação que está a desenvolver. Esta satisfação resulta da vontade que o indivíduo tem de explorar, de captar a realidade e da vontade de experimentar e descobrir.

Veiga et al., (2012, p.36-50) definem o envolvimento como a “vivência de ligação centrípeta do aluno à escola, em dimensões específicas como: cognitiva, afetiva, comportamental e ainda agenciativa (o aluno como agente de ação)”. (Veiga, et al., 2012). O grau de envolvimento será proporcional ao comprometimento do aluno com a escola e à sua motivação para aprender, permitindo ultrapassar determinados problemas, tais como dificuldades de aprendizagem. Esta forte ligação entre motivação e envolvimento explica a razão destes conceitos surgirem tão frequentemente juntos na literatura e conexos à educação emocional.

É, contudo, certo dizer-se que a literatura tende a dividir o envolvimento em três elementos dinamicamente interrelacionados: cognições, emoções e comportamentos. É nestes três que nos vamos focar primeiramente. A dimensão cognitiva reporta-se ao investimento pessoal do estudante (Ainley, 1993), e também às estratégias autorreguladoras e de abordagem à aprendizagem (Fredricks et al, 2004), e operacionaliza-se nas perceções e crenças acerca de si mesmo, da escola e colegas. A dimensão emocional, também conhecida por psicológica reporta-se às reações emocionais suscitadas pela escola, colegas

e professores (Goodenow, 1993) e à ligação do estudante à escola. O grau de envolvimento será tão maior quanto o grau de envolvimento dos alunos, do seu comprometimento com a escola e a sua motivação para aprender (Veiga, et al., 2012). Assim sendo, a motivação e envolvimento aparecem muitas vezes juntos na literatura e ligados à educação emocional.

A dimensão comportamental pode ser definida pelas ações e práticas direcionadas à escola e à aprendizagem, incluindo condutas positivas, tais como a realização dos trabalhos de casa (Finn & Rock, 1997), a frequência e atenção nas aulas (Johnson et al., 2001), o empenho nas tarefas escolares, a obtenção de boas notas (Jordan & Nettles, 2000), a participação em atividades extra curriculares (Finn, 1993; Finn, Pannozzo, & Voelkl, 1995), e a ausência de comportamentos disruptivos no respeito pelas regras da escola (Fredricks et al., 2004). Segundo os mesmos autores, o envolvimento dos alunos na escola apresenta-se como uma resposta eficaz para os problemas que afetam as escolas e os seus alunos, como um aspeto a ter em conta na prevenção de padrões de comportamento problemáticos em contexto escolar (Veiga, et al., 2012).

Conforme acima referido, existe uma quarta dimensão da qual alguns autores falam, nomeadamente Reeve & Tseng (2011) e Veiga et al., (2012). Estes autores sugerem um outro componente conceptualizado, como por exemplo, o contributo construtivo que os alunos dão à instrução, a chamada dimensão agenciativa, ou seja, o que os alunos dão de volta à instituição, e aos professores, que igualmente aprendem com os seus alunos.

### **Envolvimento em contexto de ensino e de aprendizagem**

Segundo Veiga (2012), o envolvimento dos alunos na escola poderá ser definido como uma ligação dividida em três dimensões específicas: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. Trata-se de um construto que, segundo Simon-Morton e Chen (2009) tem vindo a ser operacionalizado de modo a valorizar o grau em que os alunos estão envolvidos e comprometidos com a escola, e motivados para aprender.

Vários estudos, como por exemplo de Church, Elliot, & Gable (2001) e Roeser, Midgley e Urdan (1996), sugerem que os estudantes entendem as estruturas da sala de aula como orientadas para objetivos de aprendizagem ou desempenho, sendo que os seus objetivos individuais estão associados de um modo positivo à estrutura correspondente. Roeser, Eccles e Sameroff (2000) indicam que as estruturas focadas no desempenho afetam o envolvimento, uma vez que influenciam a confiança na capacidade de o aluno ser bem-sucedido em tarefas relacionadas com a escola. É importante o incentivo da autonomia do aluno e a possibilidade de participação em tarefas relacionadas com a vida académica (Roeser, Eccles, & Sameroff, 2000) sendo que estas promovem o envolvimento e lhe permitem a prática de habilidades

relativas à tomada de decisão e a regulação do comportamento, proporcionando-lhe a responsabilidade de influenciar o ambiente de aprendizagem (Connell & Wellborn, 1991). A promoção do diálogo encoraja os alunos a refletirem meta-cognitivamente sobre a sua aprendizagem (Guthrie & Wigfield, 2000), vindo o apoio do professor a ser associado a vários indicadores de envolvimento comportamental, como a elevada participação em atividades relacionadas com a escola (Birch & Ladd, 1997) ou a diminuição de comportamentos disruptivos (Ryan & Patrick, 2001; Veiga, 2012).

Segundo vários autores, nomeadamente Appleton et al. (2008); Fredricks et al. (2004); Furrer & Skinner (2003) e Veiga (2012), o envolvimento dos alunos na escola pode ser considerado um preditor dos resultados académicos, mas também como um valor em si mesmo.

Não obstante, existem outros fatores a ponderar e que podem influenciar os resultados académicos, neste caso fora do seio escolar, nomeadamente no que concerne a estudantes que apresentem níveis socioeconómicos mais baixos, e que neste caso tendem a apresentar menores níveis de envolvimento na escola (Maslak et al., 2010). O ambiente familiar (relações parentais, expectativas, suporte e encorajamento) assume-se como um fator importante, mas que apenas permite explicar parcialmente as oscilações de envolvimento, sugerindo que as políticas e os procedimentos escolares exercem, também eles, efeitos importantes.

Desta parte investigativa, e tomando por base toda a literatura revista, podemos reter que os comportamentos de cada ser humano são controlados pela sua motivação, que poderá ou não ser instigada, e que poderá variar consoante outros fatores externos que a possam influenciar, nomeadamente o ambiente familiar.

Desta forma, quisemos perceber de que forma a motivação e os comportamentos que daí advêm são encarados de um ponto de vista educativo, ou seja, por parte de quem ensina, mas também de quem é ensinado. Para o efeito, procedemos à elaboração das entrevistas que se seguem:

## Entrevistas

### Entrevistas a Professoras de 1º Ciclo

Tendo por base o guião de entrevistas elaborado, as respostas das professoras do 1º ciclo do ensino básico foram sujeitas a uma análise de conteúdo, a partir da qual foi possível identificar as categorias emergentes do discurso e constantes na Tabela 1.

**Tabela 1:**

*Análise de conteúdo às entrevistas às professoras.*

Blocos	Categorias	Exemplos de unidades de sentido (US)	Nº total de US
Comportamentos indicadores de motivação	Empenho e interesse	Vontade de aprender	9
	Sucesso nas aprendizagens	Aquisição de conhecimentos	3
	Ultrapassar as dificuldades	Persistência	1
Comportamentos de alunos motivados	Participativos	Querem partilhar um texto que leram; Gostam de partilhar sempre mais alguma coisa.	7
	Entreajuda	Vontade de ajudar	1
	Compreensão das tarefas	Perceber aquilo que está a aprender; Perceber aquilo que tem de fazer.	2
	Curiosidade	Eles pesquisam	3
Estratégias de motivação	Ensino centrado no aluno	Aproveitar uma frase dita pelo aluno e partir para a sua exploração; Perceber porque erram.	3
	Feedback positivo e valorização	Dar um feedback positivo relativo às tarefas desenvolvidas; Fazer o aluno sentir-se confiante.	5

Conforme se pode constatar na Tabela 1, a análise de conteúdo permitiu identificar nove categorias decorrentes de três blocos – comportamentos indicadores de motivação; comportamentos de alunos motivados e estratégias de motivação, que de seguida se descrevem:

Do bloco referente aos “Comportamentos indicadores de motivação”, emanam três categorias, nomeadamente, “empenho e interesse” com nove unidades de sentido, “sucesso nas aprendizagens” com três unidades de sentido e “ultrapassar as dificuldades” com uma unidade de sentido.

No bloco “Comportamentos de alunos motivados”, surgem quatro categorias, as quais, “participativos” com sete unidades de sentido, “entreadjudada” com uma unidade de sentido, “compreensão de tarefas” com duas unidades de sentido e “curiosidade” com três unidades de sentido.

Por fim, no bloco referente às “Estratégias de motivação”, resultam duas categorias repartidas da seguinte forma – “ensino centrado no aluno” com três unidades de sentido e “feedback positivo e valorização” com cinco unidades de sentido.

De acordo com a literatura o aluno motivado apresenta-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, demonstrando interesse pelas atividades, despendendo esforços nas tarefas que o desafiam e usando estratégias adequadas para desenvolver as suas habilidades. Segundo Pajares e Schunk (2001), para o aluno “alcançar os seus objetivos é necessário, no entanto, que se promova entre os estudantes o interesse genuíno e entusiasmo pela aprendizagem e desempenho escolar” (p.74).

Em “Comportamentos indicadores de motivação”, as professoras destacam a vontade que os alunos têm de aprender, com um total de nove unidades de sentido. Esta vontade de aprender é realçada pelas professoras que afirmam que “os alunos têm vontade de saber cada vez mais”. Estes resultados parecem encontrar-se em consonância com Alcará e Guimarães (2007), uma vez que “o aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de aprendizagem, participando nas tarefas com entusiasmo e revelando disposição para novos desafios.” A aquisição de conhecimentos e a persistência são destacadas com três e uma unidade de sentido, respetivamente.

De acordo com Alcará e Guimarães (2007), os alunos motivados costumam procurar novos conhecimentos e oportunidades, revelam interesse nos conteúdos que estão a aprender, de modo a obter resultados elevados nas suas avaliações e participam nas tarefas da aula, revelando disposição para novos desafios.

Em “Comportamentos de alunos motivados”, é dada ênfase à partilha, tendo sido destacado com sete unidades de sentido. As professoras entrevistadas referem que os alunos gostam de partilhar, quer seja um livro, quer seja algo interessante que viram. Uma das

professoras, em entrevista referiu que os seus alunos demonstram vontade em ajudar-se uns aos outros, tendo esta vontade de ajudar sido destacada com uma unidade de sentido.

A categoria “compreensão das tarefas” e “curiosidade”, apresenta-se repartida por “perceber aquilo que está a aprender” e “eles pesquisam”, e foram destacadas com duas e três unidades de sentido, respetivamente. Os alunos têm de perceber o que estão a aprender e revelam curiosidade sobre aquilo que aprendem, eles fazem pesquisas sobre os conteúdos que estão a aprender. Este aspeto surge novamente em consonância com Alcará e Guimarães (2007), segundo os quais, com motivação, o aluno mostra entusiasmo e disposição para novos desafios, nas tarefas que realiza, procurando novos conhecimentos e oportunidades.

Por fim, o último bloco da tabela apresenta as “estratégias de motivação” e engloba duas categorias. Da primeira categoria “ensino centrado no aluno”, destacam-se três unidades de sentido exemplificadas com “aproveitar uma frase dita pelo aluno e partir para a sua exploração”, algo que a professora utiliza como prática habitual, e os alunos têm de ser capazes de “perceber porque erram”, procurando encontrar estratégias para ultrapassar esses mesmos erros.

A segunda categoria “feedback positivo e valorização”, relativo aos exemplos elogiar as tarefas desenvolvidas pelo aluno e dar valor de forma a torná-lo mais confiante, destaca-se com um total de cinco unidades de sentido. Esta categoria é de extrema importância, pois a professora deve dar sempre feedback positivo ao aluno, no sentido de torná-lo mais confiante. Deve incentivá-lo para que este alcance o sucesso nas aprendizagens.

A literatura reconhece com estratégias de motivação o planeamento e desenvolvimento, por parte do professor de tarefas de ensino-aprendizagem que estimulem no aluno crenças motivadoras que sejam favoráveis ao seu envolvimento, empenho e comprometimento com o trabalho na sala de aula permitindo um bom desempenho escolar (Bockarcrts, 2002).

As estratégias e motivação tendem a ser encaradas como uma das temáticas de grande interesse para a educação, uma vez que se destacam como sendo um “elemento constitutivo do processo educativo, fundamentalmente para propiciar a realização de aprendizagens por parte dos alunos”. (Martins, 2011, p. 7). Podem ser definidas como um conjunto de ações do professor ou do aluno orientadas que permitem favorecer o desenvolvimento de determinadas competências de aprendizagem que se têm em vista.

## Apresentação e análise de resultados

Dos resultados obtidos, percebeu-se que existe uma disparidade de opiniões no que concerne à motivação, sendo a opinião de uma professora, que os alunos demonstram motivação quando se empenham, demonstram os seus interesses, e tentam ultrapassar as suas dificuldades.

Foi destacado o bom desempenho, o interesse no sentido de querer saber mais, a participação ativa, e a ajuda entre colegas, e outra opinião em que a motivação pouco ou nada existe, devido ao acesso a outros recursos extra sala de aula, nomeadamente tecnologias que não existem dentro da sala de aula. Das principais características de um aluno motivado, destacam-se alunos que se mostram interessados, empenhados e participativos.

Percebeu-se que as opiniões divergem ainda no que concerne a estratégias utilizadas, sendo que uma professora entende que o trazer a tecnologia para dentro da sala de aula como recurso à aprendizagem, visto ser uma ferramenta útil, e que os alunos utilizam fora da sala de aula, promove a motivação dos alunos, já a outra professora entende que as estratégias a utilizar passam por dar feedback positivo ao aluno, valorização pessoal e atribuição de recompensas. Independentemente disso, depreendeu-se que são efetivamente utilizadas diferentes estratégias para motivar alunos diferentes, não tendo sido evidenciado quais as estratégias implementadas por parte de uma das professoras, mas tendo a outra elencado uma série de estratégias utilizadas, nomeadamente desafios diários, deixar que tragam livros extraescola para auxiliar a aprendizagem; os alunos mais fracos têm reforços atribuídos, os alunos gostam de sentir que recebem ajudas dos colegas, tendo sido referido pela mesma que o trabalho diferenciado também é motivador.

Ambas as professoras consideram que comportamentos desadequados têm um impacto negativo nas suas aulas, e na gestão dos alunos em geral, na medida em que perturba o bom funcionamento da aula, atrasando a aprendizagem e dando origem a conflitos, uma das entrevistadas referiu que canaliza a sua atenção para esses alunos perturbadores de forma a captar a sua atenção.

Uma professora focou que as principais dificuldades sentidas estão relacionadas com alunos que perturbam o bom funcionamento da aula, ao passo que qualquer dificuldade identificada pela segunda professora, cinge-se a alunos com dificuldade de concentração e atenção, não sentindo dificuldades de maior.

Nos fatores que possam influenciar a desmotivação, foi referido matéria pouco interessante, problemas do foro familiar, cumprimento dos programas, isto faz com que não se possam abordar outras temáticas que são relevantes para o dia-a-dia dos alunos, pelo que a desmotivação surge, por não ser compatível com a realidade destes alunos.

As professoras consideram que períodos com atividades mais lúdicas são as que deixam as crianças mais motivadas, e uma elencou ser o período da manhã onde isto se faz sentir mais.

As duas professoras entrevistadas consideram que a motivação está diretamente relacionada com o sucesso escolar. Foi, contudo, salientado que existem outras barreiras, e dificuldades, e que o sucesso escolar não depende unicamente das boas notas, mas também das capacidades inerentes a cada criança em particular.

**Entrevistas a alunos**
**Tabela 2**

*Análise de conteúdo às entrevistas a alunos do 1º e 4º ano do 1º CEB.*

<b>Blocos</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Exemplos de unidades de sentido (US)</b>	<b>Nº total de US</b>
Relação com a escola	Satisfação com a escola	Satisfação geral	Gosto de andar na escola; Gosto muito da escola	39
		Satisfação no recreio	Gosto de brincar no recreio	25
		Satisfação com tarefas escolares	Gosto de aprender a ler e a escrever; Gosto de participar nas aulas	36
	Função da escola	Estudar	Serve para aprender e estudar	33
		Aprender a ler e a escrever	Aprendo a ler; Aprendo a escrever	6
Participação e envolvimento na sala	Estratégias de chamada de atenção		A professora devia dizer para nós olharmos para ela e para o quadro; A professora devia dizer para estarem com atenção	6
	Estratégias promotoras de interesse		Por vezes sinto que fico sem saber qual a tarefa que tenho de fazer na aula; A professora devia fazer um tipo de aula que os alunos gostem	22
	Estratégias de regulação do comportamento		A professora devia ralar; A professora devia mandar ficarmos em silêncio	8
Relação afetiva face à escola	Sinto-me feliz na escola	Sinto-me feliz na escola?	Sim	35

Conforme se constata na Tabela 2, a análise de conteúdo permitiu extrair seis categorias decorrentes de três blocos – “Relação com a escola”; “Participação e envolvimento na sala” e “Relação afetiva face à escola”.

Do bloco “Relação com a escola”, surgem duas categorias: “Satisfação com a escola” e “Função da escola”.

A primeira categoria, que reúne um total de 100 US, é composta por três subcategorias: “satisfação geral”, “satisfação no recreio”, e “satisfação com tarefas escolares”, que se encontram distribuídas da seguinte forma: na subcategoria - “satisfação geral”, encontramos dois exemplos de unidades de sentido - “gosto de andar na escola” e “gosto muito da escola”, os quais foram destacados com um total de 39 unidades de sentido. A segunda subcategoria, “satisfação no recreio”, contempla um exemplo de unidade de sentido - “gosto de brincar no recreio”, o qual se destaca com um total de 25 unidades de sentido. A terceira subcategoria, onde encontramos dois exemplos de unidade de sentido - “gosto de aprender a ler e a escrever” e “gosto de participar nas aulas”, foi destacada com um total de 36 unidades de sentido. Sendo as unidades de sentido todas muito equiparadas, podemos dizer que os alunos, de modo geral, estão satisfeitos com a escola; gostam de lá andar e ao mesmo tempo gostam da aprendizagem, embora possamos talvez dar alguma ênfase à totalidade de 25 unidades de sentido destacadas unicamente para a subcategoria “satisfação no recreio”, tendo esta um único exemplo de unidade de sentido. Dado que as outras duas subcategorias estão representadas por dois exemplos de unidades de sentido cada, e aliado ao facto de a maioria dos alunos ter dito que o recreio era a sua parte predileta de andar na escola, podemos afirmar que existe maior satisfação pela parte lúdica do “andar” na escola, do que pela aprendizagem que a escola proporciona.

Comparando com a literatura, também a satisfação que advém do brincar no recreio, pode ser interpretada como uma forma de autorrealização, não tanto pela maximização do próprio potencial, mas, e dado que estamos a falar de crianças, pela satisfação que esta brincadeira lhes proporciona. Nos exemplos de Moraes, C. & Varela, S. (2007), um músico necessita de tocar música, um poeta necessita de escrever, um jogador de futebol necessita de jogar. Neste caso concreto, uma criança também necessita de brincar para se sentir autorrealizada.

A segunda categoria “função da escola” é composta por duas subcategorias: “estudar” e “aprender a ler e a escrever”. A primeira subcategoria destaca-se com um total de 33 unidades de sentido, exemplificada por - “serve para aprender e estudar” e a segunda subcategoria que reúne dois exemplos - “aprendo a ler”, e “aprendo a escrever”, destaca-se

com um total de 6 unidades de sentido. Podemos retirar desta análise que embora os alunos considerem que a função da escola seja o ensino, apenas uma minoria manifestou ter efetivamente aprendido a ler e aprendido a escrever. Não obstante, e de acordo com os autores Tapia e Fita (2015), a motivação revela grande importância na aprendizagem das crianças, tratando-se de um processo duradouro, complexo e que tem de ser contextualizado de forma que as crianças mantenham a vontade e o gosto em aprender. Então, embora nem todas as crianças tenham revelado ter aprendido a ler e a escrever, dado que se trata de um processo duradouro, eventualmente depois de devidamente contextualizado, todas as crianças acabarão por adquirir o mesmo grau de aprendizagem.

Do bloco “Participação e envolvimento na sala”, emanam três categorias: “Estratégias de chamada de atenção”, “Estratégias promotoras de interesse” e “Estratégias de regulação do comportamento”.

A primeira categoria intitulada “Estratégias de chamada de atenção” integra todas as unidades de sentido que se referem às diferentes estratégias implementadas pelas professoras dentro da sala de aula, com o intuito de mobilizar a atenção dos alunos, dos quais são exemplos de unidades de sentido – “a professora devia dizer para nós olharmos para ela e para o quadro”, e “a professora devia dizer para estarem com atenção”, tendo se destacado com um total de 6 unidades de sentido.

A categoria seguinte intitulada “Estratégias promotoras de interesse” integra um total de 22 unidades de sentido, contemplando dois exemplos – “por vezes sinto que fico sem saber qual a tarefa que tenho de fazer na aula”, e “a professora devia fazer um tipo de aula que os alunos gostam”, sendo que mais de metade dos questionados revelaram ficar confusos com as tarefas a executar, embora a maioria procure saber junto das professoras quais são essas mesmas tarefas. Alguns alunos disseram que ficam sem fazer nada; outros que ficam a brincar com a borracha. Outros referiram que nem sempre estão interessados, embora não especificassem as razões, ao passo que outros alunos disseram que tal nunca lhes sucedeu.

A última categoria deste bloco representa “Estratégias de regulação do comportamento”, que se refere às formas em como a professora deve manter a disciplina dentro da sala de aula. Contempla dois exemplos de unidade de sentido, que são: “a professora devia ralhar”, e “a professora devia mandar ficarmos em silêncio”, e destaca-se com um total de 8 unidades de sentido. Das respostas obtidas, o comportamento mais salientado foi o da professora pedir para fazer silêncio.

Na literatura destaca-se que as atividades proporcionadas pelo professor também têm uma grande influência na motivação do aluno, pois levam a que os alunos estejam atentos e queiram participar de uma atividade, ou não. Os autores Drew, Olds e Olds (1997), acrescentam que “costuma ser bastante fácil descobrir se uma determinada criança está motivada ou não: basta reparar se está muito ocupada com qualquer coisa” (p.61). Este exemplo assemelha-se ao da criança que brinca com a borracha. Esta pequena ação de estar a brincar com um objeto denota alguma falta de interesse pelos assuntos que estão a ser abordados na sala de aula, daí a importância de manter sempre um diálogo dinâmico e que captive o interesse das crianças. De acordo com Guthrie e Wigfield, 2000, a promoção do diálogo encoraja os alunos a refletirem meta-cognitivamente sobre a sua aprendizagem, vindo o apoio do professor a ser associado a vários indicadores de envolvimento comportamental, como a elevada participação em atividades relacionadas com a escola (Birch & Ladd, 1997) ou a diminuição de comportamentos disruptivos (Ryan & Patrick, 2001; Veiga, 2012).

No bloco “Relação afetiva face à escola”, existe apenas uma categoria – “Sinto-me feliz na escola”, cuja subcategoria é igual, e contempla um exemplo de unidade de sentido, a título de uma pergunta: “Sinto-me feliz na escola?”, a qual se destaca por unanimidade de respostas, com um total de 35 unidades de sentido. As respostas a esta questão levam a crer que a grande maioria dos alunos é feliz na escola. Essa felicidade pode ser motivada pelo professor, pelos colegas, e em alguns casos, pelas auxiliares. Isto é visível quando Goodenow (1993) defende que a dimensão emocional, também conhecida por psicológica reporta-se às reações emocionais suscitadas pela escola, colegas e professores e à ligação do estudante à escola. Também Veiga et al., 2012 defende que o grau de envolvimento será tão maior quanto o grau de envolvimento dos alunos, do seu comprometimento com a escola e a sua motivação para aprender.

#### Apresentação e análise de resultados

Dos resultados obtidos, percebeu-se que a maioria dos alunos partilha da opinião que é feliz na escola, que são motivados intrinsecamente, não havendo grande necessidade de motivações externas. Isto faz com que estejam bem integrados nas turmas e envolvidos com o ambiente escolar, embora nem sempre elucidados sobre o que devam estar a fazer durante algumas das atividades. Este aspeto denota, acima de tudo, alguma falta de diálogo entre as professoras e os alunos, o que poderá eventualmente conduzir a falta de motivação, mas não pelo facto das crianças necessitarem de ser estimuladas, mas sim, pelo facto de que as professoras devem procurar encontrar assuntos e formas mais aliciantes de ensinar as matérias.

De acordo com a literatura - no que respeita à aprendizagem, um mesmo aluno pode sentir-se tanto motivado como desmotivado, após um período de motivação, havendo necessidade de se criarem as condições favoráveis para que essa motivação ocorra (motivação extrínseca). Essa função cabe ao professor, que é quem deve proporcionar atividades que fomentem, que despertem o interesse dos alunos.

Também os pais em conjunto com os professores devem ter como função a de fazer despertar nas crianças o seu sentido de curiosidade e interesse pelos diversos assuntos que fazem parte do dia-a-dia da criança. A motivação é, portanto, entendida como um processo, sendo como tal aquilo que “suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido” (Balanchó & Coelho, 1996, p. 72).

### Comparação dos resultados entre professores e alunos

Das respostas dadas pelos alunos, comparativamente às respostas obtidas pelas professoras, proveniente de cada bloco, onde lhes foram colocadas questões, podemos concluir o seguinte:

Dos comportamentos indicadores de motivação - as professoras foram questionadas sobre a motivação em contexto de sala de aula. Foi-lhes pedido que caracterizassem um aluno motivado e envolvido na escola, ao qual uma respondeu que os alunos são motivados quando mostram empenho, quando têm interesse nas tarefas e quando conseguem ultrapassar as suas dificuldades. Já a outra professora entende que a motivação dentro da sala de aula não é tão fácil de se conseguir dado que os alunos têm acesso a jogos, a recursos e outros conteúdos interativos, que os podem motivar de forma diferente e algo que não será possível ser feito com o professor.

Já os alunos são da opinião que gostam de andar na escola, gostam de aprender a ler e a escrever, o que denota uma motivação intrínseca para a aprendizagem. Podemos assim dizer que os alunos não revelaram ter necessidade de ser estimulados para a aprendizagem.

Dos comportamentos de alunos motivados - das perguntas feitas às professoras, destacam-se as que incidiam sobre os comportamentos dos alunos motivados, se existem comportamentos que perturbam o bom funcionamento da aula e em que alturas os alunos se sentem mais motivados.

As professoras responderam que os alunos motivados se destacam pelo seu empenho nas atividades. Referiram que por vezes existem comportamentos que perturbam o bom

funcionamento da aula, e que podem gerar conflitos, e que é no período da manhã que os alunos se sentem mais motivados, ou quando há atividades mais lúdicas.

As repostas dos alunos não fazem referência a comportamentos motivadores, mas sugerem que a professora devia ralhar com eles quando se portam mal e que os devia mandar ficar em silêncio. Embora não conste da tabela, os alunos foram questionados sobre as aulas que mais gostam, sendo que as respostas confluem no que diz respeito a gostarem de aulas mais lúdicas.

Das estratégias de motivação - quando questionadas sobre as estratégias de motivação usadas/implementadas, as professoras disseram que recorrem a diversas estratégias de motivação, nomeadamente incentivando a participação dos alunos, falando sobre assuntos de que eles gostam, colocando questões e recorrendo a novas tecnologias. Uma professora mencionou que sente alguma dificuldade em promover a motivação e o envolvimento dentro da sala de aula.

Já os alunos partilham da opinião que a professora é que lhes devia chamar a atenção, dizendo para olhar para o quadro ou estarem com atenção. Alguns alunos mencionaram que por vezes ficam sem saber o que têm de fazer em determinadas tarefas. Ambas as partes foram unânimes em dizer que é importante promover uma aula falando de temas que os alunos gostem e tenham interesse. A maioria dos alunos disse gostar de participar nas aulas.

Com as respostas obtidas, podemos concluir que as opiniões entre quem ensina e quem é ensinado divergem. A motivação é interpretada de forma diferente pelos professores e pelos alunos, denotando que os professores acreditam assentar mais na literatura que aqui se investigou, ao passo que os alunos consideram ser algo mais inato. Esta contradição pode ser derivada da própria forma como está desenhado o ensino em geral. Ou seja, para que exista motivação não basta apenas seguir os conceitos dos autores aqui citados ao longo deste trabalho, há que também mudar os pilares onde a aprendizagem assenta, ou seja, a escola em si – há que moldar a escola de forma a integrar a evolução dos tempos. Há que criar uma escola mais focada em acompanhar a evolução. Uma Escola do futuro!

## Considerações finais

Chegar a este ponto representa o culminar de um mestrado rico em práticas educativas que foram sem dúvida importantes para o meu futuro, e de onde concluí que a motivação e o envolvimento dos alunos na escola são os pilares da educação.

O mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico revelou-se um grande desafio, mas sinto que forneceu conhecimentos e competências para o exercício da prática docente.

A prática de ensino supervisionada, nos diferentes contextos, tornou-se fundamental para compreender as características dos diferentes grupos de crianças com que irei trabalhar. Permitiu também a aquisição de competências tais como a gestão do tempo em sala.

Com o decorrer dos diversos estágios, a minha vontade de ensinar foi fulcral para a minha prática. O meu objetivo foi sempre ir ao encontro dos interesses das crianças, sendo que procurei desenvolver projetos em torno do que as crianças mais gostariam de aprender.

Os projetos desenvolvidos com o meu par de estágio obtiveram todos bons resultados, uma vez que as crianças tiveram a oportunidade de evoluir e desenvolver novas aprendizagens.

Com a passagem pelos diferentes estágios aprendi que as planificações são fundamentais para os educadores e os professores desenvolverem a sua prática. As planificações serviram de base para que pudesse compreender o que deveria ser feito, ajudaram-me em termos de organização do tempo despendido para cada atividade.

Com a dinamização das minhas atividades, confesso que no início sentia algumas dificuldades em termos de gestão do tempo, de gestão do grupo de crianças, no entanto, essas dificuldades foram sendo ultrapassadas com o apoio das docentes cooperantes e das docentes supervisoras. Adquiri a capacidade de dar resposta às necessidades de cada criança, adquiri a capacidade de gerir o grupo, de gerir o tempo de cada atividade ou momento da rotina das crianças, tendo desta forma conseguido superar as minhas dificuldades de maior. Considero que isto me fez crescer bastante, tendo enriquecido os meus conhecimentos enquanto futuro profissional de educação.

Quanto aos objetivos propostos, considero que estes foram atingidos. Foi possível identificar o papel fundamental desempenhado pelos professores relativamente às estratégias que implementam no sentido de promover a motivação das crianças dentro da sala de aula. Isto foi possível através da recolha dos testemunhos das professoras, face às

questões colocadas. Através da mesma recolha de testemunhos, por sua vez, às crianças, também foi possível perceber, do seu ponto de vista, quais as atividades a que dão mais importância, que são mais aliciantes, e, por conseguinte, mais motivadoras. Aqui foi possível perceber que as opiniões dos professores, e as das crianças divergem, pois, ao passo que as professoras sentem que têm de motivar as crianças para a aprendizagem (uma mais do que a outra), as crianças pareceram estar, na sua grande maioria, auto-motivadas para a aprendizagem.

Do ponto de vista do “professor como fomentador das aprendizagens”, esta função recai um pouco sobre a teoria do reforço, que apela à natureza do indivíduo. Não procuramos “moldar”, mas é conhecido que o ser humano age por impulso, que o despertar de uma necessidade o faz mover-se. Assim, ao instigar a sua curiosidade por algo que poderá alcançar, podemos de certa forma “criar” motivação, ou pelo menos despertá-la, quando esta já é inata. Isto porque os seres humanos são animais por natureza. Muitos agem em função de algum tipo de estímulo. Em outros, esse estímulo surge por meio de auto-motivação. Poderemos então dizer que estamos perante dois tipos de ser humano – os que funcionam por estímulo, e aqueles cujo estímulo é inato – não fosse essa a razão de haver os que lideram, e os que seguem os líderes. Assim, caberá ao professor “acordar” de uma ou outra forma, esse estímulo, ora inato ou não, em cada criança.

Quanto ao envolvimento dos alunos na escola, este poderá ser definido como uma ligação dividida em três dimensões específicas: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. (Veiga, 2012). Ao longo deste estágio tive oportunidade de desempenhar um pouco esse papel de fomentador da aprendizagem, o de ser o foco da ação, procurando motivar as crianças a aprender, e envolvê-las nas atividades do dia-a-dia escolar. Posso dizer que a motivação tem duas vias – aquela que passa do professor para o aluno, mas também aquela que o aluno passa ao professor, pois nenhum professor consegue dar motivação se não a trazer já consigo. O sorriso feliz das crianças, a vontade de quererem estar, de quererem aprender faz com que essa motivação cresça.

Resta-me então concluir que para que a motivação e o envolvimento existam, terá também de existir felicidade e bem-estar, tanto a nível social como familiar. Se a motivação e o envolvimento dos alunos na escola são os pilares da educação, serão sem dúvida os professores, os pais, os avós, os amigos, e a sociedade em geral, as fundações onde assentam tais pilares. Isto faz com que o seu envolvimento com a escolaridade das crianças seja fundamental para o seu sucesso escolar.

## Referências Bibliográficas

Ainley, M. (1993). Styles of engagement with learning: Multidimensional assessment of their relationship with strategy use and school achievement. *Journal of Educational Psychology*, 85, 395-405.

Alcará, A.R. & Guimarães, S.E.R. (2007). A Instrumentalidade como uma estratégia motivacional. *Psicologia Escolar Educacional*, 11 (1), 177-178.

Appleton, J., Christenson, S., & Furlong, M. (2008). Student engagement with school: Critical conceptual and methodological issues of the construct. *Psychology in the Schools*, 45(5), 369-386. Consultado em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pits.20303/abstract>.

Balancho, M. & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto editora.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* Lisboa. Edições 70

Birch, S. H., & Ladd, G. W. (1997). The teacher-child relationship and children's early school adjustment. *Journal of School Psychology*, 35, 61-80.

Bockacrts, M. (2002). Motivation to learn. *International Academy of Education. Educational Practices Series*, 10, 1-26.

Boruchovitch, E., & Bzuneck, J. A. (2004). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea* (3ª ed). Vozes: Petrópolis.

Bzuneck, J. A. (2000). As crenças de auto-eficácia dos professores. In: Sisto, F., Oliveira, G. & Fini, L. (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores*: 115-134. Petrópolis, RJ: Vozes.

Carmo, E. S., Boer, N. (2012). Aprendizagem e Desenvolvimento na perspectiva Interacionista de Piaget, Vygotsky e Wallon.

Carreteiro, R. (2005). *Introdução à Psicologia*. Lisboa: Psiclínica.

Connell, J. P. & Wellborn, J. G. (1991). Competence, autonomy, and relatedness: A motivational analysis of self-system processes. In M. R. Gunnar & L. A. Sroufe (Eds.), *Self-processes and development* (43-77). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Church, M. A., Elliot, A. J., & Gable, S. L. (2001). Perceptions of classroom environment, achievement goals, and achievement outcomes. *Journal of Educational Psychology*, 93(1), 43-54

Drew, F. Olds, R. A., & Olds, F. H. (1997). *Como Motivar os Seus Alunos*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas

Finn, J. D. (1993). *School engagement and students at risk*. Washington, DC: National Center of Educational Statistics.

Finn, J. D., Pannozzo, G. M., & Voelkl, K. E. (1995). Disruptive and inattentive-withdrawn behavior and achievement among fourth graders. *The Elementary School Journal*, 95, 421-434.

Finn, J. D., & Rock, D. (1997). Academic success among students at risk for school failure. *Journal of Applied Psychology*, 82(2), 221-234.

Fita, E. & Tapia, J. (2015) A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola.

Furrer, C., & Skinner, E. (2003). Sense of relatedness as a factor in children's academic engagement and performance. *Journal of Educational Psychology*, 95(1), 148–162.

Fredricks, J., Blumenfeld, P., & Paris, A. (2004). School Engagement: Potential of the concept, state of the evidence. *Review of Educational Research Spring*, 74(1), 59-109.

Garrido, I (1990). Motivacion, emocion y accion educativa. Em: Mayor, L. & Tortosa, F. (Ed) *Ámbitos de aplicacion de la psicologia motivacional* (pp. 284-343). Bilbao: Desclee de Brower.

Goodenow, C. (1993). The psychological sense of school membership among adolescents: Scale development and educational correlates. *Psychology in the Schools*, 30, 79-90.

Guthrie, J. T., & Wigfield, A. (2000). Engagement and motivation in reading. In M. L. Kamil, P. B. Mosenthal, P. D. Pearson, & R. Barr (Eds.), *Handbook of reading research*, Vol. 3, pp. 403–422). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Huertas, J. A. (2001). *Motivación: querer aprender*. Buenos Aires: Aique.

Jimerson, S., Campos, E., & Greif, J. (2003). Towards an understanding of definitions and measures of student engagement in schools and related terms. *The California School Psychologist*, 8, 7-28.

Johnson, M. K., Crosnoe, R., & Elder, G. H., Jr. (2001). Students' attachment and academic engagement: The role of race and ethnicity. *Sociology of Education*, 74, 318-340

Jordan, W.J., & Nettles, S. M. (2000). How students invest their time outside of school: Effects on school-related outcomes. *Social Psychology of Education*, 3, 217-243.

Kulpe, O. & Ogden, M. R. (1951). *The American Journal of Psychology*, 64, 4-19

Laevers, F. (2008). À conversa com Ferre Laevers: entrevista conduzida por Lúcia Santos, CEI, e Júlia Jau. *Noesis: Cadernos de Educação de Infância*, 84: 16-21.

Lemos, M. (1993). *A motivação no processo de ensino/aprendizagem em situação de aula*. (Tese de doutoramento, Universidade do Porto).

Logan, F. A. & Wagner, A. R. (1965). *Reward and punishment*. Boston: Allyn and Bacon.

Maehr, M., & Meyer, H. (1997). Understanding motivation and schooling: Where we've been, where we are, and where we need to go. *Educational Psychology Review*, 9, 371-409.

Martins, A. F. M. A. (2011). *Adequação de estratégias de ensino-aprendizagem numa turma reduzida: Estudo de Caso*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.

Maslak, M. A., Kim, J., & McLoughlin, A. (2010). Educational engagement in China: A case from the Northwest. *International Journal of Educational Development*, 30, 254-262.

Moraes, C. & Varela, S. (2007). Motivação do aluno durante o processo ensino-aprendizagem. *Revista Eletrônica de Educação*, 1 (01)

Murray, E. J. (1986). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

Pajares, F. & Schunk, D. H. (2001). *Self-beliefs and school success: self-efficacy, self-concept and school achievement*. London: Ablex

Pintrich, P. R., & Schunk, D. H. (2002). *Motivation in Education*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em ciências sociais*. 2ª edição. Lisboa: Editora Gradiva.

Ryan, R. M., & Patrick, H. (2001). The Classroom Social Environment and Changes in Adolescents' Motivation and Engagement during Middle School. *American Educational Research Journal*, 38, 437-460.

Reeve, J., & Tseng, C. (2011). Agency as a fourth aspect of students' engagement during learning activities. *Contemporary Educational Psychology*, 36, 257-267.

Roeser, R. W., Eccles, J. S., & Sameroff, A. J. (2000). School as a context of early adolescents' academic and social-emotional development: A summary of research findings. *The Elementary School Journal*, 100(5), 443-471.

Roeser, R. W., Midgley, C., & Urdan, T. C. (1996). Perceptions of the school psychological environment and early adolescents' psychological and behavioral functioning in school: The mediating role of goals and belonging. *Journal of Educational Psychology*, 88(3), 408-422.

Russell, J., Ainley, M., & Frydenberg, E. (2005). *Issues Digest: Motivation and engagement*. Australia: Australian Government - Department of Education, Science and Training.

Santrock, J. (2009). *Psicologia Educacional*. 3ª Ed. São Paulo: McGraw-Hill

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação

Simons-Morton, B., & Chen, R. (2009). Peer and parent influences on school engagement among early adolescents. *Youth & Society*, 41(1), 3-25. Consultado em [sagepub.com](http://sagepub.com)

Siqueira, L., & Weschler, S. (2006). Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida. *Avaliação Psicológica*, 5 (1), 21-3,

Tapia, J. A., Fita, E. C., (2015). *La Motivación en la aula, como enseñar a pensar*, PPC, Editorial y Distribuidora, SA

Veiga, F., Festas, I., Taveira, C., Galvão, D., Janeiro, I. C., Carvalho, C. C., et al. (2012). Envolvimento dos alunos na escola: Conceito e relação com o desempenho académico - Sua importância na formação de professores. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 46 (2), pp. 31-47.

Veiga, F., Galvão, D., Festas, I. & Taveira, C. (2012). Envolvimento dos alunos na escola: Relações com variáveis contextuais e pessoais – uma revisão de literatura. *Psicologia, Educação e Cultura*, XVI (2): 36-50.

Watson, J.B., (1930). Behaviorism.

Witter, G. (1984). *Psicologia da aprendizagem*. São Paulo: EPU.

## Anexos:

### Anexo A

#### Guião de Entrevista a Professoras

Sexo

Idade

Ano de escolaridade que leciona

Anos de serviço

1 – Como define a motivação dos alunos em contexto de sala de aula?

2 - Que comportamentos identifica em alunos motivados e envolvidos nas atividades letivas?

3 - Como caracteriza um aluno motivado e envolvido na escola?

4 – Que estratégias utiliza para promover a motivação e o envolvimento dos alunos nas diferentes tarefas em aula?

5 - Considera que, perante alunos diferentes, recorre a diferentes estratégias para os motivar?

6 – De que formas mobiliza a atenção dos seus alunos?

7 – Considera que as atitudes desadequadas de alguns alunos, podem ter impacto na forma como gere a aula e o grupo? Em que medida?

8 - Sente dificuldades em promover a motivação e o envolvimento dos seus alunos em sala de aula? Quais?

9 – Que razões considera poderem conduzir ao desinteresse dos alunos, relativamente às aulas?

10 – Considera que os seus alunos se sentem mais motivados e envolvidos em que momentos letivos?

11 – Considera que a motivação dos alunos se relaciona de alguma forma com o seu rendimento e sucesso escolar?”

**Anexo B****Guião de entrevistas aos alunos**

1- Gostas de andar na escola?

Sim

Não

2 – O que mais gostas na tua escola?

3 – O que vens fazer à escola? Para que é que achas que a escola serve?

4 – Quais são as tuas aulas favoritas? O que mais gostas de aprender?

5 – Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefa tens de fazer? O que costumavas fazer quando isso acontece?

6 – O que achas que a professora deveria fazer para que todos estivessem com atenção à aula e às tarefas que têm de fazer?

7 – Gostas de participar nas aulas?

8 - Tens alguns momentos em que não estás interessado nas aulas? Quais?

9 – O que fazes nos momentos em que não estás interessado/a na aula?

10 – És feliz na escola? Porquê?

**Anexo C****Entrevista à professora V. P. 1º ano**Sexo Idade Ano de escolaridade que leciona Anos de serviço 

**Gonçalo:** “Como define a motivação dos alunos em contexto de sala de aula?”.

**Professora V:** “Considero que os alunos se encontram motivados quando mostram empenho, interesse nas tarefas, quando mostram sucesso nas aprendizagens, quando conseguem ultrapassar as dificuldades de forma mais fácil”.

**Gonçalo:** “Que comportamentos identifica em alunos motivados e envolvidos nas atividades letivas?”.

**Professora V:** “(Hamm) O bom desempenho deles, o interesse, o serem mais participativos, este tipo de comportamentos leva a querer que eles se encontram mais motivados”.

**Gonçalo:** “Como caracteriza um aluno motivado e envolvido na escola?”.

**Professora V:** “Um aluno motivado é um aluno interessado, empenhado, participativo ...”.

**Gonçalo:** “Que estratégias utiliza para promover a motivação e o envolvimento dos alunos nas diferentes tarefas em aula?”

**Professora V:** “(Hamm) Estratégias de motivação tais como dar-lhes um feedback positivo, (Hamm) a valorização, o incentivo à participação e ao diálogo, (Hamm) recompensas também ...”.

**Gonçalo:** “Considera que perante alunos diferentes, recorre a diferentes estratégias para os motivar? Aqui alunos diferentes em contexto de alunos mais desafiantes ou que tenham necessidades educativas”.

**Professora V:** “Sim, sim tem mesmo de ser sim tenho mesmo que arranjar formas de ... de ...”.

**Gonçalo:** “Diferentes”.

**Professora V:** “Diferentes de trabalhar com esse tipo de alunos, de os motivar”.

**Gonçalo:** “De que formas consegue mobilizar a atenção dos seus alunos?”.

**Professora V:** “Mais uma vez incentivando à participação, promovendo o diálogo, colocando questões, recorrendo às novas tecnologias, portanto ...”.

**Gonçalo:** “Considera que as atitudes desadequadas de alguns alunos podem ter impacto na forma como gere a aula e o grupo? Em que medida?”.

**Professora V:** “Sim sem dúvida, (Hamm) perturbando o bom funcionamento da aula, (Hamm) o que acaba por atrasar o processo de ensino/aprendizagem desse próprio aluno, e pode atrasar também o ... dos outros, (Hamm) e pode gerar conflitos também, muitas vezes há... pode gerar conflitos, esse ... essas formas e atitudes desadequadas de alguns alunos, pronto.”.

**Gonçalo:** “Sente dificuldades em promover a motivação e o envolvimento dos alunos em sala de aula? Se sim quais?”.

**Professora V:** “(Hamm) Nem tanto, eu acho que não sinto muito... muito isso. (Hamm) Claro que existem sempre aqueles alunos que necessitam de um maior incentivo (Hamm) muitas vezes por questões ligadas às dificuldades de atenção, as de concentração, mas não sinto que seja assim muito difícil promover essa motivação, pelo menos da minha, da experiência que tenho tido, não ...”.

**Gonçalo:** “Que razões considera poderem conduzir ao desinteresse dos alunos relativamente às aulas?”.

**Professora V:** “(Hamm) Muitas vezes razões relacionadas com a matéria que está a ser dada, às vezes não é tão interessante e eles acabam por desmotivar um bocadinho. Por vezes também os fatores familiares também condicionam, podem levar à desmotivação,

pronto, um aluno que também não é motivado em casa, que não haja muito ... (Hamm), o incentivo à aprendizagem, esse aluno também muitas vezes vem já com (Hamm), a ideia de que a escola pode não ser muito motivadora pronto, não é que não seja um local, de ... de, pronto que eles sintam que é motivador pronto, um local ...”.

**Gonçalo:** “(Hamm) Íamos para a pergunta número ...”.

**Professora V:** “10” (risos).

**Gonçalo:** “Número 10. (risos) Considera que os seus alunos se sentem mais motivados e envolvidos em que momentos letivos?”.

**Professora V:** “É mais no período da manhã até à hora do almoço ou quando estão em atividades mais lúdicas, em jogos ou em expressões plásticas ...

**Gonçalo:** “Era mesmo aí que eu queria chegar, que tipo de trabalho que é feito com os alunos, que acha que eles se sentem mais motivados, é isso”.

**Professora V:** “Que tipo de trabalho sim, é mais nesse ... nesse ... se bem que depois há aqueles alunos que adoram (Hamm), matemática por exemplo, adoram tudo o que está relacionado com a matemática, outros que adoram português, isto depende, mas na grande maioria quando se trabalham expressões, a maior parte gosta pronto, seja a expressão dramática, a expressão plástica, educação física, pronto”.

**Gonçalo:** “Considera que a motivação dos alunos se relaciona de alguma forma com o seu rendimento e sucesso escolar?”.

**Professora V:** “Claro! Isto está mesmo relacionado, a motivação dos alunos é fundamental para o rendimento e sucesso escolar deles senão sem motivação há uma grande falha, pronto e a falha é garantida (risos).”

**Gonçalo:** “Exato professora, pronto muito obrigado! (risos)”.

**Professora V:** “Obrigada! (risos)”.

**Entrevista à professora R. V. 4º ano**Sexo Idade Ano de escolaridade que leciona Anos de serviço **Gonçalo:** “Como define a motivação dos alunos em contexto de sala de aula?”**Professora R:** “(Hamm) Nos dias de hoje é difícil termos alunos motivados em sala de aula, porque eles têm muitos ... porque eles têm muitas sugestões de fora, muitos recursos (Hamm) muitos jogos, muitos conteúdos interativos que eles podem explorar em casa e nem sempre nas escolas nós conseguimos ter acesso a isso”.**Gonçalo:** “Que comportamentos identifica em alunos motivados e envolvidos nas atividades letivas?”.**Professora R:** “Comportamentos (Hamm) ... “**Gonçalo:** “O que é que a professora observa quando ...”**Professora R:** Sim ... vontade de saber cada vez mais, vontade de ... de participar, vontade de ajudar até mesmo os colegas a ... a perceber (Hamm) e de se envolverem cada vez mais no processo de aprendizagem deles”.**Gonçalo:** “Como caracteriza um aluno motivado e envolvido na escola?”.**Professora R:** “Primeiro é um aluno que se preocupa em perceber (Hamm) aquilo que está a aprender e em perceber aquilo que tem que fazer (Hamm) depois por norma os alunos motivados hoje em dia e envolvidos na escola são alunos que têm ... são alunos razoáveis com, com notas boas, que têm sempre algo mais para acrescentar, para além daquilo que lhes é dito em sala de aula, eles têm sempre, ou querem partilhar um texto que leram ou uma obra, um livro que entretanto foram procurar porque gostam do tema e querem saber sempre

mais, um jogo, é o caso ainda hoje tenho aí um jogo relacionado com ... com a história (Hamm) gostam de partilhar, é isso, eles gostam de partilhar sempre mais alguma coisa, eles não se ficam só por aquilo que nós lhes transmitimos aqui, eles pesquisam e tentam saber sempre mais e partilham, gostam de partilhar, não sei se é isso, se respondo, se não é”.

**Gonçalo:** “Sim, sim professora, sim, sim. Que estratégias é que a professora utiliza para promover a motivação e o envolvimento dos alunos nas diferentes tarefas em aula?”.

**Professora R:** “Ok, aqui chegámos à pergunta difícil com ... com esta turma. Numa situação ideal as estratégias são, primeiro que tudo, partir da experiência do aluno, aproveitar uma frase que ele diga sobre um determinado conteúdo e a partir daí explorarmos com recurso sempre às tecnologias, a jogos, a quizzes... (Hamm) tudo quanto mexa com computador, com imagem, com som, porque é isso que eles gostam, certo?”.

**Gonçalo:** “Exato, exato.”

**Professora R:** “Mas isto é numa situação ideal ... para já quando há alunos que não permitem, certo?”.

**Gonçalo:** “Sim.”

**Professora R:** “Porque há alunos que ... ou porque acham graça ao som, ou porque acham que o som que está a ser passado num vídeo, por exemplo, é demasiado infantil, e eu estou-me a reportar à turma que tenho.”

**Gonçalo:** “Exato.”

**Professora R:** “Não é? Pronto. É difícil também quando não temos o material adequado, quando a internet está sempre a falhar, quando os computadores ... não existem computadores suficientes para os miúdos, porque é muito mais (Hamm) apelativo, eu por exemplo lançar e eles terem ou um tablet ou um computador e puderem responder no computador, do que estar aqui a expor um conteúdo oralmente e a fazer perguntas oralmente e ele só me tem a mim como ponto de referência.”

**Gonçalo:** “Exato.”

**Professora R:** “Pronto. É certo que não pode ser só com ... com novas tecnologias, mas é muito giro por exemplo, apresentar um conteúdo num ... num ... por exemplo apresentar um conteúdo no livro e há um ... uma coisa ... agora de história há um rei que eles não conhecem muito bem e de imediato, fazê-los ir ao computador pesquisar sobre aquele rei ... isso é na

hora, mas temos de ter os ... os recursos e não temos e temos de ter também alunos capazes de o fazer, quando as turmas não permitem é difícil motivar.”

**Gonçalo:** “Exato professora.”

**Professora R:** “(Hamm) A pergunta era estratégias para motivar certo?”

**Gonçalo:** “Sim, sim quais as estratégias ...”

**Professora R:** “A motivação e o envolvimento dos alunos não tem só a ver com a forma como nós damos os conteúdos, tem a ver também com os reforços, os reforços positivos. É a criança perceber que mesmo que erre à primeira, não vai ter problemas porque é a errar que nós aprendemos, é fazê-lo sentir-se confiante, perceber que ... ok erraste vais melhorar ... e aprender com o próprio erro ... e fazê-lo querer (Hamm) melhorar, porque é muito fácil hoje em dia o aluno desistir, os miúdos que nós temos hoje em sala de aula desistem com facilidade, eles não gostam de superar as ... as dificuldades. “Eu à ... não sei” e nem sequer tem vontade de ir procurar a resposta e é envolvê-los um bocado nisso, fazê-los perceber que está lá, eles têm de ter aquela vontade de perceber, “eu não sei, mas vamos lá ver porque é que não sei ou porque é que eu errei” e isso hoje em dia não é fácil, eles estão demasiado habituados, não sabem responder, alguém lhes há de responder.”

**Gonçalo:** “Exato, exato.”

**Professora R:** “Eles têm que ... eles têm de se envolver no processo de aprendizagem, eles têm de perceber porquê que erram, eles têm que encontrar estratégias para superar esses erros. E pronto e depois os conteúdos como já disse passam muito pelas tecnologias.”

**Gonçalo:** “Considera que perante alunos diferentes, recorre a diferentes estratégias para os motivar? Aqui alunos diferentes engloba alunos mais desafiantes ou mesmo alunos com necessidades educativas”.

**Professora R:** “Sim, sem dúvida, sem dúvida (Hamm) por exemplo, (Hamm) tenho uma aluna em sala de aula que é ... é extremamente curiosa e essa miúda, ela não é capaz de estar sossegada. Eu tenho de ter sempre um desafio diário para ela, tenho de a deixar trazer livros para que ela possa saber mais sobre aquele conteúdo que estamos a trabalhar (Hamm), para um aluno mais fraco, as estratégias para motivar é muito o reforço e ... e faço muitas vezes também ... os meninos têm, eles têm características diferentes certo? (Hamm) eles gostam de sentir que estão a ser ajudados pelos seus pares e os que sabem mais também gostam de ajudar os outros ... obviamente em sala de aula as estratégias são sempre todas diferentes

(Hamm) estamos a falar em estratégias para motivar ... mas um trabalho diferenciado também é motivador.”

**Gonçalo:** “Sim.”

**Professora R:** “Por um lado pode deixá-lo um pouco triste porque está a fazer um trabalho diferente, mas por outro lado beneficia e sente-se bem, porque é capaz de fazer aquele trabalho ...”

**Gonçalo:** “Exato”.

**Professora R:** “Enquanto que no outro não ia ter sucesso ... é isto!”

**Gonçalo:** “De que formas mobiliza a atenção dos seus alunos?”.

**Professora R:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** Quais são assim as formas que a professora utiliza com frequência?”

**Professora R:** “A atenção, a atenção, aqui não é motivação, é a atenção ...”

**Gonçalo:** “É a atenção, sim.”

**Professora R:** “Como é que eu lhes capto a atenção? Falando de temas que eles gostam, deixando que eles contem um pouco (Hamm) as experiências que trazem, eles têm sempre qualquer coisa para contar.”

**Gonçalo:** “Exato.”

**Professora R:** “E nem sempre funciona porque às vezes o que contam não é produtivo, vai para o lado do disparate, mas atenção, quando muitas vezes não tem que ser, quando não é com a voz ... com o levantar da voz ou com o bater com a mão no quadro é, parte ... é mesmo disso, deixá-los falar um pouco e eles acabam por acalmar porque estão entretidos a ouvir as histórias dos colegas e ... capta-se assim a atenção, numa situação ideal ...”

**Gonçalo:** “Exato professora.”

**Professora R:** “Em que os alunos se respeitam ...”

**Gonçalo:** “Claro, claro.”

**Professora R:** “Sabem ouvir, sabem estar ...”

**Gonçalo:** “Exato professora.”

**Professora R:** “Numa situação ideal.”

**Gonçalo:** “Considera que as atitudes desadequadas de alguns alunos podem ter impacto na forma como a professora gere a aula e o grupo?”

**Professora R:** “Sim, sem dúvida, sem dúvida!”

**Gonçalo:** “E em que medida?”

**Professora R:** “Se eu tenho alunos constantemente a perturbar a sala, a minha atenção é canalizada para esses alunos e deixo de dar atenção àqueles que estão motivados e que querem participar, e que querem aprender. Se eu estou constantemente a interromper uma aula para chamar à atenção desses comportamentos desadequados, eu deixo de ter tempo para aquilo que é bom ...”

**Gonçalo:** “Exato.”

**Professora R:** “Para aquilo que os outros, que a grande maioria gosta, que é aprender, que é participar e acaba por prejudicar todo o bom funcionamento, não ... não ...”

**Gonçalo:** “Claro, claro.”

**Professora R:** “E este ano tenho esse problema, não é? Eu em ... em cinco horas, se passar duas horas a chamar à atenção perde-se aqui a essência de uma sala de aula. Não é?”

**Gonçalo:** “É verdade. Sente dificuldades em promover a motivação e o envolvimento dos alunos em sala de aula? Se sim quais as suas dificuldades?”

**Professora R:** “Sinto, sinto muito este ano pelo grupo que tenho, porque torno a dizer, é difícil motivar alunos quando uma ... uma parte significativa desses alunos estão a fazer disparates e eu tenho de estar constantemente a interromper para chamar à atenção desses disparates. Eu acho que é suficiente essa resposta.”

**Gonçalo:** “Exato professora. Passamos à pergunta seguinte. Quais é que são as razões que a professora considera que podem conduzir ao desinteresse dos alunos relativamente às aulas? O que é que pode levar um aluno a ... a não estar interessado na aula? Nas tarefas que tem de fazer, por exemplo?”

**Professora R:** “Ok, primeiro que tudo (Hamm) os problemas que o aluno acarreta com ele, exteriores à escola, depois, programas demasiado extensos, muitas vezes (hum) não lhes dizem nada (Hamm) e que não ... lá está e que não permitem que eles (Hamm) sejam muito ativos na construção do saber, porque existe um programa para cumprir e nós temos que ... é agora, agora, agora, agora, agora e não há margem para muito porque depois se nós não cumprimos os programas, nós temos que dar satisfação, temos que dizer porquê que não cumprimos e é assim ... era bom que o aluno ... “oh professora hoje podíamos falar sobre isto” mesmo que nada tivesse a ver com aquele conteúdo que estava estipulado, nós podemos partir disso que o aluno quer falar e chegar até lá, claro que isto demora tempo ... “

**Gonçalo:** “Pois, exato.”

**Professora R:** “E esse tempo é precioso para cumprimos os programas, portanto eu acho que isso tem muito a ver, há situações em que os miúdos perguntam, “mas porquê que eu tenho de aprender isto?” Eu acho que os programas hoje em dia estão desajustados à realidade dos nossos meninos.”

**Gonçalo:** “Considera que os seus alunos se sentem mais motivados e envolvidos em que momentos letivos? Quais são esses momentos?”

**Professora R:** Ok (Hamm), lá está, momentos em que (Hamm) têm de estar a olhar para o quadro, em que eu partilho um vídeo, em que eu faço um jogo através do computador, momentos de atividade física, de jogos, momentos em que eles podem dar largas à criatividade e expandir mais um bocadinho que não estar ali a ouvir os conteúdos ... é basicamente relacionados com computadores, com ... com atividades ... recursos digitais ...”

**Gonçalo:** “Recursos digitais sim.”

**Professora R:** “E (Hamm) a parte física.”

**Gonçalo:** “Muito bem, a última pergunta é se a professora considera que a motivação dos alunos se relaciona de alguma forma com o seu rendimento e sucesso escolar?”

**Professora R:** “Sim (Hamm) é assim está muito relacionado, no entanto, um aluno motivado não significa que tenha um grande sucesso escolar.”

**Gonçalo:** “Exato.”

**Professora R:** “Pode ter outras barreiras, pode ter algumas dificuldades de aprendizagem (Hamm) mas pode estar extremamente motivado mas, apesar das dificuldades, quanto mais motivado estiver, mais facilmente supera essas dificuldades mas estamos aqui a falar de dificuldades físicas, (Hamm) sei lá, agora não me ocorre mas algum tipo de ... de ... de... de... de patologia de ... não é isso que se diz mas de limitação, que nós saibamos, por exemplo à partida que uma criança nunca vai conseguir saber ler, isto é um exemplo, não?”

**Gonçalo:** “Sim, sim.”

**Professora R:** “Mas não significa que ela não esteja motivada, porque ela pode estar muito motivada, querer envolver-se muito nos seus estudos, mas por algum motivo não consegue, mas por norma, quanto mais motivada uma criança está, mais sucesso tem. Por sucesso, eu não estou (Hamm) para mim sucesso não é só muito boas notas, o sucesso depende daquilo que a criança é capaz ...”

**Gonçalo:** “Claro.”

**Professora R:** “Para mim (Hamm) andar um ano inteiro sem saber ler e depois de um momento para o outro conseguir ler, é ótimo para a criança e ela pode ter andado o ano todo extremamente motivada, mas ... coitadita não conseguiu, só consegui ali, pronto, mas está ... acaba por estar ligado, não significa que ... uma criança muito motivada tenha sempre um elevado sucesso.”

**Gonçalo:** “Ok muito obrigado professora! (risos)”

**Professora R:** “De nada! (risos)”

## **Anexo D**

### **Entrevistas aos alunos do 1º Ciclo**

#### **Entrevista ao aluno P. S. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno P:** “(Hamm), gosto muito!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno P:** “De ... fazer os trabalhos (risos) muito.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno P:** “Para aprender e também para ir ao recreio às vezes né (não é)?”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que gostas mais de aprender?”

**Aluno P:** “São as aulas ... quando nós aprendemos estudo do meio, eu gosto mais de estudo do meio e a ... não, também gosto muito de matemática e de português, gosto dos três.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é a tarefa que tens de fazer? Isso nunca te aconteceu?”

**Aluno P:** “(Hamm), às vezes acontece.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno P:** “Nunca fiz nunca, nunca me aconteceu.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno P:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que tem de fazer?”

**Aluno P:** “Eu não percebi nada.”

**Gonçalo:** “O quê que a professora devia fazer para que os meninos estivessem com atenção à aula?”

**Aluno P:** “(Hamm), dizer silêncio.”

**Gonçalo:** “E mais? O quê que tu achas?”

**Aluno P:** “(Hamm), ...”

**Gonçalo:** “O quê que a professora devia dizer aos meninos?”

**Aluno P:** “Sei, mas eu não lembro.”

**Gonçalo:** “Ok, (Hamm) pergunta número 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno P:** “Se eu gosto de participar nas aulas? Claro!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens algum momento em que não estás interessado nas aulas?”

**Aluno P:** “Nunca!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno P:** “Muito, muito, muito, muito!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno P:** “Por causa que eu gosto muito da escola, mas, mas também gostava muito do jardim de infância. Gosto das duas!”

**Gonçalo:** “Obrigado!”

**Aluno P:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno V. L. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno V:** “Sim”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno V:** “Fazer desenhos”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que tu vens fazer à escola?”

**Aluno V:** “Eu (Hamm)”

**Gonçalo:** “Para quê que a escola serve?”

**Aluno V:** “Para estudar.”

**Gonçalo:** “Sim e mais? Só para isso? Só para estudar?”

**Aluno V:** “Também para aprender, para brincar, para fazer desenhos, para fazer tarefas.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluno V:** “São de português.”

**Gonçalo:** “De português?”

**Aluno V:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então o quê que tu mais gostas de aprender? É só o português?”

**Aluno V:** “Sim e a matemática.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 5: Às vezes durante a aula ficas sem saber o que é que tens de fazer? Sem saber a tarefa que tens de fazer, isso já te aconteceu?”

**Aluno V:** “Não.”

**Gonçalo:** “Nunca aconteceu?”

**Aluno V:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e às tarefas? O quê que tu achas que a professora devia fazer?”.

**Aluno V:** “Devia fazer ... em silêncio e fazer ... perguntar como é que (Hamm), os exercícios.”

**Gonçalo:** “Perguntar quais eram os exercícios que os meninos têm que fazer é isso?”

**Aluno V:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno V:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Gostas de participar?”

**Aluno V:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Mas por exemplo é só quando a professora te pede ou tu pões o dedo no ar para participar?”

**Aluno V:** “Dedo no ar.”

**Gonçalo:** “Pões?”

**Aluno V:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno V:** “(Hamm), não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno V:** “Não.”

**Gonçalo:** “Ok, então ... pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno V:** “(Hamm), sim.”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno V:** “Porque ... porque é para estudar, para ler.”

**Gonçalo:** “Obrigado!”

**Aluno V:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno D. D. 1º ano**

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno D:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno D:** “Brincar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola?”

**Aluno D:** “Nada.”

**Gonçalo:** “Então para quê que a escola serve?”

**Aluno D:** “Para trabalhar.”

**Gonçalo:** “E mais?”

**Aluno D:** “(Hamm), para brincar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas preferidas? O quê que tu mais gostas de aprender?”

**Aluno D:** “Português.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefa é que tens que fazer?”

**Aluno D:** “(Hamm).”

**Gonçalo:** “Já te aconteceu?”

**Aluno D:** “Não.”

**Gonçalo:** “Nunca ficaste sem saber o que é que é para fazer, não?”

**Aluno D:** “(Risos)”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora deve fazer para que todos os meninos estejam com atenção à aula e às tarefas? O quê que achas que a professora deve fazer?”

**Aluno D:** “Mandar calar.”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno D:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno D:** “Nenhum (risos)”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno D:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: O que é que fazes quando às vezes não estás muito interessado na aula? Imagina, estás um bocadinho cansado e não te apetece trabalhar ... a professora dá uma tarefa e não te apetece fazer a tarefa, o quê que tu fazes nesse momento?”

**Aluno D:** “Fico no lugar (risos)”

**Gonçalo:** “Pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno D:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno D:** “Porque eu brinco e faço ... e trabalho.”

**Gonçalo:** “Obrigado!”

**Aluno D:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno P. G. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno P:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “O quê que tu mais gostas na escola?”

**Aluno P:** “Gosto mais de brincar.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola?”

**Aluno P:** “Estudar.”

**Gonçalo:** “Para quê que a escola serve? Estudar e mais?”

**Aluno P:** “(Hamm) ... “

**Gonçalo:** “Só estudar?”

**Aluno P:** “Estudar ... sim.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno P:** “Letras e números.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Sim? Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno P:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Quando ficas sem saber o que tens de fazer, o quê que tu fazes? O quê que tu vais logo fazer de imediato?”

**Aluno P:** “(Hamm) ... eu vou ...”

**Gonçalo:** “Por exemplo estás a fazer um trabalho ...”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E depois já não sabes qual é o trabalho que tens de fazer a seguir, o quê que tu vais fazer? O quê que tu fazes? Perguntas a alguém?”

**Aluno P:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Vais pedir ajuda a alguém?”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “A quem?”

**Aluno P:** “Ao Gonçalo e à professora.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos? O quê que achas que a professora devia fazer?”

**Aluno P:** “(Hamm), a professora devia ... (Hamm) ...”

**Gonçalo:** “O quê que tu achas que devia fazer?”

**Aluno P:** “Ela devia fazer ... devia ... devia ... (Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Devia chamar à atenção os meninos?”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “E mais?”

**Aluno P:** “Também devia (Hamm) ... ficar silêncio na sala.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem, pergunta 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula? Já alguma vez não estavas ... não te apeteceu fazer os trabalhos?”

**Aluno P:** “É, sim.”

**Gonçalo:** “Sim? Então e em que momentos é que isso acontece? Quando é que isso acontece?”

**Aluno P:** “Sim, ganha vermelho.”

**Gonçalo:** “E porquê que não te apetece fazer? É alguma coisa que tu não gostas, letras, números?”

**Aluno P:** “Eu gosto.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 9: O que é que tu fazes nos momentos em que não estás interessado?”

**Aluno P:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Imagina, não te apetece fazer um trabalho, o quê que tu fazes?”

**Aluno P:** “(Hamm) ... eu ...”

**Gonçalo:** “O quê que tu fazes quando não te apetece por exemplo pintar alguma coisa, pintar um desenho, não te apetece, o quê que tu vais fazer?”

**Aluno P:** “Eu gosto de pintar o desenho.”

**Gonçalo:** “É? Pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno P:** “Porque eu porto-me sempre bem.”

**Gonçalo:** “Sim e mais? Porquê que gostas tanto da escola?”

**Aluno P:** “Porque eu sou melhor a portar-me bem.”

**Gonçalo:** “Muito bem, obrigado!”

**Aluno P:** “De nada!”.

**Entrevista ao aluno L. F. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno L:** “Gosto de ... gosto de fazer experiências ... com recorte e colagem.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno L:** “Para estudar.”

**Gonçalo:** “Sim e mais?”

**Aluno L:** “E brincar.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno L:** “(Hamm), ler.”

**Gonçalo:** “Aprender a ler? E mais?”

**Aluno L:** “E ... a escrever.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes, durante a aula sentes que ficas sem saber que trabalho é que tens que fazer?”

**Aluno L:** “Não.”

**Gonçalo:** “Isso nunca te aconteceu?”

**Aluno L:** “Já me aconteceu às vezes, mas, mas eu não sinto assim tanto.”

**Gonçalo:** “Então, mas quando aconteceu o quê que tu fazes nesses momentos, quando isso te aconteceu?”

**Aluno L:** “Eu ... eu peço ou penso.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos?”

**Aluno L:** “Ralhar ... e ...”

**Gonçalo:** “Então, pergunta número 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno L:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno L:** “Não.”

**Gonçalo:** “Nunca te aconteceu? Não te apetece fazer aquele trabalho, isso nunca aconteceu?”

**Aluno L:** “Não nunca me aconteceu.”

**Gonçalo:** “Ok, então imagina, estás cansado e não queres fazer um trabalho ...”

**Aluno L:** “Não me aconteceu.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno L:** “Só que eu tive (estive) doente é que depois não pude fazer o trabalho.”

**Gonçalo:** “Ok, ok e a pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno L:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno L:** “Porque eu tenho uma escola muito fixe e também eu brinco.”

**Gonçalo:** “Obrigado!”

**Aluno L:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno V. C. 1º ano**

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno V:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno V:** “De estudar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola? Para quê que a escola serve?”

**Aluno V:** “Pra ... pra aprender ... pra aprender.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que gostas mais?”

**Aluno V:** “Matemática.”

**Gonçalo:** “Matemática e mais?”

**Aluno V:** “Sim ... e de português.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno V:** “Em algumas vezes sim.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu fazes quando isso acontece?”

**Aluno V:** “Eu chamo você ou chamo os ... os outros professores.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos? O quê que a professora devia fazer?”

**Aluno V:** “Ela deveria fazer algum tipo de aula que os alunos gostam.”

**Gonçalo:** “Como por exemplo?”

**Aluno:** “Para ... por exemplo tipo ... ela ... todo o mundo está conversando ... aí ninguém quer estar prestando atenção, ela ... aí ela faz uma aula que todo o mundo gosta, aí ele vai começar a prestar atenção na professora.”

**Gonçalo:** “E o quê que para ti é uma aula que toda a gente gosta?”

**Aluno V:** “Matemática.”

**Gonçalo:** “Ok, (Hamm) pergunta número 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno V:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado nas aulas?”

**Aluno V:** “Tenho.”

**Gonçalo:** “Quais? Quais é que são esses momentos?”

**Aluno V:** “Tipo, toda gente faz estudo do meio, eu não gosto!”

**Gonçalo:** “Não gostas de estudo do meio?”

**Aluno V:** “Não estou interessado não.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 9: O que é que tu fazes nesses momentos, quando não estás interessado?”

**Aluno V:** “Eu fico parado sem fazer nada.”

**Gonçalo:** “E a pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno V:** “É ... é ...”

**Gonçalo:** “Sim ou não?”

**Aluno V:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno V:** “Porque a escola é muito boa para mim aprender a ler ... estou aqui, tou (estou) aprendendo a ler um pouquinho por pouquinho, preciso da escola para aprender a ler.”

**Gonçalo:** “Obrigado!”

**Aluno V:** “De nada!”

### Entrevista ao aluno P. C. 1º ano

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno P:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno P:** “(Hamm), brincar ... e estudar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola?”

**Aluno P:** “Estudar.”

**Gonçalo:** “Então para quê que tu achas que a escola serve? É só para estudar?”

**Aluno P:** “Não, aprender.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno P:** “(Hamm), brincar ... e ... não sei mais.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas preferidas? O quê que tu mais gostas de aprender?”

**Aluno P:** “(Hamm), matemática e estudo do meio e português.”

**Gonçalo:** “Sim? E por exemplo gostas daquelas aulas de trabalhos manuais?”

**Aluno P:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é a tarefa que tens que fazer, qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno P:** “Mais ou menos.”

**Gonçalo:** “Nunca te aconteceu?”

**Aluno P:** “Já, já me aconteceu.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu fizeste quando isso aconteceu? O quê que costumavas fazer quando isso acontece? Quando não sabes o quê que tens de fazer na aula?”

**Aluno P:** “(Hamm), como assim? Não estou a perceber?”

**Gonçalo:** “Imagina, a professora dá uma tarefa para fazer e passado um bocadinho tu distrais-te e já não sabes quê que é para fazer. O quê que tu fazes?”

**Aluno P:** “Sim, hoje aconteceu-me isso. (Hamm), vou pedir ajuda para ler.”

**Gonçalo:** “Ok, pedes ajuda a quem? À professora?”

**Aluno P:** “À professora ou ao Gonçalo.”

**Gonçalo:** “Ok, então pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e que soubessem sempre as tarefas que têm de fazer? O quê que tu achas que a professora deve fazer?”

**Aluno P:** “(Hamm), ler ... ler ... quando nós não sabemos o quê que é para fazer e ... não me lembro de mais nada.”

**Gonçalo:** “Ok, ok, pergunta 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno P:** Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta 8: Tens momentos em que não estás interessado nas aulas?”

**Aluno P:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno P:** “Não. Pergunta número 9 (risos).”

**Gonçalo:** “(Risos) Pergunta número 9: O que é que tu fazes se não estiveres interessado na aula? O que é que tu fazes, se não gostares muito da tarefa que tens de fazer?”

**Aluno P:** “Tenho que fazer”

**Gonçalo:** “Então nunca te aconteceu? Estás sempre interessado?”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok e a pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno P:** “Sou.”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno P:** “Porque gosto, gosto da escola, gosto de ver os meus amigos, gosto de brincar, gosto de estudar, gosto de fazer muita coisa.”

**Gonçalo:** “Muito bem amigo, obrigado!”

**Aluno P:** “De nada!”

### Entrevista à aluna J. B. 1º ano

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluna J:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluna J:** “Estar com os professores.”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta número 3: O que é que tu vens fazer à escola?”

**Aluna J:** “Estudar.”

**Gonçalo:** “Então para quê que a escola serve? Estudar e mais?”

**Aluna J:** “Para trabalhar.”

**Gonçalo:** “Muito bem, pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna J:** “Estudo do meio, português, matemática.”

**Gonçalo:** “Pergunta 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual tarefa é que tens de fazer? Isso já aconteceu?”

**Aluna J:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluna J:** “Não, nunca, eu paro aquilo de fazer ... acabar de ... fico a fazer, mas sempre fico a ouvir e depois de acabar aquilo ...”

**Gonçalo:** “Já sabes a outra que tens que fazer, não é?”

**Aluna J:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok, (Hamm) pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e às tarefas? O quê que tu achas que a professora devia fazer?”

**Aluna J:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Por exemplo, quando os meninos, alguns meninos não estão com atenção, o quê que a professora tem que fazer?”

**Aluna J:** “Ralhar.”

**Gonçalo:** “Sim? Só ralar? Chamar à atenção, não é?”

**Aluna J:** “Sim. Pergunta número 7 (risos).”

**Gonçalo:** “(Risos) Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna J:** “Sim, só que às vezes não posso de manhã porque às vezes tenho dentista, quando fui tirar o gesso ...”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessada na aula?”

**Aluna J:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluna J:** “Sempre estou interessada na aula.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: O que é que tu fazes nos momentos em que não estás interessada? Imagina, estás um bocadinho cansada e não te apetece muito trabalhar, o quê tu fazes? Qual é logo assim a primeira coisa que tu fazes?”

**Aluna J:** “(Hamm), estudar, paro mais ... eu fico mais de olhos abertos e não ... não durmo, porque eu às vezes estou com sono, quero é dormir na escola.”

**Gonçalo:** “E a pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluna J:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna J:** “Porque tenho muitos amigos, até um já veio de Fonte Boa porque ... comigo para esta escola, que é o R (nome de um aluno da turma), já somos amigos desde pequenos.”

**Gonçalo:** “Ok, obrigado!”

**Aluna J:** De nada!”

**Entrevista ao aluno D. C. 1º ano**

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno D:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno D:** “Do recreio claro!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola?”

**Aluno D:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Para quê que a escola serve?”

**Aluno D:** “Para aprender.”

**Gonçalo:** “Sim? E mais? Só aprender?”

**Aluno D:** “E para brincar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que gostas mais de aprender?”

**Aluno D:** “Números e letras novas.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber o que tens de fazer? Qual é a tarefa?”

**Aluno D:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno D:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos que têm de fazer? O quê que achas que a professora deve fazer?”

**Aluno D:** “Devia ... tratá-lo ... devia ... dizer que ... se faz favor podem fazer ... e tinha de pedir se faz favor aos alunos.”

**Gonçalo:** “Pergunta 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno D:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno D:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno D:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: Caso tu não estivesses interessado na aula, por exemplo, se não te apetecesse fazer alguma tarefa, o quê que tu ias fazer nesse momento?”

**Aluno D:** “(Hamm).”

**Gonçalo:** “Imagina se não te apetecer muito fazer aquele trabalho, o quê que tu fazes nesses momentos?”

**Aluno D:** “Descansar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno D:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno D:** “Porque é muito divertida e aprendo coisas novas.”

**Gonçalo:** “Ok, obrigado!”

**Aluno D:** “De nada!”

**Entrevista à aluna E. S. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna E:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluna E:** “(Hamm), do pátio.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluna E:** “Para estudar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna E:** “Matemática”

**Gonçalo:** “É o quê que tu gostas mais de aprender para além da matemática? Gostas de mais alguma coisa?”

**Aluna E:** “Sim.”

**Gonçalo:** “O quê?”

**Aluna E:** “Gosto de fazer, gosto de fazer o ... gosto de ir ao quadro fazer as perguntas e também ... rodear as perguntas que a professora faz.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluna E:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E o quê que tu fazes quando isso acontece?”

**Aluna E:** “Tento pensar um bocadinho.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção aos trabalhos?”

**Aluna E:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “O quê que achas que a professora deve fazer?”

**Aluna E:** “... dizer qual é o ... qual é trabalho que fazer.”

**Gonçalo:** “E mais?”

**Aluna E:** “E ... não sei (risos).”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna E:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Alguma vez ... tens alguns momentos em que não estás muito interessada nas aulas?”

**Aluna E:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não? Nunca ... não te apeteceu muito trabalhar, isso nunca aconteceu contigo?”

**Aluna E:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluna E:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna E:** “Porque fico com os meus colegas.”

**Gonçalo:** Sim e mais?”

**Aluna E:** “E também brinco com eles.”

**Gonçalo:** “Ok, obrigado!”

**Aluna E:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno A. C. 1º ano**

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno A:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno A:** “Brincar no escorrega.”

**Gonçalo:** “Brincar no escorrega é isso? Ok”

**Aluno A:** “Sim e escorregar”

**Gonçalo:** “E escorregar? Ok. Pergunta número 3: O que é que tu vens fazer à escola?”

**Aluno A:** “Ver professores e lições de casa.”

**Gonçalo:** “O quê? Lições de casa? Ok continua.”

**Aluno A:** “Sim e trabalhos de casa e livros.”

**Gonçalo:** “Então para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno A:** “Para estudar para ser piloto de aviões.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas?”

**Aluno A:** “(Hamm) ... dinossauros e pinguins e baleias.”

**Gonçalo:** “Então, mas essa parte da aula é o quê? É a parte do estudo do meio é isso?”

**Aluno A:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Sim? Então e a matemática?”

**Aluno A:** “Também.”

**Gonçalo:** “E o português tu não gostas?”

**Aluno A:** “Gosto”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes tu ficas sem saber o que é que tens de fazer na aula? Qual é a tarefa que tens de fazer?”

**Aluno A:** “Não.”

**Gonçalo:** “Isso nunca te aconteceu?”

**Aluno A:** “Não.”

**Gonçalo:** “De certeza?”

**Aluno A:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos estivessem com atenção à aula?”

**Aluno A:** “Sentando e põe o dedo no ar, põe o dedo no ar.”

**Gonçalo:** “Não, mas a professora? O que é que achas que a professora devia fazer?”.

**Aluno A:** “Fazia contas”

**Gonçalo:** “Para que todos os meninos estivessem com atenção?”

**Aluno A:** “Sim.”

**Gonçalo:** “É fazer o quê?”

**Aluno A:** “Contas.”

**Gonçalo:** “Fazer contas?”

**Aluno A:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok Hamm, pergunta ...”

**Aluno A:** “Número 7”.

**Gonçalo:** “Número 7 (risos) tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno A:** “Sim ... e brincar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno A:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Quais momentos? Quais é que são esses momentos?”

**Aluno A:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: O que é que fazes quando vens para a aula e não te apetece trabalhar? O que é que tu fazes?”

**Aluno A:** “Eu faço ... eu faço as atividades, eu faço ...”

**Gonçalo:** “Imagina tu vens de manhã, e não te apetece fazer as coisas da escola, fazer as tarefas que a professora diz, o que é que tu fazes?”

**Aluno A:** “Eu faço ... “

**Gonçalo:** “O quê?”

**Aluno A:** “Os trabalhos.”

**Gonçalo:** “É?”

**Aluno A:** “Sim e assim fica a professora feliz!”

**Gonçalo:** “Pois. Pergunta número 10: Tu és feliz na escola?”

**Aluno A:** “Sou.”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno A:** “Por causa que eu gosto de brincar.”

**Gonçalo:** “Sim e mais?”

**Aluno A:** “E comer.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno A:** “E ... e ... comer o último.”

**Gonçalo:** “Comer o quê?”

**Aluno A:** “Comer o último ... que dá a professora das AECS”

**Gonçalo:** “Ok obrigado!”

**Aluno A:** De nada!

**Entrevista ao aluno B. P. 1º ano**

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno B:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que mais gostas na escola?”

**Aluno B:** “(O aluno ficou em silêncio) De todos!”

**Gonçalo:** “Todos os amigos?”

**Aluno B:** “E de ti!”

**Gonçalo:** “(Risos) Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno B:** “Serve pra ... serve pra brincar e serve pra eu estudar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno B:** “Matemática e estudo do meio.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno B:** “(O aluno ficou em silêncio) Às vezes.”

**Gonçalo:** “Então e quando isso acontece o quê que tu costumavas fazer?”

**Aluno B:** “Aquilo que eu costumo fazer? (O aluno ficou em silêncio) Eu costumo pensar um bocado.”

**Gonçalo:** “Sim? E depois o quê que fazes?”

**Aluno B:** “E depois ...”

**Gonçalo:** “Pensas um bocadinho sobre o quê que tens que fazer é?”

**Aluno B:** “É (o aluno ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “Ok, Hamm pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos? O quê que achas que a professora devia fazer?”

**Aluno B:** “(O aluno ficou em silêncio) Ela devia dizer para nós olharmos para ela e para o quadro.”

**Gonçalo:** “Pergunta 7: Gostas de participar nas aulas? Mas por exemplo, é só quando a professora te pede ou tu pões o dedo no ar para responder?”

**Aluno B:** “Ponho o dedo no ar.”

**Gonçalo:** “Pergunta 8: Tens algum momento em que não estás interessado na aula? Não te apetece fazer os trabalhos?”

**Aluno B:** “A mim apetece-me fazer todos os dias.”

**Gonçalo:** “Não te apetece?”

**Aluno B:** “Apetece-me.”

**Gonçalo:** “Então, mas não tens nenhum momento em que não estás interessado?”

**Aluno B:** “Às vezes.”

**Gonçalo:** “E em quais momentos por exemplo?”

**Aluno B:** “Quando eu estou em casa.”

**Gonçalo:** “Não, mas aqui na escola? Quando é que tu não estás interessado?”

**Aluno B:** “Como ... como ... como ... como interessado?”

**Gonçalo:** “Quando estamos a dar ... por exemplo matemática, português ...”

**Aluno B:** “Matemática eu sei.”

**Gonçalo:** “É?”

**Aluno B:** “É, isso eu sei.”

**Gonçalo:** “Então em qual é que tu não estás tão interessado?”

**Aluno B:** “(O aluno ficou em silêncio) De português.”

**Gonçalo:** “Pergunta 9: O que é que tu fazes nesses momentos em que não estás interessado? Não te interessa muito o trabalho que estamos a fazer e o quê que tu fazes?”

**Aluno B:** “(O aluno ficou em silêncio) Brinco só um bocadinho, porque eu fico à seca, porque eu não sei ... qual é o ... o momento em que vocês vão me ajudar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno B:** “Eu sou!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno B:** “Então porquê que eu agora estou assim?”

**Gonçalo:** “Porquê que tu és feliz na escola? Porquê?”

**Aluno B:** “Porque eu amo a escola!”

**Gonçalo:** “Ok, obrigado!”

**Aluno B:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno R. G. 1º ano**

**Gonçalo:** “A pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno R:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno R:** “Brincar com os amigos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno R:** “Para estudar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que gostas mais de aprender?”

**Aluno R:** “Português.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno R:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não? Nunca te aconteceu?”

**Aluno R:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção aos trabalhos? O quê que a professora devia dizer, por exemplo?”

**Aluno R:** “Para tarem (estarem) com atenção.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno R:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Sim? Por exemplo pões o dedo no ar para falar ou esperas que a professora te escolha a ti para seres tu a falar?”

**Aluno R:** “(O aluno ficou em silêncio)”

**Gonçalo:** “Como é que ... o quê que acontece mais?”

**Aluno R:** “(O aluno ficou em silêncio)”

**Gonçalo:** “É mais a professora que pede?”

**Aluno R:** “(O aluno disse “sim” acenando com a cabeça).”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta número 8: Tens algum ... já te aconteceu não estares interessado na aula? Não te apetecer muito trabalhar na aula, isso já te aconteceu?”

**Aluno R:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno R:** “Não.”

**Gonçalo:** “E a pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno R:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno R:** “... porque gosto ... gosto de estudar ... e brincar.”

**Gonçalo:** “Muito bem, obrigado!”

**Aluno R:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno M. M. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno M:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno M:** “Brincar no recreio.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola? Para quê que a escola serve?”

**Aluno M:** “Para estudar e para brincar no recreio.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que gostas mais de aprender?”

**Aluno M:** “... português e matemática.”

**Gonçalo:** “Pergunta 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno M:** “(O aluno encolheu os ombros).”

**Gonçalo:** “Isso nunca te aconteceu?”

**Aluno M:** “(O aluno encolheu os ombros).”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção?”

**Aluno M:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Aos trabalhos e à aula, o quê que tu achas que a professora devia fazer?”

**Aluno M:** “(O aluno encolheu os ombros).”

**Gonçalo:** “Não sabes? Ok, pergunta número 7: Gostas de participar nas aulas?”

**Aluno M:** “Quais aulas?”

**Gonçalo:** “Gostas de participar ali na aula?”

**Aluno M:** Hum hum (sim).”

**Gonçalo:** “Sim? Pões o dedo no ar ou esperas que a professora te chame?”

**Aluno M:** “... as duas coisas.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 8: Às vezes não estás muito interessado na aula?”.

**Aluno M:** “(O aluno encolheu os ombros).”

**Gonçalo:** “Nunca te aconteceu? Não te apetece estar na aula? Já aconteceu?”

**Aluno M:** “Não. Não muito.”

**Gonçalo:** “E pergunta número 10: És feliz na escola?”

**Aluno M:** “(O aluno ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “És feliz?”

**Aluno M:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno M:** “(O aluno ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno M:** “Porque a escola é ...”

**Gonçalo:** “É?”

**Aluno M:** “Like! (O aluno exemplificou com o dedo polegar).”

**Gonçalo:** “(Risos) Obrigado!”

**Aluno M:** De nada!

**Entrevista à aluna C. C. 1º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluna C:** “Gosto. Gosto muito de andar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluna C:** “Gosto de brincar com os amigos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que vens fazer à escola?”

**Aluna C:** “Brincar, aprender coisas.”

**Gonçalo:** “E para quê que a escola serve sem ser ... é para a aprender, certo e mais?”

**Aluna C:** “É para aprender e para brincar, para comermos e para brincarmos e para lancharmos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que mais gostas de aprender?”

**Aluna C:** “Gosto de português, de matemática e ... de ... e ... ai, gosto de tudo. Gosto muito de todas as aulas.”

**Gonçalo:** “Ok, pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens de fazer? Já te aconteceu?”

**Aluna C:** “Sim já me aconteceu.”

**Gonçalo:** “Então e quando isso acontece o quê que tu fazes?”

**Aluna C:** “Às vezes peço ajuda.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluna C:** “(A aluna ficou em silêncio) E também ... tento ler as palavras e tentar fazer.”

**Gonçalo:** “Ok, Hamm pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos que têm que fazer?”

**Aluna C:** “Pra ... pra fazermos silêncio.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluna C:** “Pra ficarmos calados e pra não falarmos com os colegas e não copiarmos as coisas.”

**Gonçalo:** “Ok, a pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna C:** “Gosto, muito, muito, muito de participar.”

**Gonçalo:** “A pergunta 8: Tens alguns momentos em que não estás interessada na aula?”

**Aluna C:** “Momentos? O quê que é isso?”

**Gonçalo:** “Às vezes não estás muito interessada, já te aconteceu?”

**Aluna C:** “Não! Eu gosto muito das aulas.”

**Gonçalo:** “Então e imagina ... pergunta 9: Quando tu estás assim mais cansada e não te apetece trabalhar, o quê que tu fazes nessa altura? Nunca te aconteceu estares assim muito cansadinha “não me apetece trabalhar”, nunca te aconteceu isso?”

**Aluna C:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluna C:** “Quando eu estou cansada de trabalhar eu ... eu trabalho.”

**Gonçalo:** “Ok e a pergunta número 10: Tu és feliz na escola?”

**Aluna C:** “Sou muito feliz!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna C:** “Porque gosto muito da escola. É fixe.”

**Gonçalo:** “Obrigado!”

**Aluna C:** “De nada!”

### Entrevista à aluna J. S. 1º ano

**Gonçalo:** “Pergunta 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna J:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta 2: O que é que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluna J:** “(Hamm) de brincar.”

**Gonçalo:** “Pergunta 3: O que é que tu vens fazer à escola?”

**Aluna J:** “Aprender.”

**Gonçalo:** “Para quê que a escola serve? O quê que tu achas? É só para aprender?”

**Aluna J:** “(Hamm), não ... para se divertir.”

**Gonçalo:** “Para divertir também, sim. Então na pergunta 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluna J:** “Matemática.”

**Gonçalo:** “Pergunta 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens de fazer? Já te aconteceu?”

**Aluna J:** “Não.”

**Gonçalo:** “Nunca te aconteceu já não te lembrares do quê que tens de fazer?”

**Aluna J:** “(Hamm), só me aconteceu ... não, não me aconteceu.”

**Gonçalo:** “A pergunta 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os meninos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos? O quê que tu achas que a professora devia fazer?”

**Aluna J:** “Mandar todos ficarem em silêncio.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna J:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna J:** “Porque é divertido!”

**Gonçalo:** “Pergunta 8: Tu tens algum momento em que não estás muito interessada na aula? No trabalho que estás a fazer? Às vezes não te apetece muito?”

**Aluna J:** “Não, sempre me apetece acho ...”

**Gonçalo:** “Apetece-te sempre?”

**Aluna J:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Então e a última pergunta: Tu és feliz na escola?”

**Aluna J:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê? Porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluna J:** “Porque é giro!”

**Gonçalo:** “Ok obrigado!”

**Aluna J:** “De nada!”

### Entrevista à aluna S. F. 1º ano

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna S:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O que é que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluna S:** “(Hamm) os meus amigos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O que é que tu vens fazer à escola?”

**Aluna S:** “Venho aprender ... venho aprender e às vezes também para brincar.”

**Gonçalo:** “Então para quê que a escola serve? Para aprender, para brincar e mais?”

**Aluna S:** “E para estudar.”

**Gonçalo:** “Ok, a pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluna S:** “Aulas de ...”

**Gonçalo:** “Por exemplo, quando têm de fazer exercícios do manual ou quando ...”

**Aluna S:** “Pode ser as aulas ... quando nós fazemos origamis.”

**Gonçalo:** “Origamis? Gostas de fazer origamis? Então quais é que são essas aulas?”

**Aluna S:** “Nós desenhámos origamis e fazemo-los e pintamo-los às vezes.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Pergunta 5: Tu por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber o que tens de fazer?”

**Aluna S:** “Não.”

**Gonçalo:** “Isso nunca te aconteceu?”

**Aluna S:** “Não, eu respondo sempre à professora.”

**Gonçalo:** “Pergunta 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas?”

**Aluna S:** “Devia falar alto e para saber que os meninos estão lá na escola todos e também como deve de ser sentados, e também a ... a ver o quê que ela diz.”

**Gonçalo:** “Muito bem. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna S:** “Adoro!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna S:** “Porque aprendemos mais coisas.”

**Gonçalo:** “Muito bem. Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessada nas aulas?”

**Aluna S:** “Não. Eu fico sempre animada quando chego à escola e faço tudo.”

**Gonçalo:** “Pergunta 9: O quê que tu fazes nos momentos em que não estás interessada? Tu disseste-me que isso não acontece, não é? Mas por exemplo, imagina que um dia ... tu gostas de matemática, de português?”

**Aluna S:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E de estudo do meio também?”

**Aluna S:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E há assim alguma área que tu não gostes?”

**Aluna S:** “Português, na matemática ou no estudo do meio há sempre alguma coisinha que eu não gosto de fazer.”

**Gonçalo:** “Então imagina, se tu não estiveres interessada e não quiseres fazer algum exercício, o quê que tu fazes nesse momento?”

**Aluna S:** “Digo à professora que não me apetece, mas depois fico com vontade.”

**Gonçalo:** “Muito bem. E a última pergunta é se tu és feliz na escola?”

**Aluna S:** “Sou feliz, mas às vezes, no primeiro dia da minha escola eu fiquei com dúvidas para saber qual foi ... se eu estava contente ou estava triste para eu saber.”

**Gonçalo:** “Então e diz-me porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluna S:** “Porque tenho muitos amigos para me animar e a minha mãe às vezes vem cá à escola ver-me.”

**Gonçalo:** Muito bem, obrigado!”

**Aluna S:** De nada!”

**Entrevista ao aluno M. B. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta 2: O que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluno M:** “O quê que mais gosto na escola? A sala de aula, podemos aprender muito.”

**Gonçalo:** “Muito bem. Pergunta 3: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno M:** “Então venho estu ... venho aprender para quando crescer, saber o que devo fazer.”

**Gonçalo:** “Então para quê que a escola serve? Não é só para ensinar, pois não? Serve para mais o quê?”

**Aluno M:** “Serve pra ... para ajudar os meninos que estão ... que têm dificuldades.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas?”

**Aluno M:** “Aulas de inglês!”

**Gonçalo:** “De inglês?”

**Aluno M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então o quê que tu mais gostas de aprender? É inglês, não é?”

**Aluno M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E mais o quê? Gostas de mais alguma coisa?”

**Aluno M:** “(Hamm) Sim, gosto de todas a as disciplinas!”

**Gonçalo:** “É? Ok. Pergunta 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber quais é que são as tarefas que tens de fazer? Isso já alguma vez te aconteceu?”

**Aluno M:** “Hum hum, que a professora não passa trabalho, ainda hoje ...”

**Gonçalo:** “Não passou trabalho foi?”

**Aluno M:** “É, eu tive que estar à espera.”

**Gonçalo:** Mas imagina, a professora dá uma tarefa para fazer e passado um bocadinho tu já não sabes o quê que tens de fazer, isso nunca te aconteceu?”

**Aluno M:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não? Ok. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que têm de fazer? Qual é que tu ... o quê que tu achas assim que a professora deveria fazer ... para toda a turma estar com atenção?”

**Aluno M:** “Um apitozinho e apitar.”

**Gonçalo:** “É?”

**Aluno M:** “Como faz na ginástica.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno M:** “Muito!”

**Gonçalo:** “Então e porquê?”

**Aluno M:** “(Hamm), Não é por ... por os trabalhos serem fáceis, mas ... eu gosto das aulas.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. A pergunta ... “

**Aluno M:** “Escrever ...”

**Gonçalo:** “Escrever também? Boa, boa.”

**Aluno M:** “Ler ...”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tu tens momentos em que não estás interessado na aula? Não te interessa muito o que estão a fazer, não gostas muito, isso ... tens algum momento em que isso acontece?”

**Aluno M:** “Hum, hum.”

**Gonçalo:** “Por exemplo?”

**Aluno M:** “Por exemplo ... quando nós estamos a dar uma matéria que eu adoro e quando a professora me salta ...”

**Gonçalo:** “Salta? Isso quer dizer o quê?”

**Aluno M:** “(Hamm), imagina tá (está) no ... tá (está) no D (nome de um aluno da turma), que é um colega, no D (nome de um aluno da turma), depois em vez de ir para mim vai para a A. R (nome de uma aluna da turma).”

**Gonçalo:** “Ah ok, ok. (Hamm), a última pergunta que eu tenho para ti é se tu és feliz na escola? És feliz?”

**Aluno M:** “Sou!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno M:** “(Hamm), porque tenho com quem brincar, tenho bons professores e boas auxiliares.”

**Gonçalo:** “Muito bem amigo, obrigado!”

**Aluno M:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno A. B. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno A:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: “O que é que mais gostas na escola?”

**Aluno A:** “Comer ... comer a minha comida favorita do refeitório e brincar muito com o meu melhor amigo.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno A:** “Venho estudar, brincar, aprender a fazer coisas.”

**Gonçalo:** “Então tu achas que é para isso que a escola serve é isso?”

**Aluno A:** “Hum hum.”

**Gonçalo:** “E não serve para mais nada?”

**Aluno A:** “Serve para ... já não sei (risos).”

**Gonçalo:** “Não? Ok ok amigo. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas preferidas? O quê que tu mais gostas de aprender? Por exemplo, uma aula assim mais ...”

**Aluno A:** “História.”

**Gonçalo:** “É? História? E mais? Outra área, gostas por exemplo da expressão plástica ... ou não?”

**Aluno A:** “Português.”

**Gonçalo:** “Português? É história e português é isso?”

**Aluno A:** “Estava a fazer já agora um trabalhinho de português.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem amigo. Pergunta número 5: Tu às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber o quê que tens de fazer? Qual é a tarefa que a professora deu para fazer e tu ... por exemplo ficas perdido e não sabes o que tens de fazer.”

**Aluno A:** “Tem dias.”

**Gonçalo:** “Tem dias? Então às vezes isso acontece, não é?”

**Aluno A:** “Às vezes.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno A:** “O que eu costumo fazer?”

**Gonçalo:** “Sim.”

**Aluno A:** “Costumo perguntar à professora.”

**Gonçalo:** “É? Muito bem, muito nem! Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que têm de fazer?”

**Aluno A:** “(O aluno ficou em silêncio)”

**Gonçalo:** “O quê que tu achas que a professora devia fazer nesses momentos?”

**Aluno A:** “Não sei (risos).”

**Gonçalo:** “Não sabes?”

**Aluno A:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não? Ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno A:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “E porquê que tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno A:** “Porque são matérias que eu gosto de aprender, tal como história, português, matemática assim não gosto muito, mas ... tem que ser.”

**Gonçalo:** “É assim não é amigo? Faz parte. Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessado nas aulas? Não ...”

**Aluno A:** “Tenho.”

**Gonçalo:** “Então quais é que são esses momentos?”

**Aluno A:** “Matemática!”

**Gonçalo:** “Quando estão a dar matemática é isso?”

**Aluno A:** “É, porque eu não gosto muito de ... não gosto nada de matemática, não sei porquê um dia estava a fazer um teste de matemática, não sei como tirei 94. Não sei como.”

**Gonçalo:** “Então foi bom.”

**Aluno A:** “Foi bom porque também era uma matéria da matemática que eu gostava, frações.”

**Gonçalo:** “Então os únicos momentos em que tu não estás interessado é quando estão a fazer matemática é isso?”

**Aluno A:** “É, é assim umas contas de ... coisas que eu já não me lembro ... e isso eu ... eu quando tava (estava) ao pé da janela, porque eu já não estou ao pé da janela, quando eu tava (estava) a professora tava (estava) a falar e eu tava (estava) distraído a ver a paisagem da janela. Eu gostava de ver como é que tava (estava) a paisagem da janela. Mas ouvia, ouvia e outras vezes ... outras vezes quando a professora gritava eu ... eu assustava-me. Foi no 3º ano mais ou menos, para aí nessa altura.”

**Gonçalo:** “Pergunta 9: O quê que tu fazes nesses momentos que não estás interessado na aula? Por exemplo, agora disseste-me que olhavas para a janela, não é? Estavas a olhar para a janela ...”

**Aluno A:** “Olho para a janela para ver os ... quando é dias de chuva é melhor, é ver os pombos a tomar banho. Poças de água gigantes.”

**Gonçalo:** “E mais? Assim outra coisa, não sei, que tu te distraias por exemplo, não estás interessado ...”

**Aluno A:** “Distraia? Brincar ...”

**Gonçalo:** “O quê que ... o quê que tu fazes?”

**Aluno A:** “O quê que eu faço? Brinco com a borracha ... também às vezes faço ... vou-me adiantando nos exercícios como eu gosto de fazer. No inglês ontem ... ah ontem não, na terça ... hoje é que dia?”

**Gonçalo:** “Hoje é terça.”

**Aluno A:** “Sexta-feira passada fiz ... fiz ... comecei quando tava (estava) a ouvir o áudio fiz o debaixo e passei logo ... e consegui, faltava-me um exercício e tinha um que tava (estava)

só completada a metade. Eu gosto muito da matéria é só isso que eu tenho para dizer, de resto da matéria.”

**Gonçalo:** “É? Isso é bom! Então amigo, a última pergunta que eu tenho para te fazer é se tu és feliz na escola?”

**Aluno A:** “Sou!”

**Gonçalo:** “E porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluno A:** “Porque gosto de passar aqui tempo e também gosto de brincar com os meus amigos ... e gosto de aprender porque eu quero ... quando crescer quero ser muito biólogo marinho.”

**Gonçalo:** “A sério? Isso é muito bom! Muito bem amigo, muito obrigado!”

**Aluno A:** “De nada!”

**Entrevista à aluna B. T. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna B:** Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê mais gostas na tua escola?”

**Aluna B:** “De andar com os meus amigos, brincar ...”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluna B:** “Pra aprendermos ...”

**Gonçalo:** “Sim e mais?”

**Aluna B:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “O quê que fazes mais na escola para além de aprender?”

**Aluna B:** “Brinco.”

**Gonçalo:** “Brincas com os amigos, não é? Ok. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna B:** “De estudo do meio e expressões.”

**Gonçalo:** “É o que tu mais gostas de aprender? Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber o quê que tens de fazer? Qual é o trabalho que tens de fazer, isso já te aconteceu?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu fazes quando isso acontece?”

**Aluna B:** “Pergunto à professora.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que têm de fazer? O quê que tu achas que a professora devia fazer quando isso acontece?”

**Aluna B:** “(Hamm) Não sei bem o quê que ... acho que a culpa é mais dos alunos porque estão sempre a gritar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna B:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessada nas aulas?”

**Aluna B:** “(Hamm) Não.”

**Gonçalo:** “A última pergunta é se tu és feliz na escola?”

**Aluna B:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna B:** “Porque estou com os meus amigos e aprendo coisas novas!”

**Gonçalo:** “Ok, muito obrigado!”

**Aluna B:** “De nada!”

**Entrevista à aluna M. P. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: “Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna M:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluna M:** “Brincar e de estar ... e de estar com os meus amigos e de matemática e inglês.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluna M:** “Trabalhar. Para aprender e trabalhar.”

**Gonçalo:** “Sim e mais?”

**Aluna M:** “E para brincar com os amigos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas preferidas?”

**Aluna M:** “Inglês e matemática!”

**Gonçalo:** “Então é isso que tu mais gostas de aprender é? Ok. Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefas é que tens de fazer?”

**Aluna M:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não, nunca te aconteceu isso? Ok. Pergunta número 6: O quê que achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula?”

**Aluna M:** “Metê-los de castigo na aula e fazer trabalhos duplos.”

**Gonçalo:** “Sim? Era assim que a professora ... que tu achas que a professora ia conseguir fazer é?”

**Aluna M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok. Então o quê que tu queres dizer com trabalhos duplos? Dar o dobro dos trabalhos para eles fazerem é isso?”

**Aluna M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna M:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Ok, mas é por exemplo, só participas quando a professora te pede ou ... pões tu o dedo no ar e respondes, não?”

**Aluna M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessada nas aulas?”

**Aluna M:** “Não?”

**Gonçalo:** “Não? Gostas sempre das aulas é isso? Tudo o que fazem nas aulas é isso?”

**Aluna M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok. A última pergunta é se tu és feliz na escola.”

**Aluna M:** “Sim.”

**Gonçalo:** “És? Então porquê?”

**Aluna M:** “Porque ... tenho inglês, brinco com os meus amigos e pronto.”

**Gonçalo:** “Muito obrigado!”

**Aluna M:** “De nada.”

**Entrevista ao aluno F. P. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: “Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno F:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno F:** “Brincar com os meus amigos e ... estar na sala de aula.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno F:** “Para aprender coisas que nós precisamos para a vida.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno F:** “Português e matemática.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Às vezes durante a aula tu sentes que ficas sem saber qual é o trabalho que tens que fazer?”

**Aluno F:** “Às vezes sim.”

**Gonçalo:** “Então e ... quando isso acontece o quê que tu costumavas fazer?”

**Aluno F:** “(Hamm) Vou perguntar à professora e pronto é isso.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos?”

**Aluno F:** “Chamá-los à atenção e ... mandá-los para trabalhar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno F:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessado na aula? No trabalho que estás a fazer?”

**Aluno F:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Já te aconteceu isso? Então e quais é que são esses momentos por exemplo?”

**Aluno F:** “Quando é para copiar, por exemplo.”

**Gonçalo:** “Para fazer uma cópia?”

**Aluno F:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Não estás ... não gostas muito de fazer cópias é isso?”

**Aluno F:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: O quê que tu fazes, por exemplo, nesses momentos que tu me disseste que não gostas de fazer, o quê que tu fazes?”

**Aluno F:** “(O aluno ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “Quando não estás interessado nas aulas o quê que tu costumavas fazer?”

**Aluno F:** “Não faço nada e às vezes até ... começo a copiar.”

**Gonçalo:** “E a última pergunta: Tu és feliz na escola?”

**Aluno F:** “Sou!”

**Gonçalo:** “Então e porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluno F:** “Porque posso brincar com os meus amigos.”

**Gonçalo:** “Ok, muito obrigado!”

**Aluno F:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno P. D. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: “Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno P:** “(Hamm) Como assim? Atividades?”

**Gonçalo:** “Tudo. Tudo o que tu achas que gostas mais na escola:”

**Aluno P:** “É o recreio!”

**Gonçalo:** “E mais? Disciplinas que tu gostes.”

**Aluno P:** “Estudo do meio.”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno P:** “Venho estudar, fazer algumas palhaçadas e brincar.”

**Gonçalo:** “Então para quê que tu achas que a escola serve?”

**Aluno P:** “Para estudar e ser ... uma boa pessoa para o futuro.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas?”

**Aluno P:** “(Hamm) Não sei muito bem ...”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluno P:** “Não.”

**Gonçalo:** “Ok. Então por exemplo o quê que tu mais gostas de aprender? Números, letras ...”

**Aluno P:** “É os reis.”

**Gonçalo:** “Gostas dos reis? Então gostas da área de história é isso?”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber o quê que tens de fazer?”

**Aluno P:** “Sim às vezes!”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno P:** “Peço à professora!”

**Gonçalo:** “Perguntas à professora o quê que tens que fazer é isso?”

**Aluno P:** “Ou a um colega meu.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas? O quê que achas que a professora devia fazer?”

**Aluno P:** “Devia dizer, eu acho, ela diz às vezes para ... quando ... para quem se portasse mal não ia ter recreio o dia inteiro e que ... ia para a direção ... para ... eles ficam cheios de medo disso.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno P:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “Então e por exemplo, é por iniciativa tua, tu pões o dedo no ar ou só respondes quando a professora te chama? Por exemplo.”

**Aluno P:** “Não, ponho o dedo no ar.”

**Gonçalo:** “Ok.”

**Aluno P:** “Porque eu gosto de ... gosto de responder às coisas.”

**Gonçalo:** “Ok, ok.”

**Aluno P:** “Quando a professora pergunta.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno P:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então em quais momentos por exemplo?”

**Aluno P:** “Matemática, quando é matemática não gosto muito e também à tarde fico um bocado com preguiça de fazer as coisas porque fiz de manhã, e custa-me já fazer as coisas. É difícil.”

**Gonçalo:** “Ok, então e o quê que tu fazes nos momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno P:** “Fico a brincar com o ... com o lápis ou com a borracha, às vezes também falo com os meus colegas. Essas coisas, estar a mexer nas coisas.”

**Gonçalo:** “E a última pergunta: Tu és feliz na escola.”

**Aluno P:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno P:** “Porque são ... várias pessoas gostam de mim, brincam comigo, também ... gosto ... gosto simplesmente dos meus amigos, de tudo e eles gostam de mim também acho eu, alguns.”

**Gonçalo:** “Ok obrigado!”

**Aluno P:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno F. D. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno F:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu gostas mais na tua escola?”

**Aluno F:** “De jogar à bola, estar com os amigos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno F:** “Venho trabalhar, fazer atividades, ginástica.”

**Gonçalo:** “E para quê que tu achas que a escola serve?”

**Aluno F:** “Serve para aprender.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que gostas mais de aprender?”

**Aluno F:** “É inglês ... matemática.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é a tarefa que tens que fazer?”

**Aluno F:** “Às vezes.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno F:** “Pergunto à professora ...”

**Gonçalo:** “Sim ...”

**Aluno F:** “As ... as páginas que é para fazer ou peço à professora para pôr no quadro.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que tem de fazer?”

**Aluno F:** “Para quem não está atento devia fazer uma ficha de avaliação. Quem está atento (Hamm) ... (Hamm) ... tinha de seguir em frente e fazer mais trabalhos.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno F:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “Então e porquê que tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno F:** “Gosto de participar nas aulas porque eu respondo às perguntas.”

**Gonçalo:** “E é por iniciativa tua? Tu pões o dedo no ar ou esperas que a professora te chame para responder?”

**Aluno F:** “Ponho o dedo no ar!”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessado nas aulas?”

**Aluno F:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: O quê que ... imagina que tu algum dia não estavas muito interessado nalgum trabalho, não querias muito fazer aquele trabalho. O quê que tu fazias nesse momento?”

**Aluno F:** “(O aluno ficou em silêncio)”

**Gonçalo:** “Se não estivesse interessado no trabalho que tinhas que fazer ...”

**Aluno F:** “(Hamm) Se não estivesse interessado, se não estivesse interessado ia pedir à professora para fazer outro e depois fazer o outro mais logo.

**Gonçalo:** “E a última pergunta é se tu és feliz na escola?”

**Aluno F:** “Sou!”

**Gonçalo:** “Então e porquê eu tu és feliz na escola?”

**Aluno F:** “Porque eu vejo os amigos, faço atividades ... faço atividades com cola, com ... os materiais um bocadinho mais para adultos.”

**Gonçalo:** “Muito obrigado amigo!”

**Aluno F:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno S. C. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: “Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno S:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno S:** “Gosto dos meus amigos.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluno S:** “Para estudar e ter um bom futuro.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno S:** “Matemática e educação física e estudo do meio.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefa é que tens que fazer?”

**Aluno S:** “Às vezes.”

**Gonçalo:** “Então e o quê tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno S:** “Eu penso muito e às vezes pergunto à professora.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos?”

**Aluno S:** “(Hamm) Colocar os nomes no quadro.”

**Gonçalo:** “Desculpa não percebi amigo.”

**Aluno S:** “Colocar os nomes no quadro.”

**Gonçalo:** “Colocar ... pôr os nomes no quadro, ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno S:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno S:** “Sim alguns.”

**Gonçalo:** “Então e quais são esses momentos?”

**Aluno S:** “Alguns como português, porque é um pouco difícil e eu não consigo perceber algumas coisas.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 9: O quê que tu fazes nesses momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno S:** “(Hamm) Eu tento perceber a matéria.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno S:** “Tento perceber a matéria.”

**Gonçalo:** “E a última pergunta é se tu és feliz na escola.”

**Aluno S:** “Sim!”

**Gonçalo:** E porquê que és feliz na escola?”

**Aluno S:** “Porque tenho os amigos e também consigo aprender novas coisas.”

**Gonçalo:** Ok, muito obrigado amigo!

**Aluno S:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno R. C. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: “Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno R:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno R:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “O quê que gostas mais de ... de fazer na escola?”

**Aluno R:** “O espaço que eu mais gosto é os baloiços e nos baloiços eu gosto de fazer as coisas normais que fazem ... que as pessoas fazem nos baloiços, descer o escorrega, fazer isso tudo. Andar nas barras, a barras é o meu ... é o meu lugar preferido para brincar e os escorregas.

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que ... o quê que tu vens fazer à escola, não vens só brincar, pois não? O quê que vens fazer mais?”

**Aluno R:** “Não, venho ... venho aprender.”

**Gonçalo:** “Então a escola serve para quê? Para aprender, para brincar e mais?”

**Aluno R:** “Também para fazer amigos.”

**Gonçalo:** “Para fazer amigos tens razão também serve. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno R:** “Estudo do meio.”

**Gonçalo:** “Só estudo do meio?”

**Aluno R:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 5: Às vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens de fazer?”

**Aluno R:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Isso já te aconteceu?”

**Aluno R:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu fazes quando isso acontece?”

**Aluno R:** “(O aluno ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “O quê que tu costumás fazer, ficas sem saber?”

**Aluno R:** “Não, não fico sem saber, pergunto a alguém qual é a página, pergunto à professora.”

**Gonçalo:** “Costumas perguntar a alguém?”

**Aluno R:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos? O quê que achas que a professora devia fazer?”

**Aluno R:** “(Hamm) Não sei (Hamm) ...”

**Gonçalo:** “A professora devia dizer para estarem com atenção aos trabalhos?”

**Aluno R:** “Devia sim.”

**Gonçalo:** “Sim e mais?”

**Aluno R:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Achas que devia fazer mais alguma coisa?”

**Aluno R:** “Não sei.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno R:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?” Às vezes não estás muito interessado no trabalho que estão a fazer, já te aconteceu isso?”

**Aluno R:** “Sim às vezes.”

**Gonçalo:** “Então e quais é que foram esses momentos, por exemplo estavam a fazer um trabalho de que disciplina? E tu não estavas interessado?”

**Aluno R:** “Matemática.”

**Gonçalo:** “E não estavas muito interessado na matemática era isso?”

**Aluno R:** “Não.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 9: Nos momentos em que não estás interessado no trabalho que estão a fazer, o quê que tu fazes?”

**Aluno R:** “(O aluno ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “Não estás interessado e então o quê que tu fazes de imediato?”

**Aluno R:** “Sim. Às vezes fico assim ... a olhar, fico a olhar para os ... para os cantos da sala, fico assim a olhar.”

**Gonçalo:** “Ok. A última pergunta é se tu és feliz na escola?”

**Aluno R:** “Sou!”

**Gonçalo:** “Então e porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluno R:** “Porque fiz amigos, porque ... gosto muito dos espaços da escola, gosto muito de brincar nesta escola.”

**Gonçalo:** “Ok, muito obrigado amigo!”

**Aluno R:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno T. S. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Gostas de andar na escola?”

**Aluno T:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Gostas? Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluno T:** “Dos escorregas.”

**Gonçalo:** “Sim? E mais? Só?”

**Aluno T:** “Da ... e da ... do campo de futebol.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno T:** “Estudar.”

**Gonçalo:** “E para quê que achas que a escola serve sem ser estudar? Serve para mais alguma coisa?”

**Aluno T:** “Serve para nós aprendermos quando crescermos.”

**Gonçalo:** “Podem aprender o que querem ser depois quando crescerem, não é?”

**Aluno T:** “Hum, hum.”

**Gonçalo:** “Sim? Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas preferidas?”

**Aluno T:** “As de português, as de inglês e as de história.”

**Gonçalo:** “Sim? Então o que mais gostas de aprender são essas disciplinas é?”

**Aluno T:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então e por exemplo quando são aquelas aulas de ... por exemplo de expressões, de fazer um ... como ali fizeram um boneco de neve, tu gostas também?”

**Aluno T:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Sim? Ok. Pergunta número 5: Por vezes, durante a aula tu sentes que ficas sem saber o quê que tens de fazer? Qual é a tarefa que tens de fazer, às vezes ... isso já te aconteceu?”

**Aluno T:** “Já.”

**Gonçalo:** “Então o quê que ... o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno T:** “(Hamm) Costumo ir perguntar à professora o quê que era para fazer.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que têm de fazer?”

**Aluno T:** (O aluno ficou em silêncio).

**Gonçalo:** “O quê que achas que a professora deveria fazer?”

**Aluno T:** “Devia fazer assim, quem ... quem se tiver a portar bem, a professora dizia aos pais, aqueles que não se portaram bem, a professora dizia que eles não se portaram bem e os pais iam dizer para ele se portar (comportar) melhor.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno T:** “Hum hum.”

**Gonçalo:** “Mas por exemplo, às vezes tens iniciativa, és tu que pões o dedo no ar quando queres responder a alguma coisa, é isso?”

**Aluno T:** “Sim, hum hum.”

**Gonçalo:** “Ou respondes só quando a professora te pede?”

**Aluno T:** “Respondo quando meto o dedo no ar, às vezes e quando a professora me pede.”

**Gonçalo:** “Ok, ok amigo. Pergunta número 8: Tu tens algum momento em que não estás interessado na aula? Às vezes?”

**Aluno T:** “Sim às vezes.”

**Gonçalo:** “Então e em quais momentos, por exemplo?”

**Aluno T:** “Quando nós estamos numa aula de matemática, porque eu não gosto muito.”

**Gonçalo:** “Quando estão na aula de matemática não tens muito interesse é isso?”

**Aluno T:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 9: O quê que tu fazes nesses momentos? Imagina estás na aula de matemática, não estás muito interessado e o quê que fazes?”

**Aluno T:** “Às vezes fico a tentar perceber e às vezes fico a ... a procurar umas coisas que ... umas coisas que eu perco na escola.”

**Gonçalo:** “Ok amigo. A última pergunta é se tu és feliz na escola?”

**Aluno T:** “Eu sou.”

**Gonçalo:** “Então e porquê? Sabes dizer-me porquê que és feliz na escola?”

**Aluno T:** “Porque podemos brincar e podemos estar com amigos e também podemos estudar pra ... quando nós crescermos podemos (Hamm) ter trabalhos e ganhar dinheiro.”

**Gonçalo:** “Muito bem, obrigado!”

**Aluno T:** “De nada!”

**Entrevista à aluna B. S. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E o quê mais gostas na tua escola?”

**Aluna B:** “O recreio.”

**Gonçalo:** “Só o recreio?”

**Aluna B:** “Sim e a biblioteca.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Então o quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluna B:** “Estudar.”

**Gonçalo:** “Sim? Para quê que tu achas que a escola serve, é só para estudar? Só para aprender?”

**Aluna B:** “Ensinar, educar ...”

**Gonçalo:** “Sim? E mais?”

**Aluna B:** “Não sei.”

**Gonçalo:** “É só? Ok. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna B:** “De história e inglês.”

**Gonçalo:** “O que tu gostas mais de aprender é história e inglês é isso?”

**Aluna B:** “Hum hum.”

**Gonçalo:** “Muito bem. Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber o que tens de fazer? Quais é que são as tarefas que tens de fazer?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E o quê que costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluna B:** “Pergunto à professora.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluna B:** “Ou tento ler mais outras vezes para ...”

**Gonçalo:** “Para ficares a perceber, não é? O que tens de fazer. Ok. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e soubessem sempre o que têm que fazer, qual é a tarefa a seguir que têm que fazer?”

**Aluna B:** “(A aluna ficou em silêncio).”

**Gonçalo:** “O quê que tu achas que a professora devia fazer?”

**Aluna B:** “Não sei.”

**Gonçalo:** “Não? Ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Por exemplo, tu costumavas pôr o dedo no ar para participar ou é só quando a professora te chama para participares?”

**Aluna B:** “Às vezes ponho no ar, ponho o dedo no ar para responder.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessada na aula?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Por exemplo em quais momentos?”

**Aluna B:** “Matemática!”

**Gonçalo:** “Quando estão a estudar matemática é? Tu não gostas de matemática?”

**Aluna B:** “Não.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 9: O quê que tu fazes nesses momentos em que não estás interessada na aula? Por exemplo, estão a dar matemática tu não estás muito interessada ou se for um dia em que vens mais cansada e não te apetece muito, o quê que tu costumavas fazer nesses momentos?”

**Aluna B:** “(Hamm) Começo a desenhar, mas ainda estou a ouvir a professora e às vezes vejo as coisas para não estar a perder a matéria.”

**Gonçalo:** “Tentas sempre acompanhar a matéria, não é?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “A última pergunta que eu tenho para te fazer é se tu és feliz na escola?”

**Aluna B:** “Sim, menos quando me batem ou gozam.”

**Gonçalo:** “Mas no fundo tu és feliz, não és?”

**Aluna B:** “Sim.”

**Gonçalo:** “E porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluna B:** “Porque tenho os meus amigos.”

**Gonçalo:** “Sim? E mais?”

**Aluna B:** “E gosto da minha professora e é tudo.”

**Gonçalo:** “Ok obrigado!”

**Aluna B:** “De nada!”

**Entrevista à aluna L. C. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna L:** “Sim muito!”

**Gonçalo:** “Sim? Então o que é que mais gostas na tua escola?”

**Aluna L:** “(Hamm) Eu gosto muito das aulas.”

**Gonçalo:** “Sim? E de ... de fazer o quê nas aulas?”

**Aluna L:** “(Hamm) Gosto muito de aprender história ...”

**Gonçalo:** “Sim.”

**Aluna L:** “(Hamm) E ... (Hamm), ao todo eu gosto muito de aprender, porque também nas aulas fazemos expressões plásticas, mas isso eu não gosto muito, prefiro mesmo aprender.”

**Gonçalo:** “É mesmo aprender, ok, ok boa! Pergunta número 3: Pronto tu já disseste o quê que ... o que vens fazer à escola e o quê que tu achas ... para quê que achas que a escola serve? Aprendem, não é?”

**Aluna L:** “Sim, além de aprender (Hamm), posso me divertir muito cá, arranjo muitos amigos e ... (Hamm), e acho que é só.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas preferidas? O quê que tu mais gostas de aprender? Tinhas dito que era história, não é?”

**Aluna L:** “História ...”

**Gonçalo:** “E mais”

**Aluna L:** “Matemática e inglês.”

**Gonçalo:** “E porquê que tu gostas dessas áreas?”

**Aluna L:** “(Hamm) Então história é uma coisa nova que eu comecei a dar este ano, e que eu acho que é muito interessante.”

**Gonçalo:** “Sim e mais?”

**Aluna L:** “Matemática (Hamm), eu digo que é difícil e eu gosto de me desafiar e ainda por cima é muito divertido.”

**Gonçalo:** “Boa boa, muito bem!”

**Aluna L:** “E inglês é uma língua nova e ... eu gosto.”

**Gonçalo:** “Boa, muito bem, muito bem! Pergunta número 5: Tu às vezes achas que nas aulas ficas sem saber o quê que tens de fazer, quais é que são as tarefas que tens de fazer?”

**Aluna L:** “(Hamm) Sim porque às vezes eu despacho-me muito e a professora não sabe muito bem o que ... o que me dar para fazer, não sabe muito bem o quê que eu devo fazer, por isso às vezes ... fico um bocadinho encalhada.”

**Gonçalo:** “Então e quando isso acontece o quê que tu tentas fazer? O quê que ...”

**Aluna L:** “(Hamm) Então normalmente fico à espera e enquanto espero ... (Hamm), vou brincando um bocadinho ou lendo, depende.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem! Pergunta número 6: Tu achas que ... o quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula?”

**Aluna L:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “E às tarefas que têm que fazer?”

**Aluna L:** “Sim, sim eu ... a professora enquanto ... quanto às tarefas, ela fez ali uma tabela e colocou um cartãozinho com os nossos nomes (Hamm) e (Hamm), a cada, a cada semana ela tira um nome e ... (Hamm), por exemplo, para dar o leite, ela tira um nome, o nome que calhar é a dar o leite, ela faz isto para as tarefas, agora para pôr os meninos com atenção, a nossa turma é muito difícil, por isso, nem sempre isso acontece.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna L:** “Gosto muito! Muito, muito!”

**Gonçalo:** “Então, por exemplo gostas de ir ao quadro ...”

**Aluna L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “É?”

**Aluna L:** “Sim, tanto ao interativo como ao de giz.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem! Pergunta número 8: Tu tens momentos em que não estás interessada nas aulas, não tens muita vontade ...?”

**Aluna L:** “Sim porque às vezes nós relembramos coisas que demos há muito tempo (Hamm), isso é um bocadinho secante e também por causa de certos alunos nós fazemos trabalho extra, eu não digo que é mau, mas às vezes chateio-me um bocadinho.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: O quê que tu fazes nesses momentos que não estás interessada?”

**Aluna L:** “(Hamm) Tenho de fazer, não é, os trabalhos, tenho de ... continuar com atenção porque não deixa de ser uma aula.”

**Gonçalo:** “Exato! Tens razão, tens razão. E a última pergunta: Tu és feliz na escola?”

**Aluna L:** “Muito!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluna L:** “(Hamm) Porque tenho os amigos ... porque tenho amigos, tenho auxiliares ótimas, uma professora ótima, só fico triste é de às vezes os miúdos se portarem mal ... os meninos.”

**Gonçalo:** “Muito bem! Muito obrigado!”

**Aluna L:** “De nada!”

**Entrevista ao aluno L. C. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno L:** “Sim gosto do intervalo.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno L:** “De aprender tipo estudo do meio gosto muito.”

**Gonçalo:** “Então por exemplo o quê que tu gostas mais na escola para além do recreio e do estudo do meio, gostas de mais alguma coisa na escola?”

**Aluno L:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Alguma coisa que tu te lembres, assim que gostas mais.”

**Aluno L:** “Gosto também de matemática.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno L:** “(Hamm) ... das AEC s.”

**Gonçalo:** “Também gostas das AEC s? Boa!”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então ... pronto também já acabaste por dizer, mas eu vou te perguntar na mesma. A pergunta número 3 que é: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno L:** “Aprender.”

**Gonçalo:** “Aprender e para quê que achas que a escola serve? É para aprender, não é? Mas serve para quê, para mais alguma coisa sem ser aprender?”

**Aluno L:** “Acho que não.”

**Gonçalo:** “Ok ok. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas? Por exemplo tu achas que ... assim numa aula em que a professora está a dizer mais matéria ou a passar-vos exercícios para fazer ou por exemplo quando têm ... por exemplo aqueles trabalhos de expressões. O quê que te interessa mais?”

**Aluno L:** “Quando é tipo, quando a professora escreve coisas no quadro, como eu ... eu sou muito rápido a copiar, eu faço isso e depois a professora pede “vai fazer as páginas de matemática, vai fazer as páginas de estudo do meio” e às vezes isso é tão, tão fácil que eu faço num instante.”

**Gonçalo:** “A sério?”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então o quê que tu gostas mais de aprender por exemplo ... uma disciplina que tu gostes mais de aprender.”

**Aluno L:** “(Hamm) O que eu gosto mais é de estudo do meio, tipo os povos, os reis ...”

**Gonçalo:** “É? Boa, isso é bom! Pergunta número 5: Tu por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefa é que tens para fazer? Imagina, a professora ...”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Diz “vamos fazer isto” por exemplo, uma tarefa, e tu ... não sei, passado um momento esqueceste do quê que tens de fazer, isso acontece contigo ou não?”

**Aluno L:** “Sim às vezes ... algumas ... algumas vezes

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece? Quando ficas sem saber o quê que tens para fazer, o quê que tu fazes?”

**Aluno L:** “Às vezes acontece que eu ... nós estamos a ... eu sei o quê que é para fazer, nós estamos a fazer, eu distraio-me um bocadinho, já eles tinham feito um exercício e já tinham apagado.”

**Gonçalo:** “Foi? Ok, ok.”

**Aluno L:** “Já aconteceu uma ou duas vezes.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula, para que todos os alunos saibam o quê que têm que fazer, quais é que são as tarefas têm que fazer?”

**Aluno L:** “Não sei.”

**Gonçalo:** “O quê que tu achas que a professora podia fazer por exemplo, para vocês estarem com atenção à aula?”

**Aluno L:** “(O aluno ficou em silêncio)”

**Gonçalo:** “Por exemplo, o quê que a professora faz quando vê que vocês estão distraídos? O quê que a professora ...”

**Aluno L:** “Ralha, às vezes.”

**Gonçalo:** “Chama-vos à atenção, não é?”

**Aluno L:** “Sim chama a atenção.”

**Gonçalo:** “E mais? Não faz mais nada assim ... para vocês estarem com atenção? Por exemplo não te chama “L (Nome do aluno) vem aqui ao pé de mim” e explica-te o exercício por exemplo, isso nunca aconteceu? A professora não costuma fazer isso?”

**Aluno L:** “Às vezes chama-me para explicar ... e às vezes eu vou lá.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno L:** “Gosto um bocadinho, porque às vezes não gosto muito das aulas, há coisas que eu não percebo e temos tipo de fazer o trabalho sozinhos.”

**Gonçalo:** “Mas por exemplo é iniciativa tua ... imagina a professora não precisa de te perguntar nada, tu pões o dedo no ar e queres responder, isso acontece ou não gostas muito?”

**Aluno L:** “Nós fazemos por ordem tipo eu estou nesta ponta, os que estão ao meu lado, à minha frente vão respondendo.”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluno L:** “Depois passa para a outra fila de cadeiras ...”

**Gonçalo:** “Ah ok, ok depois quando chega a tua vez és tu que respondes é isso?”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessado nas aulas? Por exemplo, imagina, no momento da manhã ...”

**Aluno L:** “Sim ...”

**Gonçalo:** “Quais é que são os momentos assim na aula que não te interessam às vezes, que não estás mesmo interessado?”

**Aluno L:** “Português.”

**Gonçalo:** “Quando estão a dar português?”

**Aluno L:** “Porque aquilo que acontece quando eles passam o exercício já está apagado em que ... acho que só foi com português ainda.”

**Gonçalo:** “E não houve assim mais nada que tu não demonstraste ... desinteresse neste caso, não?”

**Aluno L:** “Às vezes de manhã, eu às vezes acordo a meio da noite tipo às duas, depois ou tipo, hoje acordei às duas da manhã, depois acordei também às cinco porque não conseguia dormir ... então não dormi quase nada quando chego à escola.”

**Gonçalo:** “E depois vens com sono para a aula é isso?”

**Aluno L:** “Sim (risos)”

**Gonçalo:** “Então isso também leva a que tu não mostres muito interesse é isso?”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “É esse também um dos motivos, não é?”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 9: Por exemplo, nesses momentos em que tu vens por exemplo, e não estás interessado, o quê que tu fazes? Por exemplo, imagina vens, sentaste ...”

**Aluno L:** “Tenho o meu cubo mágico, às vezes mexo nele, vou fazer desenhos ... às vezes.”

**Gonçalo:** “São assim esse tipo de coisas que tu fazes é isso? Fazer desenhos ...”

**Aluno L:** “Sim, mas estou quase sempre a mexer no cubo, eu trazia todos os dias, mas deixei no meu pai.”

**Gonçalo:** “Ah ok, ok. E a última pergunta que eu tenho para te fazer é se tu és feliz na escola?”

**Aluno L:** “Sou mas às vezes deixam-me de parte nas brincadeiras, num dia vou (Hamm), estávamos todos a brincar de rapazes, acho que nenhuma rapariga e era o covid, era apanhar e quem não ... quem apanhasse ficava o covid e ... estava a correr tudo bem e o V (nome de um aluno da turma) foi ao pé de mim e disse “não estás a brincar” depois o R (nome de um aluno da turma) foi ao pé de mim e foi-me contar a verdade. O V (nome de um aluno da turma) tinha dito assim ao R (nome de um aluno da turma) “não digas ao L (nome do aluno entrevistado) mas ele não está a brincar, não digas a ele”

**Gonçalo:** “Ok então ...”

**Aluno L:** “E às vezes deixam-me, tipo às vezes brinco sozinho ... às vezes não tenho ninguém para brincar.”

**Gonçalo:** “E com meninos de outras turmas não brincas? Meninos ou meninas.”

**Aluno L:** “Não.”

**Gonçalo:** “Então, mas tu chegaste a dizer-me que és feliz na escola, porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluno L:** “Quando brincam comigo, quando ... quando estão mesmo meus amigos tipo o D (nome de um aluno da turma) hoje está chateado, não sei o quê que ... o quê que ele tem e tipo não brinca muito comigo.”

**Gonçalo:** “Mas pronto, mas és feliz na escola e é isso que interessa não é L (nome do aluno entrevistado)?”

**Aluno L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então olha L (Nome do aluno entrevistado) muito obrigado!”

**Aluno L:** De nada!

**Entrevista ao aluno R. B. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno R:** “Porque que eu gosto de andar na escola?”

**Gonçalo:** “Sim, gostas?”

**Aluno R:** “Gosto! Sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu gostas mais na tua escola?”

**Aluno R:** “(Hamm) Jogar futebol com os meus amigos e ... e ... o inglês.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola?”

**Aluno R:** “Para aprender, estudar e saber mais coisas.”

**Gonçalo:** “Então achas que a escola serve só para aprender?”

**Aluno R:** “Não, para ter novos amigos e ... acho que ... e aprender novas matérias.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais são as tuas aulas favoritas? O quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluno R:** “Estudo do meio e inglês.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens de fazer?”

**Aluno R:** “Como assim?”

**Gonçalo:** “Imagina, estás na aula e a professora diz que tens que fazer aquele trabalho e tu passado um ... não comesças logo a fazer o trabalho e passado um bocadinho já não te lembravas do quê que é para fazer, isso já te aconteceu?”

**Aluno R:** “Já!”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluno R:** “(Hamm) Vou à professora tirar ... tirar as dúvidas, tentar tirar as dúvidas para perceber melhor.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O que é que tu achas que a professora deveria fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e aos trabalhos?”

**Aluno R:** “(Hamm) Se calhar ... é que há vários que, nem todos estão a prestar atenção (Hamm) e ... se calhar ... nós no primeiro tínhamos como vocês também ajudam, pronto nós tínhamos também isso para ajudar no primeiro ano e assim e acho que era uma boa ... porque é uma professora com vários alunos e uma pessoa com várias ... várias crianças que não estão a prestar atenção e se calhar fazer como vocês fazem.”

**Gonçalo:** “Ok, ok amigo. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno R:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “E porquê que tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno R:** “Porque (Hamm) ... porque eu ... porque gosto de ... de dizer as respostas e ... e gosto de ...”

**Gonçalo:** “Gostas de responder é isso? Para ficares também a compreender melhor a matéria é isso? Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessado na aula?”

**Aluno R:** “(Hamm) ... Sim.”

**Gonçalo:** “Então e quais é que são esses momentos por exemplo? Quando é que tu não estás muito interessado?”

**Aluno R:** “Quando é que ... quando nós estamos a fazer a matéria de matemática (Hamm) a professora está sempre a explicar, isso é bom para os alunos, mas às vezes não fico interessado porque ... eu gosto até de matemática, mas ... às vezes não ... não me interessa, mas até gosto, mas ... até não fico ... não fico não interessado nas aulas, até gosto de matemática, mas ...”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: Imagina, como tu me estavas a dizer, às vezes em matemática não estás muito interessado, então e o quê que tu fazes quando não estás muito interessado?”

**Aluno R:** “(Hamm), Ou ... ou ... ou ... fico só ali a olhar para o quadro ou fico assim a olhar para o quadro ou então fico só parado assim com a caneta e tal.”

**Gonçalo:** “E a última pergunta: Tu és feliz na escola?”

**Aluno R:** “Sim às vezes!”

**Gonçalo:** “Então porquê?”

**Aluno R:** “Porque ... eu ... não sei.”

**Gonçalo:** “Muito obrigado amigo!”

**Aluno R:** “De nada!”

### Entrevista ao aluno D. M. 4º ano

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: “Tu gostas de andar na escola?”

**Aluno D:** “Sim:”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que mais gostas na tua escola?”

**Aluno D:** “De jogar à bola.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que vens fazer à escola?”

**Aluno D:** “Aprender.”

**Gonçalo:** “Para quê que achas que a escola serve para além de aprender?”

**Aluno D:** “Brincar e divertirmo-nos.”

**Gonçalo:** “Ok ok. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluno D:** “As de inglês!”

**Gonçalo:** “Sim? O quê que tu mais gostas de aprender, é só inglês? Não gostas de outras?”

**Aluno D:** “Estudo do meio e português!”

**Gonçalo:** “Ok ok. Pergunta número 5: Por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefas tens de fazer?”

**Aluno D:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Já alguma vez te aconteceu isso?”

**Aluno D:** “Já!”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu fazes quando isso acontece? Por exemplo, a professora dá uma tarefa, tu, imagina distrais-te um bocadinho, depois ficas sem saber o quê que tens de fazer, o quê que ... o quê que tu vais logo fazer nesse momento?”

**Aluno D:** “Eu ... às vezes pergunto à professora o quê que é para fazer e outras vezes fico ... a ... a brincar com a borracha.”

**Gonçalo:** “Ok ok. Pergunta número 6: O quê que achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas? O quê que tu achas que a professora devia fazer?”

**Aluno D:** “A professora devia de chamar um a um para irem à mesa dela e dizer o quê que é para fazer.”

**Gonçalo:** “Ok ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluno D:** “Mais ou menos.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 8: Tens alguns momentos em que não estás interessado nas aulas?”

**Aluno D:** “Alguns!”

**Gonçalo:** “E em quais momentos sabes dizer-me?”

**Aluno D:** “Quando é aula de matemática.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 9: O quê que tu fazes nos momentos em que não estás interessado na aula? Disseste-me que por exemplo na aula de matemática não estás interessado e o quê que tu fazes nesse momento?”

**Aluno D:** “Às vezes fico a brincar com a borracha e outras vezes vou desenhar.”

**Gonçalo:** “Ok. A última pergunta: Tu és feliz na escola.”

**Aluno D:** “Sim!”

**Gonçalo:** “Porquê?”

**Aluno D:** “Por causa dos ... porque tenho muitos amigos para brincar e os professores.”

**Gonçalo:** “Muito obrigado!”

**Aluno D:** “De nada.”

**Entrevista à aluna L. M. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê mais gostas na tua escola?”

**Aluna L:** “Gosto ... de andar no recreio, gosto de fazer expressões ...”

**Gonçalo:** “Sim?”

**Aluna L:** “E também gosto de muitas ... também gosto de estar a brincar com os meus amigos ... e acho que é tudo mas gosto de mais coisas.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Vens só aprender ou não?”

**Aluna L:** “Eu ... não, venho trabalhar e venho fazer ... venho me divertir. Às vezes para fazermos jogos ... e para aprendermos a fazer contas e pra ... e para tudo”

**Gonçalo:** “Então para quê que a escola serve?”

**Aluna L:** “Pra nós aprendermos ... para ... e também para ... (hum) ... às vezes ... para nos divertirmos.”

**Gonçalo:** “Muito bem, muito bem. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna L:** “(Hamm) ... aulas como?”

**Gonçalo:** “Por exemplo imagina, tu gostas mais das aulas em que têm de fazer exercícios ou fichas, ou por exemplo, quando têm partes mais práticas, por exemplo: educação física, expressões, expressão plástica ... por exemplo ali a fazer o boneco de neve, aquelas coisas assim ... trabalhos mais práticos ...”

**Aluna L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “São essas as aulas que tu gostas mais?”

**Aluna L:** “Sim.”

**Gonçalo:** “Então, mas ... porquê? Porquê que são ... o quê que tu mais gostas de aprender?”

**Aluna L:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “Falaste-me dessas ... dessas partes dos trabalhos plásticos, não é? Tu gostas de aprender isso?”

**Aluna L:** “Sim gosto:”

**Gonçalo:** “Então e as outras disciplinas? Também gostas de aprender outras disciplinas?”

**Aluna L:** “Sim gosto de estudo do meio e de matemática e português ... e pronto.

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Tu por vezes sentes que durante as aulas ficas sem saber que tarefa é que tens de fazer? Isso costuma acontecer contigo ou não?”

**Aluna L:** “Não, não costuma acontecer.”

**Gonçalo:** “Nunca te aconteceu?”

**Aluna L:** “Já me aconteceu, mas não costuma acontecer.”

**Gonçalo:** “Ok ok. Então tu lembraste dessa vez que te aconteceu que tu ficaste sem saber o que tinhas de fazer, o quê que tu fizeste quando isso aconteceu? O quê que costumas fazer?”

**Aluna L:** “Pergunto à professora algumas vezes quando não me lembro ou então pergunto a um amigo ou assim.”

**Gonçalo:** “Ok, ok.”

**Aluna L:** “A um colega.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora devia fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas?”

**Aluna L:** “(Hamm) ...”

**Gonçalo:** “O quê que a professora devia fazer? O quê que tu achas que a professora deveria fazer?”

**Aluna L:** “Devia dizer para estarem ... devia dizer isso e também devia avisá-los, se eles se portassem mal e assim. (Hamm) e ... também ... e devia dizer ... de pedir ... pôr primeiro coisas mais simples e ... e depois, isto não tem muito haver, mas podia pôr coisas mais

simples e depois ela ... se ... se ele ... podia no próximo exercício podia pôr coisas um bocadinho mais difíceis.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna L:** “Gosto.”

**Gonçalo:** “Então, mas por exemplo é por iniciativa tua? És tu que pões o dedo no ar ou esperas que a professora te chame para seres tu a responder?”

**Aluna L:** “No momento não é para ... (Hamm) às vezes ponho o dedo no ar, outras vezes a professora diz, diz-me para eu fazer.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessada nas aulas?”

**Aluna L:** “Muito raramente. Só quando eu não gosto muito da coisa que estamos a fazer.”

**Gonçalo:** “Como por exemplo?”

**Aluna L:** “Não gosto muito de fazer contas ... mais ... mais das em pé ... das de dividir, são muito difíceis para mim e ... e também não gosto quando está a haver muito barulho e depois não consigo ouvir o que a professora está a dizer.”

**Gonçalo:** “Ok, ok. Pergunta número 9: O quê que tu fazes nesses momentos? Imagina não ... não estás interessada. Por exemplo já acabaste essa tarefa ou por exemplo algum dia, por alguma razão não queres fazer essa tarefa, o quê que tu fazes?”

**Aluna L:** “Não sei, isso nunca me aconteceu.”

**Gonçalo:** “Nunca te aconteceu?”

**Aluna L:** “Não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluna L:** “Só agora sou a única a fazer isto dentro da sala de aula.”

**Gonçalo:** “Ok. A última pergunta que eu tenho para te fazer é se tu és feliz na escola?”

**Aluna L:** “Sim sou feliz na escola.”

**Gonçalo:** “E porquê que és feliz na escola?”

**Aluna L:** “Por causa que nós ... nós temos toda a gente pra ... pra sermos amigos e temos pessoas para nos apoiar e depois ... e aprendemos para quando formos mais velhos.”

**Gonçalo:** “Muito obrigado!”

**Aluna L:** “De nada!”

### Entrevista à aluna M. P. 4º ano

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna M:** “Sim! Gosto de estar com os meus amigos, também ir às vezes fazer algumas coisas que a professora diz e perguntas, pronto! Gosto sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluna M:** “Acho que é estar com os meus amigos e brincar.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Para quê que tu achas que a escola serve?”

**Aluna M:** “Acho que é para ensinar coisas ... acho também para estar com os amigos, brincar e também estudar e divertir e assim

**Gonçalo:** “Muito bem. Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna M:** “Eu gosto de estudo do meio e de inglês.”

**Gonçalo:** “Então o que tu mais gostas de aprender são essas duas disciplinas é?”

**Aluna M:** Sim.”

**Gonçalo:** “Então e outras, não gostas de aprender outras coisas?”

**Aluna M:** “Acho que gosto, só que às vezes é um bocadinho difícil.”

**Gonçalo:** “O quê que tu achas que é difícil?”

**Aluna M:** “As perguntas, às vezes, acho que português e matemática são as matérias mais difíceis.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Tu às vezes achas que durante a aula ficas sem saber qual é o trabalho que tens de fazer? Isso já te aconteceu alguma vez?”

**Aluna M:** “Acho que não.”

**Gonçalo:** “Não?”

**Aluna M:** “Não.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora deveria fazer para que todos os alunos estivessem atenção à aula e aos trabalhos que têm de fazer?”

**Aluna M:** “(Hamm) Tentar fazer o que a professora está a fazer agora, que é pôr um carimbo e depois dar uma recompensa. Eu acho que isso ajuda, mas não sei mais o que dizer.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna M:** “Sim. Às vezes tento pensar, pôr o braço no ar e pronto depois fico assim. A professora às vezes escolhe-me, às vezes escolhe os outros e pronto.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessada nas aulas?”

**Aluna M:** “Às vezes quando é uma coisa que eu já sei, principalmente no inglês, às vezes de vez em quando, muito poucas.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: Por exemplo, nesses momentos em que tu não estás muito interessada, o quê que tu fazes?”

**Aluna M:** “Ponho-me a desenhar como aconteceu agora.”

**Gonçalo:** “Ok. E a última pergunta que eu tenho para te fazer é se tu és feliz na escola?”

**Aluna M:** “Sim!”

**Gonçalo:** “E porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluna M:** “Porque estou com os meus amigos, aprendo coisas novas e ... pronto e acho que é só.”

**Gonçalo:** “Ok, obrigado!”

**Aluna M:** “De nada!”

**Entrevista à aluna R. A. 4º ano**

**Gonçalo:** “Pergunta número 1: Tu gostas de andar na escola?”

**Aluna R:** “Gosto sim!”

**Gonçalo:** “Pergunta número 2: O quê que tu mais gostas na tua escola?”

**Aluna R:** “É estudar matemática e estar no recreio.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 3: O quê que tu vens fazer à escola? Para quê que achas que a escola serve?”

**Aluna R:** “Para ... para aprender as matérias e para a gente tirar dúvidas.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 4: Quais é que são as tuas aulas favoritas?”

**Aluna R:** “A minha aula preferida é a normal da professora ...”

**Gonçalo:** “Sim, sim, mas o quê que tu gostas mais de aprender?”

**Aluna R:** “Matemática.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 5: Tu por vezes sentes que durante a aula ficas sem saber que tarefa é que tens de fazer? Isso já alguma vez te aconteceu?”

**Aluna R:** “Já!”

**Gonçalo:** “Então e o quê que tu costumavas fazer quando isso acontece?”

**Aluna R:** “Eu vou perguntar à professora ou ... ou às vezes a professora ela repete o que é para fazer nos exercícios.”

**Gonçalo:** “Ok muito bem. Pergunta número 6: O quê que tu achas que a professora deveria fazer para que todos os alunos estivessem com atenção à aula e às tarefas que têm de fazer?”

**Aluna R:** “Ser ... ser mais dura para eles, para eles aprenderem que não se deve ... não se deve portar mal.”

**Gonçalo:** “Ok. Pergunta número 7: Tu gostas de participar nas aulas?”

**Aluna R:** “Gosto!”

**Gonçalo:** “E porquê que gostas de participar nas aulas?”

**Aluna R:** “Porque é divertido e também a gente aprende também coisas novas.”

**Gonçalo:** “Muito bem. Pergunta número 8: Tu tens alguns momentos em que não estás interessada nas aulas?”

**Aluna R:** “Não.”

**Gonçalo:** “Nunca tiveste alguma disciplina ou alguma coisa que não te apetecia muito fazer? Algum trabalho que não te apetecesse assim muito ...”

**Aluna R:** “Eu não me lembro, mas eu acho que já foi em português.”

**Gonçalo:** “Pergunta número 9: Imagina, estavas a falar-me desse teu exemplo de português e tu lembras-te do quê que fizeste nesse momento? Não te apetecia fazer o trabalho de português e o quê que tu fizeste?”

**Aluna R:** “Eu tive que fazer porque era obrigatório.”

**Gonçalo:** “Foi? Ok. E a última pergunta é se tu és feliz na escola?”

**Aluna R:** “Sou!”

**Gonçalo:** “Então e porquê que tu és feliz na escola?”

**Aluna R:** “Porque eu tenho muitos amigos e eu divirto-me muito a brincar com eles.”

**Gonçalo:** “Muito bem, obrigado!”

**Aluna R:** “De nada!”